



Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Mestrado Profissional em Educação e Docência

Marcela de Queiroz Teófilo

Podcasts no Museu do Cotidiano:

um estudo sobre conteúdos sonoros

e diálogos abertos

Belo Horizonte

2019

Marcela de Queiroz Teófilo

**PODCASTS NO MUSEU DO COTIDIANO:  
UM ESTUDO SOBRE CONTEÚDOS SONOROS E DIÁLOGOS ABERTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação em Museus e Divulgação Científica

Orientadora: Profa. Dra. Marina Assis Fonseca

Belo Horizonte

2019

|            |  |
|------------|--|
| T314p<br>T | <p>Teófilo, Marcela de Queiroz, 1983-<br/>Podcasts no Museu do Cotidiano [manuscrito] : um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos / Marcela de Queiroz Teófilo. - Belo Horizonte, 2019.<br/>129 f. : enc, il., color.</p> <p>Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.<br/>[Inclui recurso educacional. (f. 113-129 : il., color.), com o título: "Iniciando a trilha sonora do podcast DecolAtiva no museu do cotidiano (mUc): um pequenino almanaque..."].<br/>Orientador: Marina Assis Fonseca.<br/>Bibliografia: f. 99-101.<br/>Apêndices: f. 102-129.</p> <p>1. Museu do Cotidiano (Belo Horizonte, MG) -- Aspectos educacionais -- Teses.<br/>2. Educação -- Teses. 3. Museus -- Aspectos educacionais -- Teses. 4. Museus e escolas -- Teses. 5. Registros sonoros na educação -- Teses. 6. Podcasts -- Aspectos educacionais -- Teses. 7. Tecnologia educacional -- Teses. 8. Ensino -- Meios auxiliares -- Teses. 9. Ensino audiovisual -- Teses. 10. Podcasters -- Narrativas pessoais -- Teses. 11. Educadores -- Narrativas pessoais -- Teses. 12. Filósofos -- Narrativas pessoais -- Teses. 13. Jornalistas -- Narrativas pessoais -- Teses. 14. Museólogos -- Narrativas pessoais -- Teses. 15. Filosofia -- Estudo e ensino -- Teses. 16. Diálogos -- Aspectos educacionais -- Teses.<br/>I. Título. II. Fonseca, Marina Assis, 1972-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.</p> |
|            | CDD- 371.38  |

**Catálogo da Fonte<sup>§</sup> : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário<sup>†</sup>: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O  
(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma  
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica<sup>‡</sup>.)

\* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º - "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



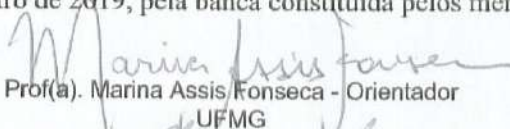
**FOLHA DE APROVAÇÃO**

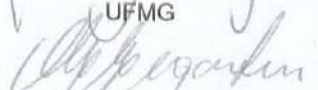
**Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos**

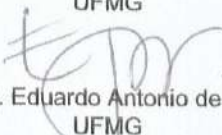
**MARCELA DE QUEIROZ TEÓFILO**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Marina Assis Fonseca - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Verônica Campos Segantini  
UFMG

  
Prof(a). Eduardo Antonio de Jesus  
UFMG

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2019.

## DEDICATÓRIA

Dedicado a “objeteiros(as)”, poetas, filósofos(as), professores(as), e outros(as) narradores(as) e  
sujeitos de experiências dos cotidianos de todos os tempos...

Algumas coisas da vida  
entardecem a gente  
convite para que se amanheça  
junto com o pôr-do-sol  
Você à margem  
da parte menos caudalosa do maior dos rios  
sabe que defende coisas  
aparentemente sem nexo  
Andaram lhe dizendo  
que há jeitos e há horas  
Foi assim que muitas pessoas  
se perderam de si  
Você à margem  
da parte menos caudalosa do maior dos rios  
sabe que precisa caminhar  
para onde possa se lançar de fato  
nos próprios mergulhos  
E, agora que entardeceu por dentro  
se levanta como um sol em plena noite  
que começa no mundo lá fora  
disposto(a) a ignorar a lua, as estrelas e outras inconstâncias  
Chegou no mais alto do céu  
o seu sentimento inexplicável  
enigma que  
diante dos seus olhos  
põe sem nenhum mistério  
toda a eternidade para lhe fazer sentido

## AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas (e a Pagu, minha cúmplice-cachorrinha!) para agradecer. Sempre me disseram sobre a chegada de uma hora em que “as coisas acontecem pra gente”. Estavam cobertos(as) de razão. Com o PROMESTRE, o *Para Elas: por elas, por eles, por nós* e o Museu do Cotidiano (mUc), chegou o esperado momento da minha vida “acontecer”. Começou parecendo árvore desfolhada no inverno e, agora, como floresce! Outras estações mais amenas chegam, naturalmente, e anunciam frutos.

Ainda assim, faz toda a diferença ter quem venha nos lembrar desse jeito de ser ritmado do tempo. Não estive sozinha no meio do turbulento conflito entre dois gigantes: o desconhecido e o entusiasmo. E agradecimentos são formas de contar para as pessoas sobre o quanto elas trabalharam bem na equipe de realização dos nossos sonhos. Pela confiança, disponibilidade e companheirismo, agradeço especialmente aos sujeitos de experiência a seguir:

Marcelo e Christina, amados pais; Lucas, querido irmão e família. À Pagu, há quase uma década o anjo que me acompanha! Aos leais e prestativos(as) amigos(as): Profa. Elza Melo, Lauriza Nunes, Pedro Machado, Lilian Vieira, Lorena Michalick, Maria Inez Pereira, Alice Ventura, Soraya Fideles, Ana Flávia Santos, enfim, o *Para Elas* inteiro... Aqueles(as) a quem tive a alegria de conhecer durante este processo, de quem recebi tanta colaboração: Isabela Vecci, Antônio Carlos (“Objeteiro”), “Santo” Expedito, Queila Oliveira, Dona Ana, Gilson Ferreira, Rafael Paiva e cada colega de percurso. A toda a equipe do PROMESTRE, sobretudo à Profa. Marina Assis, pela sensibilidade com que me orientou durante a pesquisa. Também ao Prof. Bernardo Jefferson e a todos(as) aqueles(as) que se disponibilizaram a participar da construção deste trabalho e da banca.

São nomes que honram e representam as(os) tantas(os) mulheres, homens, meninas e meninos com quem aprendo a viver... Imensa força coletiva que me anima a seguir em frente, de cabeça erguida e com o sorriso predominante no rosto, nesta deriva “*DecolAtiva*” de belos encontros e necessárias procuras!

“O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida. (...) Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.”

Walter Benjamin



## RESUMO

TEÓFILO, M. Q.. **Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos**. 2018. Dissertação - Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2019.

Nesta dissertação, uma professora de Filosofia busca compartilhar a experiência de curadoria de conhecimentos vivida por ela durante uma pesquisa no Mestrado Profissional Educação e Docência (PROMESTRE/FaE/UFMG), na linha de Educação em Museus. A oportunidade ora referida culminou na produção de (6) seis episódios da “trilha sonora” inicial do *Podcast DecolAtiva* para o Museu do Cotidiano (mUc), em Belo Horizonte, Minas Gerais. Para tanto, campos como Filosofia, Educação, Comunicação, Literatura e Museologia “conversam” entre si sobre meios, linguagens e formas de conhecer as experiências curatoriais realizadas por filósofos(as), educadores(as), jornalistas, poetas e museólogos(as), dentre outros(as). Sistematizações/métodos pedagógicos e filosóficos, por exemplo, recebem assim uma abordagem de fenômenos cuja compreensão se relaciona com o funcionamento da sociedade onde se manifestam. Por isso, propõe-se aqui um diálogo com diferentes pensadores(as) dentre os(as) vários(as) voltados(as) para os papéis de cada sujeito em sua atitude perante as informações e a construção, a socialização de conhecimentos. A Epistemologia Qualitativa, enquanto referencial metodológico e epistemológico, favoreceu a captação dos áudios durante o acompanhamento de visitas ao mUc por contribuir para que a imersão viabilizasse o traçado da fundamentação teórica a partir da análise do cenário expositivo. Ideias e conceitos identificados com o espaço e a mediação narrativa oferecida por Antônio “Objeteiro” foram determinantes para a edição das gravações. Dessa maneira, os conteúdos sonoros se apresentam em consonância com elementos do Movimento de pesquisa (auto)biográfica, da Educomunicação, e com a representatividade das figuras do “Narrador”, de W. Benjamin e do “Sujeito de experiências”, de Larrosa. A intersubjetividade característica das ações dialógicas e comunicativas presentes nos pensamentos de Paulo Freire e Habermas aparece como outra referência importante para os resultados obtidos. Enquanto formato digital, o Podcast demanda uma continuidade e estimula o aprimoramento do mUc também em espaços virtuais, onde sujeitos do século XXI ampliam seus horizontes de convívio, narram, registram e compartilham o que experimentam em seu dia a dia. Por isso, para editar as histórias gravadas, a colaboração das falas de visitantes e a linguagem poética estiveram na reflexão de hipóteses sucessivas, em meio à identificação e à organização dos indicadores (um conjunto de típicas expressões linguísticas e traços de surpresa e alegria, emoções predominantes nas visitas ao mUc) em categorias intituladas *Cultivo da Infância*, *Paradas Obrigatórias* e *Tragicomédias da singularidade*. Por circunstâncias diversas, quando integradas, subjetividades, linguagens e mídias envolvem múltiplas características, recursos e funções possíveis aos sujeitos. Na conjuntura de convivência das diversidades, as vozes registradas no decorrer dessa realização colaboram para concepções que encontrem e que reverberem os diálogos abertos no e pelo mUc. O convite para iniciativas cotidianas rumo ao desenvolvimento autônomo e constante de formas livres, individuais e coletivas de se produzir e reproduzir conteúdos em toda a nossa sociedade: criar produtos e vislumbrar ações educativas no contexto estudado apresentou-se, portanto, também como uma iniciativa em prol de fomentar o desenvolvimento do ensino/divulgação da Filosofia em ambientes de educação não formal como cafés, museus, centros culturais, praças, parques e equipamentos públicos, mídias/plataformas digitais, etc.

**Palavras-chave:** Educação em Museus. Educomunicação. Narrativas (auto)biográficas. Filosofia. Diálogos. Podcasts.

## ABSTRACT

Teófilo, M.Q.. **Podcasts in the Museu do Cotidiano (Daily Museum): a study on the resonant contents and open dialogues.** 2018. Dissertation - Education College from UFMG, Belo Horizonte, MG.

In this research, a philosophy teacher seeks to share her experience about her expertise in curatorship, while she was in a research in the Professional Master Course in Education and teaching (PROMESTRE/FAE/UFMG). This opportunity culminated the production of six episodes from the initial "soundtrack" DecolActive Podcast to the Museu do Cotidiano (MuC), in Belo Horizonte, Minas Gerais. Therefore, areas like philosophy, education, communication, literature and museology talk among themselves when it refers to the language and the different ways to know curatorship experiences lived by philosophers, educators, journalists, poets and museologists, among others. The pedagogic and philosophic method or systematization, for instance, receive a phenomenon approach, which the comprehension relates to the working from the society, where they're identified. For this reason, we propose a dialogue with different thinkers when it refers to the role of each person in his attitudes towards to the information and the construction, the knowledge socialization. The qualitative epistemology, as a methodological and epistemological reference helped the audio captation during the visits at the mUc. It also contributed to the immersion of the theoretical basis, analyzing the exhibition scenario. Ideas and concepts identified in the space and the narrative mediation offered by Antonio interposition were determinant to the recordings edition. Thus, the resonant contents are presented in consonance with the elements from the research movement (auto) biographical, from Educommunication and with the representative images from the "Narrator", by W. Benjamin and from "Subject of experience", Larrosa. The intersubjectivity from the dialogue and communicative actions presented in the Paulo's Freire and Habermas' thoughts are determinants to the obtained results. While they are in digital shape, the podcast requires the continuity and stimulates the presence from the mUc in the virtual spaces, where the people from the century XXI amplify their convivial horizons, narrate, register and share their daily experience. Therefore, to edit the recorded audios, the collaboration of the visitors comments was in the reflection of the successive hypothesis, and it also involved the identification and indicators organization (a group of typical idiomatic expressions, surprised and happiness traits and emotions in the visiting to the mUc) in title category " the childhood cultivation", "Mandatory stops" and "Tragicomedies from the singularity". For diverse circumstances, when integrated, intersubjectivities, languages and media involve multiple characteristics, resources and functions which are possible to the people. In the interaction among the diversities, the voices recorded during the elaboration collaborate, so that the conceptions find and reverberate the opened dialogues at mUc. The invitation to daily researches to get the own and constant development involving free, individual and collective shapes about producing and reproducing contents in our society: the creation of products and the educational actions shimmered also represented an initiative to promote the education development/ philosophy divulgation in non-formal education environments as cafes, museums, cultural center, squares, parks, public equipments, media/digital platforms, etc.

**key-words:** Education in Museums. Educommunication. Narratives (auto) biographical. Philosophy. Dialogues. Podcasts.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES/QUADRO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>FOTOGRAFIA 1:</b> Capa e cena do filme “O Palhaço” .....   | <b>18</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 2:</b> Capa do livro “A audácia dessa mulher” .....                                     | <b>20</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 3:</b> O Museu do Cotidiano visto do mezanino.....                                      | <b>58</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 4:</b> A cadeira de Barbeiro.....   | <b>67</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 5:</b> Corredor de entrada do mUc.....  | <b>70</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 6:</b> Grua da TV Itacolomi, na entrada do Museu do Cotidiano.....                      | <b>70</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 7:</b> A pesquisadora e Antônio “Objeteiro”, no mUc.....                                | <b>71</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 8:</b> “O Baú de Óculos”, de Antônio “Objeteiro” .....                                  | <b>74</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 9:</b> Urna de votação: bola preta ou bola branca?.....                                 | <b>76</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 10:</b> Bandeja/convite de casamento.....   | <b>81</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 11:</b> Objetos no mUc.....   | <b>83</b> |
| <b>FOTOGRAFIA 12:</b> Santo Antônio, o Padroeiro dos Objetos, de acordo com Antônio “Objeteiro” ..... | <b>85</b> |
| <b>QUADRO 1:</b> Memorial (auto)biográfico: demonstrativo.....  | <b>42</b> |

## LISTA DE TABELAS

|  |           |
|--|-----------|
| <b>TABELA 1:</b> Aproximações entre o “Narrador”, de Benjamin, e o “Sujeito de Experiência”, de Larossa.....             | <b>31</b> |
| <b>TABELA 2:</b> O registro de diálogos abertos no mUc: construção de conhecimentos e sentidos subjetivos emergidos..... | <b>57</b> |

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>13</b>  |
| <b>1.1 VISÃO GERAL DOS CAPÍTULOS DA DISSERTAÇÃO</b> .....   | <b>14</b>  |
| <b>OBJETIVOS</b> .....  | <b>14</b>  |
| <b>1.1.1 OBJETIVO GERAL</b> .....   | <b>14</b>  |
| <b>1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....  | <b>15</b>  |
| <b>1.3 JUSTIFICATIVA</b> .....  | <b>15</b>  |
| <b>1.3.1 NOSSA VEREDA: A EDUCAÇÃO EM MUSEUS</b> .....   | <b>21</b>  |
| <b>1.3.2 350 M<sup>2</sup> PARA UM ESPAÇO DE FALA ILIMITADO</b> .....   | <b>22</b>  |
| <b>1.3.3 O FORMATO DE ÁUDIO PODCAST PARA O MUSEU DO COTIDIANO</b> .....   | <b>25</b>  |
| <b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....  | <b>27</b>  |
| <b>2.1 OS SUJEITOS E OS NARRADORES: EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS</b> .....   | <b>27</b>  |
| <b>2.2 MOVIMENTO DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA – TRAJETÓRIAS, NARRATIVAS DE VIDA, CURADORIAS E EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO</b> ..... | <b>32</b>  |
| <b>2.3 A BIOGRAFIZAÇÃO DAS NARRATIVAS E A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE</b> .....   | <b>38</b>  |
| <b>2.3.1 A AÇÃO DIALÓGICA, DE FREIRE E A AÇÃO COMUNICATIVA, DE HABERMAS</b> .....   | <b>45</b>  |
| <b>2.4 O CAMPO DA EDUCOMUNICAÇÃO</b> .....  | <b>47</b>  |
| <b>2.4.1 ÔNUS E BÔNUS DAS “VOZES MEDIATIZADAS”: A PREVISÍVEL GRANDE CONTROVÉRSIA</b> .....                                      | <b>49</b>  |
| <b>3 QUESTÕES METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA PESQUISA</b> .....   | <b>50</b>  |
| <b>3.1 A IMPORTÂNCIA DE SABER “O QUE IMPORTA” - JUSTIFICATIVA E DETALHES SOBRE A ESCOLHA DA METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....   | <b>50</b>  |
| <b>3.2 A EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA NA ELABORAÇÃO DOS PODCASTS</b> .....   | <b>54</b>  |
| <b>4 A ELABORAÇÃO DO PODCAST DECOLATIVA</b> .....   | <b>60</b>  |
| <b>4.1 TRILHANDO NO MÛC AS ORIGENS DA TRILHA SONORA DO <i>PODCAST DECOLATIVA</i></b> .....                                      | <b>60</b>  |
| <b>4.1.2 O CONTÍNUO FLUXO REFLEXIVO: DOS INDICADORES AOS SENTIDOS SUBJETIVOS NOS PODCASTS DO MÛC</b> .....                      | <b>63</b>  |
| <b>4.2 PASSO A PASSO, PODCAST POR PODCAST</b> .....   | <b>67</b>  |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | <b>87</b>  |
| <b>5.1 AS HISTÓRIAS NAS ONDAS DO <i>PODCAST DECOLATIVA</i>: NOTAS DE UMA “APRENDENTE”</b> .....                                 | <b>87</b>  |
| <b>5.1.1 O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS</b> .....  | <b>98</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | <b>99</b>  |
| <b>APÊNDICES</b> .....  | <b>102</b> |
| <b>APÊNDICE A - CARTA CONVITE E AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA NO MUSEU DO COTIDIANO</b> .....                       | <b>102</b> |
| <b>APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ</b> .....   | <b>105</b> |

|  |            |
|--|------------|
| <b>APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - COLABORADOR(A)</b> | <b>107</b> |
| <b>APÊNDICE D - TERMO DE COMPROMISSO</b>   | <b>110</b> |
| <b>APÊNDICE E - DECLARAÇÃO DE ISENÇÃO DE CUSTO</b>                                     | <b>111</b> |
| <b>APÊNDICE F - DECLARAÇÃO DE USO E DESTINAÇÃO DO MATERIAL COLETADO</b>                | <b>112</b> |
| <b>APÊNDICE G – PRODUTO EDUCACIONAL</b>  | <b>113</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O dialogar tem um papel de promover encontros entre pensamentos, os quais articulam uma pluralidade de conteúdos com diferentes formas de pensar. Dos diálogos, a Filosofia extrai matéria-prima para introduzir problemas, tecer reflexões e construir conhecimentos. É comum que estímulos semelhantes disparem as conversas e as produções filosóficas. Temos no presente relato de pesquisa, o fazer filosófico enquanto parte das referências que embasam cada uma das etapas de investigação. Nesse sentido, cabe dizer que, além dos cotidianos das comunidades universitárias, os diálogos desenvolvidos nas escolas, empresas, mídias e espaços públicos diversos, inclusive museus, também são permeados por assuntos importantes para filósofos(as).

A docência em Filosofia para o Ensino Médio abrange o desafio de trabalhar, junto com jovens, obras que acumulam séculos de discussão e produção de conteúdos predominante entre especialistas acadêmicos. Para de fato pensar junto com não filósofos(as), numa conjuntura externa à Academia, educadores(as) de áreas como a Filosofia necessitam combinar as referências de seus conhecimentos adquiridos no Ensino Superior com o desenvolvimento de ações educativas que se aproximem em sentido dos diferentes cotidianos de cada sujeito e de suas respectivas escolas. Desde que soube da existência de uma linha de pesquisa na área de Educação em Museus e Divulgação Científica, do Mestrado Profissional Educação e Docência – PROMESTRE (FaE/UFMG), reconheci nela a alternativa apropriada para a minha busca por ampliar habilidades e competências acerca de combinações de linguagens e mídias, num multiverso de maneiras de pensar, construir, propor e divulgar conhecimentos/conteúdos.

Na oportunidade ora relatada, campos como Filosofia, Educação, Comunicação, Literatura e Museologia “conversam” entre si. É uma conversa sobre meios, linguagens e formas de conhecer a experiência de realização de curadorias por filósofos(as), educadores(as), jornalistas, poetas e museólogos(as), dentre outros(as). Sistematizações e métodos pedagógicos, por exemplo, recebem assim uma abordagem de fenômenos cuja compreensão se relaciona com o funcionamento da sociedade onde se manifestam. Por isso, propõe-se aqui um diálogo com diferentes pensadores(as) dentre os(as) vários(as) voltados(as) para os papéis de cada sujeito em sua atitude perante as informações e a construção/socialização de conhecimentos. Por presumir tal intercâmbio como um exercício realizável em variados contextos, esta dissertação *Podcasts no Museu do Cotidiano: um*

*estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos* se distanciou das formas e das escolas do ensino formal, ambientes predominantes em minha trajetória como professora de Filosofia e de Ensino Religioso.

Assim, desde o momento inicial, os aspectos a serem apresentados reúnem as bagagens dos sujeitos participantes somadas a elementos do meu próprio cotidiano como profissional, estudante, pesquisadora, mulher, cidadã. A composição do texto preencheu os meus dias de mestranda na Faculdade de Educação e de aprendiz junto com mulheres, jovens, crianças e alguns homens que se abrem para refletir sobre situações de violência e vulnerabilidade<sup>1</sup>, na Faculdade de Medicina... Isto porque um homem me abriu as portas do Museu do Cotidiano (mUc): cenário que congrega objetos, histórias e singularidades. Os capítulos que se seguem trazem o registro do desenrolar desta experiência.

### **1.1 Visão geral dos capítulos da dissertação**

O estudo está estruturado em cinco partes. O capítulo 1 introduz a pesquisa, traz o contexto e os questionamentos que justificaram realizar a investigação, bem como os objetivos e alguns elementos a serem encontrados ao longo de toda a leitura subsequente. O capítulo 2 apresenta a Fundamentação Teórica construída por meio de pesquisas bibliográficas combinadas com a realização de práticas imersivas no cenário de visitas do Museu do Cotidiano. Tal construção articula ideias, conceitos e vertentes como: o “Narrador”, de W. Benjamin e o “sujeito de experiência”, de Larrossa, o Movimento (auto)biográfico, a “ação dialógica”, por Paulo Freire, o “agir comunicativo”, de Habermas e a Educomunicação. No capítulo 3, são descritos os procedimentos metodológicos e epistemológicos utilizados para delinear a produção dos podcasts e a incorporação das vozes dos sujeitos participantes. O fluxo reflexivo da elaboração dos 6(seis) conteúdos sonoros inaugurais do *Podcast DecolAtiva* é esmiuçado no capítulo 4, com o detalhamento das hipóteses levantadas ao longo da seleção dos indicadores e da organização destes últimos em categorias. Por fim, no capítulo 5, algumas considerações finais, notas de uma “aprendente”.

## **Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Compartilhar a experiência de curadoria de conhecimentos vivida por uma professora de Filosofia durante sua pesquisa de mestrado na linha de Educação em Museus, a qual

---

<sup>1</sup> Em todo o período de pesquisa no mUc, as atividades acadêmicas foram conciliadas e compartilhadas com a participação em propostas do Projeto *Para Elas: por elas, por eles, por nós...* (Faculdade de Medicina/UFMG), junto a pessoas (na maioria mulheres) em situação de violência e vulnerabilidade social.



culminou na produção de (6) seis episódios da “trilha sonora” inicial do *Podcast DecolAtiva*<sup>2</sup> para o Museu do Cotidiano.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Pesquisar e registrar em podcasts formas típicas com que a mediação narrativa oferecida por Antônio “Objeteiro” ao longo de visitas ao Museu do Cotidiano abre diálogos com visitantes do espaço e entre diferentes áreas do conhecimento.
- Gerar reflexões sob formatos que problematizem enquanto experimentam a combinação entre Educação e Comunicação importantes para a gama de sujeitos consumidores e geradores de conteúdos na contemporaneidade (docentes, estudantes, pesquisadores(as), podcasters, bloggers, youtubers, empreendedores(as), agentes culturais, etc).
- Criar podcasts e outros produtos, bem como ações educativas que fomentem o desenvolvimento do ensino/divulgação da Filosofia em ambientes de educação não formal como cafés, museus, centros culturais, praças, parques e equipamentos públicos, mídias/plataformas digitais, etc.

### 1.3 Justificativa

Conteúdos de pensamento versus formas de pensar: nesta batalha tematizada por Deleuze só existem perdedores. O cotidiano do ensino formal oferece como tentação definir uma forma de pensar que possa ser perfeitamente encaixada na regularidade das notas, disciplinas, frequências, avaliações, currículos, séries e critérios similares. Afinal, dentro de uma rotina de trabalho e de estudos, abrir mais uma linha ou coluna nas nossas planilhas é uma atividade muito mais simples do que a atitude de se abrir para outras formas de pensamento. Neste ritmo, o passar dos anos tende a calar em nós aquela voz que nos alerta: “Não se pode ser professor sem ser por dentro um déspota, sem dizer: Vou-lhe fazer amar um texto belo, uma bela música, as altas matemáticas, a história, a filosofia. Mas cuidado: a ética desta esperança é muito ambígua” (STEINER, 1999, p.67).

Nas primeiras décadas do segundo milênio, enquanto se busca entender as dinâmicas do desenvolvimento de uma cultura digital, encontros e choques com a complexidade

---

<sup>2</sup>As gravações dos áudios que serviram de matéria-prima para os conteúdos sonoros produzidos junto a esta pesquisa ocorreram nos anos 2017 e 2018, durante o acompanhamento de visitas previamente agendadas ao mUc. De acordo com o “Objeteiro”, os objetos do mUc são “decolativos”, ou seja, mais do que meramente decorativos, fazem a imaginação decolar. Este é o motivo pelo qual o *Podcast DecolAtiva* tem em sua grafia o “A” maiúsculo no meio: para que seu conteúdos sonoros colaborem com a ação de incentivo à decolagem de ideias acerca de objetos do cotidiano

controversa do cenário da cultura escolar reforçam para nós um convite diário. Trata-se de um chamado cotidiano ao redimensionamento da educação como um processo que continua ao longo da vida e pode acontecer em qualquer espaço (MACMANUS, 2013). Neste horizonte, considerando-se que com as controvérsias também muito se ensina e se aprende, a iniciativa desta pesquisa envolve empreender uma investigação que se proponha a abrir diálogos num âmbito onde tenho sido mais assídua como visitante: o museu.

Em seu Texto Provocativo, Wagensberg (2005) nos provoca de fato a refletir que o museu prioriza a sua excelência na função de gerar estímulos, a qual transforma este tipo de espaço numa ferramenta de mudança individual que pode caminhar para uma mudança coletiva. Segundo o raciocínio do autor, museus bem elaborados, como nenhum outro sistema, são capazes de potencializar a vontade de aprender, a qual é o início, ou seja, é uma etapa crucial no processo cognitivo. Da entrada até a saída das exposições, o foco é estimular os visitantes de modo que levem para casa uma quantidade multiplicada de perguntas em suas cabeças. Nesse sentido, aliás, dois objetivos aproximam as propostas de museus das buscas empreendidas pelo ensino de Filosofia: instigar a curiosidade e o exercício do olhar singular numa espécie de travessia por entre a pluralidade dos olhares possíveis; E fomentar a elaboração de perguntas em meio a uma diversidade de formas, conteúdos e linguagens. Então, por este prisma, tendem a brotar as seguintes perguntas:

Em que medida é possível a cada professor em sua singularidade, criar zonas autônomas temporárias? Criar pequenas áreas de autonomia, ou seja, aquelas que se libertam da tutela de teorias, do controle dos fluxos de pensamento, que se libertam da modulação da vida, da modelagem da criação, aquelas que são, temporariamente, uma suspensão das determinações das imagens do pensamento, de suas fôrmas e de modelos, em favor do imprevisível, do imponderável porvir das criações? (ASPIS, 2016)<sup>3</sup>

A pesquisa ora apresentada percebe nas sugestões e nas perguntas anteriores um potencial para estimular necessárias práticas de (auto) reflexão. Ao reconhecerem a si e às próprias histórias/experiências, não apenas professores(as) podem localizar os papéis e propostas que assumem no horizonte de ensino e aprendizagem. Também pessoas envolvidas em circunstâncias educacionais similares, na companhia de Nietzsche (2003), dispõem da oportunidade de reconhecerem sem maiores pruridos que a Educação é costumeiramente obstaculizada por diversos egoísmos, muito embora seja sim uma espécie de generosidade. Por conseguinte, se no cotidiano há rotinas cujos automatismos atuam como silenciadores junto à plenitude das experiências dos sujeitos que podemos ser, deverão estar no mesmo dia

---

<sup>3</sup> A Professora Renata Lima Aspís, autora do trecho citado, ao trabalhar com uma disciplina voltada para as metodologias científicas, compartilha com os(as) mestrandos(as) do PROMESTRE algumas de suas experiências no ensino escolar de Filosofia e na pesquisa acadêmica. Também é coordenadora do grupo de pesquisas Grupelho, o qual lida com questões sobre Filosofia e Educação.

a dia o tempo e o espaço de nos permitirmos a alguns desvios, a ousadas apropriações.

Seguimos assim, um raciocínio especialmente oportuno para sociedades dos anos finais da segunda década do século XXI, quando mudanças paradigmáticas repercutem em fenômenos expressivos<sup>4</sup> e polêmicos debates acerca de sugestões para uma reforma educacional no Brasil:

A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes, para serem respeitadas e também para exercer influência no ambiente em que realizam os seus atos lingüísticos. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato lingüístico. (BOURDIEU, 1977)

Após realizar a citação do fragmento anterior, Gnerre (1998) complementa que “os casos mais evidentes em relação a tal afirmação são também os casos mais extremos: discurso político, sermão da igreja, aula, etc. As produções lingüísticas desse e também de outros tipos, adquirem valor se realizadas no contexto social e cultural apropriado”. Dentro desta atmosfera descrita por Bourdieu (1977), observamos o poder e a legitimidade evidenciados nas falas de autoridades como presidentes nos gabinetes, padres nas igrejas e professores nas salas de aula. Entretanto, traremos aqui exemplos de casos que não constam entre os mais “evidentes” no horizonte de falantes autorizados em espaços de fala constituídos. Neste primeiro momento, recorreremos a três sujeitos, personagens cujas expressões das vozes permeiam ou permearam um cotidiano de circunstâncias socioculturais e políticas controversas. Seguiremos, numa apropriação de contextos, na companhia de atores sociais tradicionalmente menos enquadrados e/ou formais. O objetivo é começar por uma observação de contextos em que estes sujeitos parecem agir linguisticamente de maneira a evidenciar o poder de suas vulnerabilidades:

- 1) O caso dos palhaços: Onde uma trupe de circo está autorizada a fincar suas estacas, armar lona e oferecer no picadeiro sua arte ao público? A vida itinerante dos(as) artistas em questão revela crises financeiras e pessoais incluídas na iniciativa de abrir um espaço de linguagens, experiências e pensamentos próprios. Cabe descrever aqui o

---

<sup>4</sup> A manifestação de múltiplas violências no Brasil não raro traz entre educadores(as) referências diretas ou indiretas (caso deste estudo) ao conceito de “violência simbólica”, marcante na obra de Bourdieu. Tal abordagem sociológica, em reflexões sobre os contextos relacionais entre sujeitos da educação no período de curso do PROMESTRE, veio recorrentemente à tona em sintonia com as elaborações sobre opressão/libertação da pedagogia de Paulo Freire. Isto foi observado em circunstâncias como a realização da pesquisa bibliográfica, apresentações em eventos acadêmicos e no curso das disciplinas do mestrado. Estes dois pensadores e suas respectivas teorias aparecem com muita frequência nos compartilhamentos com os(as) estudantes (profissionais da saúde, da educação, da segurança, da assistência...), docentes e demais participantes de projetos/disciplinas do Mestrado Profissional em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência (Faculdade de Medicina/UFGM).

cenário onde se desenrolou o complexo enredo do premiado filme nacional *O Palhaço*<sup>5</sup>. Na trama, o palhaço Pangaré, vivido pelo personagem Benjamin ao lado de seu pai e dono do circo Valdemar (palhaço Puro Sangue) encara a precariedade sob a qual a companhia tem que superar com seus talentos e união para enfrentar os desafios impostos à sobrevivência do Circo Esperança.

Fotografia 1: Capa e cena do filme “O Palhaço”



Fontes: Disponíveis na Wikipedia <sup>6</sup> e no site Cinema e Afins<sup>7</sup> (2011)

A combinação de fotografias acima mostra, lado a lado, o cartaz do filme e a imagem da cena de Benjamin numa carona de retorno ao Circo, levando consigo um objeto, após se aventurar na tentativa de viver um estilo de vida diferente. Do início ao término da trama, de maneira simbólica, a imagem do ventilador acompanha o palhaço em cada ciclo de sua crise existencial frente à instabilidade e a precariedade da vida circense. Por fim, o personagem se descobre como uma espécie de palhaço por natureza. Tal descoberta o incapacita de se adaptar a vida convencional que, além de não reservar um espaço específico para a instalação dos circos, pareceu-lhe igualmente carecer de vocação e brechas para valores como o entusiasmo, a criatividade e a alegria.

<sup>5</sup> A produção nacional “*O Palhaço*” foi dirigida, co-escrita e protagonizada por Selton Mello. Exibida nos cinemas em 2011, a trama se passa na década de 1970, mas nos remete a situações que se mantêm pouco modificadas na atualidade. Além de receber muitos prêmios, o filme resultou também no lançamento de dois livros.

<sup>6</sup> Disponível em <https://pt.m.wikipedia.org> Acesso em 22 de janeiro de 2019.

<sup>7</sup> Disponível em <https://cinemaeafins.com> Acesso em 22 de janeiro de 2019.

- 2) O caso dos(as) professores(as) do ensino escolar de Filosofia: Ao passarem por situações similares àquelas vividas por palhaços, acrobatas, mágicos, malabaristas, contorcionistas e circenses em geral, outras categorias de profissionais enfrentam condições por vezes inóspitas no exercício de sua profissão no Brasil. Onde e sob quais condições, por exemplo, professores(as) de Filosofia estão autorizados(as) a lecionarem para estudantes do ensino básico? Eis uma pergunta que encontra na história de instabilidade do ensino escolar de Filosofia histórias que aproximam as memórias de professores(as) de Filosofia brasileiros(as) das memórias do palhaço do filme aqui lembrado. Sobretudo no que diz respeito às recorrentes crises vividas por esses(as) profissionais para que possam conciliar a função que decidiram exercer na sociedade com a sensação de não pertencerem a lugar algum. Volta e meia banidos(as) das escolas, tais docentes constroem um histórico de experiências diferenciadas. Assim, percorrem ambientes de educação não formal (cafés, museus, praças, parques e equipamentos públicos, mídias/plataformas digitais, por exemplo), onde encontram resistências e obstáculos ao buscarem possibilidades criativas de resistirem na produção de formas e conteúdos que fomentem a continuidade do desenvolvimento do ensino/divulgação de Filosofia.
- 3) O caso das meninas e mulheres do século XIX: Assim como nas artes audiovisuais há pouco representadas pelo filme *O Palhaço*, cada tipo de arte guarda um potencial próprio para abrir brechas. Tais aberturas são capazes de dar visibilidade às experiências de sujeitos cujas vozes costumam ser socialmente tolhidas, de forma a permitirem a circulação de expressões praticamente impensáveis fora das linguagens artísticas. A exemplo disso, no terceiro caso, sugere-se buscar na Literatura, por meio do livro *A Audácia Dessa Mulher*<sup>8</sup>, de Ana Maria Machado, um questionamento para acrescentarmos aos dois anteriores: onde e de que maneiras as meninas e mulheres do século retrasado podiam expressar, para a sociedade na qual viviam, suas ideias, sentimentos e aspirações?

Uma resposta possível pode ser associada à imagem de um componente especial para a trama do romance: o Caderno de Receitas que um personagem preserva e que parece ter pertencido a uma de suas ascendentes quando era ainda menina, nos idos de 1857. Pelo descrito no livro, o nome que identificava a propriedade da relíquia em questão foi curiosamente removido com um estilete e, embora suas páginas guardassem

---

<sup>8</sup> Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra, 2001 e Prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Nacional – Melhor Romance, 1999.

receitas culinárias e outras utilidades domésticas, no decorrer da leitura, a caligrafia infantil de sua dona se revelava acrescentando registros esparsos, destoantes das anotações no meio das quais se inseria. Surpreendentemente, na verdade, retirar o nome denunciava os riscos envolvidos num hábito da proprietária do objeto: usá-lo para também fazer registros pessoais esporádicos, por algumas vezes, de teor comezinho, por outras, de conteúdos considerados transgressores para meninas, moças e mulheres da época.

Damas do século retrasado sonhando em adquirir conhecimentos distantes daqueles aceitos como adequados para o horizonte das feminilidades... E se confessassem suas inquietações provenientes de experiências íntimas como beijos roubados? Imaginem! Somente sob o estratagema de uma espécie de diário bissexto insuspeito, provável companheiro de longos anos na busca por abrir um espaço de expressão inexistente no universo feminino de uma sociedade brasileira que foi do Reinado à República, dentro de um único século. Notem que neste parágrafo e nos anteriores, estamos nos debruçando sobre algo que, para muito além de um entre centenas de objetos, representa a receita de um desvio registrada em um prosaico Caderno de Receitas. Na revelação de ingredientes e modos de fazer ser possível o exercício de um livre pensar, ainda que em meio a cerceamentos, dar-se ao registro da narrativa de uma história própria de vida aparece como a alternativa adotada.

Fotografia 2: Capa do livro “A audácia dessa mulher”



Fonte: Home lelivros.love<sup>9</sup>

Pelo caminho de pensamento que percorremos até este ponto, com os exemplos dos sujeitos acima, pergunta-se: as instituições voltadas para a educação representam contextos

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://lelivros.love/book/baixar-livro-a-audacia-dessa-mulher-ana-maria-machado-em-pdf-mobi-e-epub/>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

propícios para considerarem as produções linguísticas de todos(as) aqueles(as) que nelas convivem? Quais seriam os desafios e as contribuições do fomento de uma abertura de diálogos que pressuponha a presença de narrativas realizadas por diferentes vozes em espaços diversos? Pode a experiência com narrativas ampliar ou até mesmo criar espaços de fala? Cabe, neste momento, uma breve retrospectiva em que alguns dos caminhos trilhados dentro das relações museu-escola encaminharam para a combinação de Educação e Comunicação em prol do desenvolvimento do campo de Educação em Museus.

### **1.3.1 Nossa vereda: a Educação em Museus**

Entende-se que o percurso educacional tem diferentes desdobramentos conforme a propositura de cada instituição. Nessa vertente, aqui evitamos ao máximo generalizar e pressupor modelos de análise de qualquer natureza. Entretanto, houve um período em que era muito usual restringir o relacionamento museu-escola à visitação escolar e, assim, ocorria de muitas práticas escolares serem introjetadas nas práticas educativas museais. Com o tempo, mudanças oportunas começaram a frutificar em ponderações e, dentre os apelos em prol de transformar o paradigma desta convivência, está o representativo artigo “A favor da desescolarização dos museus”, publicado em 1990. Apesar de a conjuntura da área ter se transformado consideravelmente desde então, esse material se faz um importante veículo de reflexões ainda bastante pertinentes, como é o caso daquelas em que a autora Maria Margareth Lopes versa sobre a importância de atentar para o fato de que, além dos museus serem representantes da educação não escolar, neles, práticas educativas e práticas de comunicação se relacionam.

Sobre o espaço de relações aberto pelo museu, Barros (1997)<sup>10</sup> observa ainda que a visitação proporciona um momento circular, no qual é possível ouvir várias vozes. Isto nos remete às contribuições da circulação dos diálogos com e a partir da Museologia. Museólogos(as) lidam com estudos, curadorias e acervos variados, além de o fazerem em equipe com profissionais de origens e formações diversas. Portanto, referimo-nos a equipes de trabalho em que linguagens se combinam, dialogam entre si para, por meio das exposições, dialogarem com públicos visitantes heterogêneos.

Uma vez que cada museu, quando representa uma visão do humano sobre a realidade, é único (BRULON SOARES, 2009), encarar os museus como uma referência institucional de

---

<sup>10</sup> A observação de Barros (1997) faz referência à opção pelo modelo dialógico bakhtiniano que sobreveio ao modelo anterior adotado pelos museus.

criação de formas de pensamento autônomas é um contraponto importante para problematizar a preponderância de alguns engessamentos ideológicos em quaisquer que sejam os âmbitos analisados. Nisto se inclui problematizar algumas ideias que possam ter se mantido intactas em nossas mentes desde o nosso primeiro contato com elas, seja pela escolarização ou por outras trajetórias. Mesmo porque, não obstante façam também outras propostas, os museus podem ser entendidos como um tipo de mídia educacional na forma diferenciada de destrincharem determinados conteúdos e abordagens (MACMANUS, 2013).

A visita a uma instituição de educação não formal do tipo dos museus dá acesso a um ambiente aberto à possibilidade de experimentar uma estrutura de pensamento distinta daquela presente nos currículos escolares tradicionais. Estes últimos foram representados por Deleuze e Guattari (2014), pelo intermédio da compacta imagem de uma “árvore do saber” que tanto se diferencia do entrelaçamento de ideias representado pelos rizomas. A primeira estende seus troncos como elos únicos, “sistemas hierárquicos que comportam centros de significação e subjetivação”, de onde ramificam galhos que simbolizam as especializações. Museus são instituições onde o pensar encontra espaço para se desenvolver e se ambientar de forma rizomática, sem que alguma parte da ramificação se apresente como mais fundamental em toda a planta, em todo o conjunto de saberes. Por isso a visita a um museu se refere ao tipo de experiência que “[...] traz autonomia [...], traz uma consideração, ou seja, permite que as pessoas consigam entender que não há só o “preto no branco”, mas há áreas acinzentadas e nem tudo é tão claro assim” (MACMANUS, 2013, p.24).

Por conseguinte, diante da convivência de vozes e linguagens em ambientes multifacetados como os museus, é oportuno pensar sobre as maneiras com que os(as) profissionais destes espaços lidam com as expressões de diversidade dos sujeitos neles implicados. Nesta perspectiva, seguem alguns detalhes sobre o ambiente de pesquisa selecionado, o Museu do Cotidiano, e Antonio “Objeteiro”: dono da voz que inspirou a produção do *Podcast DecolAtiva* e sujeito acompanhado durante toda esta investigação.

### **1.3.2 350 m<sup>2</sup> para um espaço de fala ilimitado**

Dando continuidade à ideia de que, por meio de exposições, o contexto museal gera vários diálogos e, em momentos distintos, congrega um coletivo heterogêneo de sujeitos (museólogos(as), arquitetos(as), curadores(as), educadores(as), artistas, técnicos(as), dentre outros): de que formas a mediação narrativa de Antônio “Objeteiro”, durante visitas ao Museu do Cotidiano (mUc), pode acrescentar e incorporar também as vozes de visitantes em suas



ações e registros? E qual seria a importância disto? Para começar uma busca por responder tais questões, o primeiro passo necessário é apresentar o mUc e dizer que sua coleção composta por mais de 100 mil objetos do cotidiano se abriga majoritariamente em 350m<sup>2</sup>. Parece um espaço reduzido, certo? Não exatamente e nisto também se embasa este estudo.

Fora de uma situação epistemológica reduzida à relação sujeito-objeto, em meio a esta quantidade toda de objetos, o Museu do Cotidiano se compromete a abrir ilimitados espaços de fala para sujeitos. Museologicamente, o mUc se desenvolve numa atmosfera de livre combinação. Lá encontramos toda sorte de linguagens e imagens, perguntas e controvérsias, conversas sérias e risos também. Então, para início de conversa

Na museologia, como um todo, tudo é conversa. A interatividade é uma forma de conversa. O pensamento é uma auto-conversa. A forma de avaliar um museu que vamos propor mede especificamente a capacidade de uma visita de gerar conversas. Mas, além disso tudo, ainda temos a conversa em seu sentido literal, o que diversas pessoas fazem, juntas, fisicamente no mesmo lugar. (WAGENSBERG, 2005, p.8)

Existe uma história a ser contada que versa sobre as origens e o desenvolvimento do mUc. Aqui é interessante pontuar que a mediação oferecida pelo “Objeteiro” durante as visitas ao Museu do Cotidiano é por si só, uma considerável fonte geradora de conversas. Ao narrar com entusiasmo detalhes relativos à chegada e à presença dos objetos no espaço expositivo, este homem interage com os(as) visitantes, enquanto contribui para promover um cenário representativo para um fluxo de memórias, ideias e emoções. Trata-se de uma experiência que, por acolher a subjetividade das pessoas, com tudo o que pode haver de singular nisto, tem potencial para continuar num passeio pelos imaginários dos(as) visitantes mesmo após o término das visitas. Tanto assim que até mesmo a decisão por este museu de objetos para ambiente de pesquisa teve origem durante uma conversa introduzida por uma frequentadora assídua do mUc: a colega Isabela Vecci Abijaude, mestranda da mesma linha de pesquisa “Educação em Museus e Divulgação Científica”.

Arquiteta e professora universitária Isabela conheceu e acompanhou a concepção do mUc desde os períodos iniciais de seu desenvolvimento. De autoria dela, “*Por um museu do cotidiano*”<sup>11</sup> é o título de um texto considerado um resumo de tópicos detalhados em sua pesquisa de mestrado. Este material será aqui nosso mediador, ciceroneando os(as) leitores(as) do presente estudo, pelo que contam as palavras de uma profissional experiente

---

<sup>11</sup> Este artigo foi originalmente publicado no Periódico cultural Letras, do Café com Letras, em abril de 2018. Numa das unidades deste mesmo café, localizada em meio ao Circuito da Liberdade, Antônio Carlos realiza a exposição de objetos, num revezamento de curadorias próprias (em grande parte) e sob diferentes temas. Mais detalhes sobre o Museu do Cotidiano em <https://www.cordisnoticias.com.br/2018/06/por-um-museu-do-cotidiano.html?m=1> Acesso em 13/01/2019.

em trabalhos de expografia, cuja vida se conecta com a cultura museal e com a própria história do Museu do Cotidiano. Vejamos:

Antônio Carlos Figueiredo se autodenomina um “deseconomista muito bem sucedido em seus equívocos”. Natural de Ouro Preto mudou-se ainda criança para Belo Horizonte onde estudou e trabalhou no setor bancário durante muitos anos. A paixão pela arte e pela cultura material, no entanto, falou mais alto a certa altura e, a partir de uma decisão radical tomada ainda na década de 1980, passou a guiar os rumos do colecionador. (ABIJAUDE, 2018, p.26)

E o sujeito Antônio Carlos seguiu rumo ao nosso ambiente de pesquisa:

Seu interesse pelos objetos data da sua mais tenra infância e esteve presente em todos os momentos de sua vida mesmo quando ainda não tinha assumido sua condição de colecionador. Porém essa alcunha não lhe agrada, pois ao seu ver não é ele quem coleciona, são os objetos que o perseguem. Em 1987, após abandonar sua promissora carreira como diretor de banco, inaugura sua primeira galeria de arte: a Matiz Arte Galeria com uma exposição de Carlos Bracher. (ABIJAUDE, 2018, p.26)

Chegando ao endereço que permanece...

Essa primeira galeria funciona na Savassi durante cinco anos e em 1992 Antônio Carlos a transfere para o endereço da Rua Bernardo Guimarães onde se encontra até hoje. Em 1993 troca o nome da galeria para Matiz Arte e Objeto, já indicando a mudança de rumos da sua coleção. Os objetos já tinham começado a sua implacável perseguição. Um dia ao conversar com um amigo, o artista plástico Amilcar de Castro, ouviu dele a seguinte frase:

- Antônio, você gosta mesmo é dessa estória de objetos. Vá fundo nisso! Vá até as últimas consequências!

E ele foi. Hoje Antônio Carlos contabiliza mais de cem mil objetos, espalhados em nove endereços. Há 6 anos o nome Museu do Cotidiano começou a ser usado por ele para designar esse conjunto de objetos. Mas será mesmo um Museu? (ABIJAUDE, 2018, p.26)

Os próximos capítulos passarão por questionamentos que, de certa forma, aproximam Antônio Carlos, o “Objeteiro”, da zona de vulnerabilidade vivida pelas figuras anteriormente evocadas: os palhaços, os(as) profissionais que lidam com o ensino/divulgação de Filosofia em âmbitos extra-acadêmicos no Brasil e as meninas/mulheres do século retrasado. Nesse sentido ainda, pode este senhor que não se vê como colecionador ser considerado um artista? Ou na verdade, é um acumulador de objetos? E mais:

[...] Que tipo de Museu pode ser esse? O que podemos chamar de “cotidiano”? O que Antônio Carlos possui pode ser considerado uma coleção? Quais as características desse acervo? Como viabilizar a visita de público a esse espaço? Como tornar pública a coleção? (ABIJAUDE, 2018, p.26)

A dissertação e o início de um Plano Museológico para o mUc, produto final traçado por Isabela Vecci Abijaude, abrem caminhos para muito trabalho e uma série de pesquisas vindouras. Introduzem-nos, como ela mesma se propõe, em aspectos como “a natureza dessa coleção”, “a condição do espaço expositivo museal”, a “vocação” e a “abertura à visitação pública”... Trata-se de buscas que colecionaram searas provocativas e aglutinaram tantas referências das Artes, da Arquitetura, da Museologia, da própria Filosofia e por aí vai!

‘Rizomaticamente’, a partir da próxima e última citação desta parte, nas seções seguintes, enredaremos outras questões conceituais trazidas pelo mesmo artigo de nossa colega.

A seleção empreendida pelo colecionador em questão não é aleatória, imposta pelo fetiche do objeto pelo objeto. Ela tem um propósito, um objetivo, segue a algumas narrativas. Na coleção não há objetos raros, no sentido clássico. Há objetos que o colecionador identifica como cotidianos. Objetos de produção de massa [...]. Esse é o viés de sua coleta. Segundo conta, seu interesse pelos objetos não se restringe ao valor estilístico, mas ao que o objeto carrega de histórias do cotidiano. (VECCI, 2018, p.26)

A oralidade do “Objeteiro” que narra histórias do cotidiano, as quais acompanham os objetos: eis a nossa matéria-prima no desenvolvimento desta dissertação que tem sua culminância no *Podcast DecolAtiva*. Neste produto, 6 (seis) áudios da “trilha sonora” inicial foram criados a partir de outra reflexão colecionadora de ideias de áreas distintas e sob os estímulos do mUc. Num momento marcante, enquanto se institucionaliza, o Museu do Cotidiano segue sua vocação agora também como integrante do Circuito Liberdade<sup>12</sup>. Além do artigo de divulgação da autoria de Isabela Vecci, que nos serviu de suporte, encontramos referências em trabalhos prévios realizados por comunicadores(as) de blogs, jornais, revistas, programas de TV e afins. A propósito do campo da Comunicação, é oportuno elucidar algumas características que levaram à decisão pelo formato de áudio indicado para a configuração do produto.

### **1.3.3 O formato de áudio Podcast para o Museu do Cotidiano**

Tanto a produção quanto a transmissão do formato de áudio Podcast envolve a alternativa de usar aparatos acessíveis e de fácil manuseio, com demanda de recursos disponíveis gratuitamente na Internet. Podcasts que funcionem como uma atração seriada, parecida com um programa radiofônico, mas que não dependam de vínculos com uma estação rádio? Estes conteúdos sonoros não só são possíveis como já preenchem sites e roteiros de visitas de museus. E são populares desde os anos iniciais deste século devido a quesitos como praticidade e acessibilidade, por exemplo. Soma-se a isso o recente aumento do uso de dispositivos móveis, como os telefones celulares. Até mesmo a interessante aderência ao hábito de conversar via troca de mensagens de voz, por intermédio de aplicativos, sintoniza o formato escolhido com componentes do cotidiano.

---

<sup>12</sup> O Circuito da Liberdade, desde 2010, abriga-se em uma área histórica de Belo Horizonte (MG). É composto por várias instituições (museus, centros de cultura e de formação, etc.).

Aliás, o progressivo número de podcasters<sup>13</sup> aponta para uma participação cada vez maior dos Podcasts no dia a dia das pessoas. Afinal, estes abordam temas distintos, apresentam conteúdos em variados estilos e tamanhos, oferecem ‘assinaturas’ livres de custos para recebimento contínuo. Também podem ser baixados e ouvidos offline por meio de uma gama de dispositivos, em diferentes lugares ou momentos. Ser ouvinte de Podcasts é um hábito prático e conciliável com tarefas simultâneas, o que talvez colabore para o fato de que, passado um tempo considerável, a vasta possibilidade de uso deste tipo de recurso permaneça como alternativa em exposições<sup>14</sup> e como alvo de pesquisas acadêmicas. No que envolve a distribuição seriada de podcasts, encontra-se uma autonomia que não se limita a componentes tecnológicos de fácil alcance. De qualquer maneira, se em si mesmas as tecnologias são tidas como neutras, há considerações que definem o Podcast como uma cadeia completa de produção e distribuição de conteúdos sonoros na internet, num sistema<sup>15</sup> que extrapola uma tecnologia isolada. Nesta cadeia

A apropriação tem sempre uma dimensão técnica (o treinamento técnico, a destreza na utilização do objeto) e outra simbólica (uma descarga subjetiva, do imaginário). A apropriação é assim ao mesmo tempo uma forma de desvio (*desviante*) em relação às instruções de uso, um espaço completado pelo usuário numa lacuna não programada pelo produtor/inventor, ou mesmo pelas finalidades previstas pelas instruções. (LEMOS, 2004, p.239)

Leitores(as) das presentes páginas acompanham o compartilhamento de uma experiência composta por diálogos e sujeitos diversos abrangidos no, com e a partir do Museu do Cotidiano. Há a possibilidade, portanto, de que os(as) responsáveis pelo desenvolvimento de futuras ações educativas e intervenções/estudos no próprio mUc se beneficiem de um contato com a apropriação empreendida para realizar a “trilha sonora” inicial do *Podcast DecolAtiva*. Mais que registrar vozes, a edição de áudios gera reflexões sobre o formato adotado e as histórias do mUc escolhidas para inaugurarem a sequência de conteúdos sonoros.

Editar é uma ação reflexiva que permite combinar Educação e Comunicação. Visitantes do mUc, à sua maneira, estão entre aqueles(as) que experimentam algo na contemporaneidade: vivem como sujeitos consumidores e/ou geradores de conteúdos. São pessoas nas peles de docentes, estudantes, pesquisadores(as), bloggers, youtubers, empreendedores(as), agentes culturais, jornalistas, arquitetos(as), etc. As ideias registradas na

---

<sup>13</sup> “Podcasters” é como são chamados aqueles que produzem podcasts.

<sup>14</sup> O Sound Seeing é um exemplo de iniciativa em que as pessoas tem acesso à produção e publicação de podcasts, cujos conteúdos são roteiros não oficiais de museus e afins.

<sup>15</sup> A tecnologia Feed RSS viabiliza o formato de distribuição dos podcasts que, após assinatura, podem ser recebidos (via email ou aplicativos) pelos assinantes.

Fundamentação Teórica prosseguem o desenho de dúvidas e hipóteses, conversas e possibilidades de disponibilizar em ondas sonoras o oceano simbólico do mUc.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Os sujeitos e os narradores: experiências e narrativas

Continuamos na companhia de sujeitos que se lançam na experiência de buscar novas formas de pensar. O palhaço, professores(as) de Filosofia, a menina do século retrasado, o “Objeteiro”... Neste limiar, pensando um pouco mais sobre o “Objeteiro” com Isabela Vecci:

Ao focar sua coleta para as histórias banais, ele procura dar voz a sujeitos desempoderados, como os que Foucault analisa em seu texto “A vida dos homens infames”. Nesse texto ele criou o termo **antologia de existências** para designar sua pesquisa nos arquivos do século XVIII do Hospital Geral e da Bastilha, na França. Nesses arquivos Foucault encontrou pequenos relatos, de poucas linhas, descrevendo de forma rápida a história de um encontro de um personagem desprovido de poder com alguma espécie de lei estabelecida. “Uma dramaturgia do real”:

*É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos. (...) O termo “notícia” me conviria bastante para designá-los, pela dupla referência que ele indica: a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados. (...) Vidas singulares, tornadas, por não sei por quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário. (apud ABIJAUDE, 2018, p.26, grifo da autora).*

São referências importantes para o “Objeteiro”:

O acervo que Antônio Carlos ameahou nesses anos todos possui vários objetos relacionados a esses “homens infames”: indivíduos em situação limite com a lei ou com a moral estabelecida, e que guardam histórias não contadas em livros oficiais de história. Relatos não oficiais sempre foram objeto de interesse do colecionador, que se vê mais como um colecionador de histórias do que de objetos. (ABIJAUDE, 2018, p.26)

Pode-se dizer que cada um destes sujeitos de experiência, destes protagonistas das histórias vinculadas a muitos dos objetos do mUc “[...] tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (BONDÍA, 2001, p. 25). Eis um fascínio dos “homens infames” e do próprio “Objeteiro”. Ambos se arriscam a parecerem esquisitos quando apresentados ao julgamento da maioria de seus contemporâneos. Se, ao invés de esdrúxulo, entendermos como estranho algo que é inusitado, então é mesmo bastante estranho conceber a experiência como aquilo que é passível de nos acontecer e de nos tocar, pois isso

[...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a

delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2001, p.24)

Uma experiência que se desvie de tradicionais significados como empiria e prática prolongada em algo: eis a concepção de experimentar que melhor define uma visita ao Museu do Cotidiano. Notamos logo que algumas clareiras precisam ser abertas na sociabilidade cotidiana da própria época em que vivemos a realização da pesquisa. No frenesi das rotinas e convivências que perpassam casa, trabalho e lazeres, o compartilhamento de experiências sensíveis, imaginários e subjetividades não consta entre os compromissos a cumprir priorizados pelos sujeitos em suas agendas. Num preenchimento excessivo dos dias e num controle exacerbado do fluxo do tempo, o que é feito das pausas para pensar, escutar, sentir, observar, falar e calar, em situações de encontros com o Outro? Este é por si só o tipo de realidade que transforma em uma atitude de resistência e enfrentamento cultivar “a sutileza de não conceituar a palavra e sim deixá-la fluir”; A sutileza com que Antônio “Objeteiro” customiza sua fala com todo um vocabulário de neologismos e trocadilhos, especialmente para narrar as histórias sobre objetos/sujeitos do cotidiano.

É no diálogo com a noção de experiência de Larrosa<sup>16</sup> que buscamos aqui experimentar também um jeito de desburocratizar a educação pelo resgate do narrar. Tal atitude pode ser tomada a partir da decisão de diferentes profissionais de escolas, de museus ou de onde quer que atuem: por que não? Irrestritamente à elaboração e à reprodução conteudísticas, renovar caminhos de exercício e de expressão do pensar pode levar ao contato com concepções que ultrapassam os limites de alguns costumes desgastados.

Dessa maneira singular, marcam-se encontros entre sujeitos de experiência que se combinam dentro de uma dinâmica, numa ruptura com recorrentes desafios cotidianos. Para tanto, chamamos à baila também o ensaio *O Narrador*, de Walter Benjamin que na abordagem de temas como a oralidade, a comunicação e afins é uma leitura considerada por muitos(as) linguistas como obrigatória. Tanto assim que a aproximação conceitual entre o “sujeito de experiência” e o “narrador” não teve sua origem nesta dissertação. Pode inclusive ser uma reverberação da leitura de Benjamin feita por Larrossa. Dentre outras circunstâncias nas quais se encontra tal diálogo teórico, aproximamo-nos da citação seguinte, encontrada durante a pesquisa bibliográfica. Propomos recontextualizar essas considerações de outros(as) pesquisadores(as) tendo em vista os sujeitos de pesquisa aqui implicados (mediador, pesquisadora, visitantes...).

---

<sup>16</sup>Jorge Larrosa, professor de Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona aparece aqui referenciado como BONDÍA.

O encontro das ideias desses autores tecido aqui de forma experimental constitui um ponto de partida para vislumbrar que o acontecimento de experiências é potencializado pelo compartilhamento através da narração. Nesse sentido, compreende-se o campo da arte como um espaço de compartilhamento sensível, propulsor de mudanças na realidade de artistas e ou espectadores, pois os transporta (ou possibilita que se abra uma porta) para o lúdico da existência. (CABRAL; DOS SANTOS, 2017, p.161)

Como mencionado nas explanações sobre o nosso ambiente de pesquisa, a arte está nas origens do Museu do Cotidiano. Também as narrativas do “Objeteiro” durante a mediação dialogada que oferece em cada visita são geradas por objetos e formas expositivas de influências artísticas. Recorremos às histórias de personagens do cinema e de livros na justificativa desta pesquisa, pois, desde o princípio nos importam as nuances que matizam os objetos do mUc e suas narrativas. Artes e objetos aparecem sintonizados com a sensibilidade e a ludicidade como traços intrínsecos do cotidiano em exposição. De fato, em um dos parágrafos seguintes, discorre-se sobre a aproximação promovida por Benjamin entre Literatura e narração. Entretanto, o diálogo estabelecido por este filósofo que aqui se enfatiza acontece “[...] entre a experiência de narrar e as experiências cotidianas” (CABRAL; DOS SANTOS, 2017, p.160).

Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, p. 197-198)

Diante do papel dos(as) narradores(as), entretanto, ao escrever sobre o assunto, o pensador trouxe o fato de que “no final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres de experiência comunicável” (BENJAMIN, p. 198). O que o “Objeteiro” nos ensinaria sobre a arte de narrar em tempos de embaraços e de silêncio perante a violência? O que haverá para além do mundo “real e objetivo” das histórias “oficiais”, das existências de sujeitos resumidos aos dados dos relatórios circunstanciais e resumidos? Os cotidianos variam de época para época, e também de sujeito para sujeito. De certa forma, Benjamin começa a discorrer sobre isso para falar dos fatores que identificava como determinantes para o empobrecimento de experiências passíveis de serem narradas:

Uma geração que ainda fora a escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, p. 198)

E o filósofo continua... “Uma das causas deste fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo, até que seu valor

desapareça de todo” (BENJAMIN, p.198). Isto para posteriormente detalhar quais as características identificadoras de um narrador e de uma narrativa, enquanto pontuava cada elemento tido por ele como responsável pelo esmaecimento dos narradores. Sobre estes últimos, por conseguinte, Benjamin observou que há uma fonte à qual recorreram todos eles: a experiência passada de pessoa para pessoa. Caso a narrativa seja escrita, ele advertiu ainda que “as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, p.198).

Duas abordagens de diferentes tempos, o narrador e o sujeito de experiência ressaltam nesta investigação o importante papel de se expor em buscas. Larrosa nos lembra, por sinal, dos múltiplos sentidos que as palavras produzem. Por isso, detalha tipos de sujeitos possíveis de serem encontrados: sujeito da informação, da opinião, do trabalho, do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer e ainda outros. Mas, dentre os sujeitos, destaca:

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (BONDÍA, 2002, p. 24-25)

Ex-posto, o “Objeteiro” congrega e expõe objetos-histórias que o magnetizam, tantas vezes esquecidos por indivíduos pulverizados em seus respectivos mundos e cotidianos. O mUc é um espaço de sintonias inusitadas e de improváveis conversas, encontros que acolhem igualmente entre si narrativas de vida do próprio Antônio Carlos. Há pouco, sobre o narrador, atentou-se que, para que seja um sujeito ‘de narrar’, ele tende a apresentar afinidades com um sujeito de experiência. Guardadas as devidas especificidades de cada uma dessas duas ideias, pode-se dizer que há algo notado no cerne da ultrapassagem do registro e do mero ato informativo. Narrador e sujeito de experiência se comprometem com as narrativas em um tipo mais vivo de relacionamento. Aliás, a esse respeito nos embasamos em um narrar que promova uma “troca de afetações” (CABRAL; DOS SANTOS, 2017, p.160) no lugar do escambo de informações noticiadas, dos dados históricos catalogados, dos prontuários médicos, etc. Seguem no quadro abaixo outras aproximações possíveis dentro do aqui proposto contexto:



Tabela 1: Aproximações entre o “Narrador”, de Benjamin, e o “Sujeito de Experiência”, de Larrosa

| O “NARRADOR”   | O “SUJEITO DE EXPERIÊNCIA”                               |
|--|--|
| O narrador sabe “dar conselhos”, pois estes se embasam em sua própria experiência;   | É um sujeito que se expõe;                               |
| Aconselha após ouvir a verbalização de quem receberá seus conselhos;   | Escuta os outros;  |
| Retira o que conta da própria experiência (ou da experiência relatada pelos outros);   | Fala sobre o que a ele acontece (há o que a ele chegue); |
| Suas narrativas conservam forças: mesmo depois de muito tempo, são capazes de se desenvolver, espantar, provocar reflexões...; | Há o que o suceda;                                       |
| Tece as narrativas com paciência, não conta se o tempo enquanto narra é prolongado.  | Dá-se tempo e espaço.                                    |

Fonte: elaborado pela autora (2017)

Já em sua época, o próprio Benjamin comentou que o “dar conselhos” soava como uma atitude antiquada. Isto porque, pelo fato de ter se iniciado há muito tempo atrás o processo que faz com que as experiências deixem de ser comunicáveis. O pensador pontuava ainda que o romance produzido na idade moderna “tende a culminar na morte da narrativa” (BENJAMIN, 201). E segundo ele, o surgimento das *short story* se associa à invasão de um tipo nocivo ao cultivo das narrativas: a informação. Esta passagem consta aqui resumidamente mencionada, embora a explanação do autor seja digna de uma leitura cuidadosa. Afinal, envolve a complexidade de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que acompanharam a trajetória dos pontos-chave de uma mudança de paradigma no campo das linguagens.

Aproximar ideias de Benjamin e de Larrosa por intermédio das aproximações possíveis entre o narrador e o sujeito de experiência conta sobre dois pensadores que, em momentos históricos e cenários socioculturais distintos, lidam com a representatividade mantida pelas narrativas. De acordo com estas duas ideias, qual é o lugar dos sujeitos dentro dos processos de divulgação e construção de conhecimento? Como atuam as linguagens e meios/tecnologias provenientes das transformações ocorridas no intervalo entre as épocas de enunciação de um e outro pensamento? Seria o “narrador” alguém que resiste, pega outras estradas e, ao flertar com as fronteiras que ultrapassa, torna-se um símbolo de autonomia emancipatória? E quanto ao “sujeito de experiência” que abre espaços de criação nos momentos em que narra? Por que educadores(as), tendo em mãos tantas fontes recebidas

como autênticas, optaram por não abrirem mão das milenares narrativas? Prosseguimos com estes questionamentos na interseção de um tipo de narrativa em destaque até mesmo no turbilhão contemporâneo das informações: as narrativas (auto)biográficas.

## **2.2 Movimento de Pesquisa (Auto)biográfica – Trajetórias, narrativas de vida, curadorias e experiência em Educação**

Partiremos de algumas considerações seguintes que introduzem e sintetizam as ideias presentes no artigo intitulado “O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional”. Esta referência foi selecionada em função da clareza com que mapeia os principais enfoques e possibilidades dentro da pesquisa qualitativa em Educação do movimento de pesquisa (auto)biográfica no Brasil. Estudar aspectos de narrativas (auto)biográficas abrange considerar esta corrente que se desenvolve por cooperação científica nos âmbitos nacional e internacional. Reconhecidamente, mapear investigações realizadas no contexto em questão é assumir o risco de incorrer em omissões. Afinal, por recentes que sejam aqui no país, tais estudos já contam com um portentoso volume de pesquisas, produções e projetos.

Refazendo o caminho de pensamento de um material elaborado por dois professores universitários do Brasil<sup>17</sup>, conheceremos alguns dos conceitos de onde decorrerão as próximas seções a serem apresentadas. Entre os parágrafos que resumem essa nossa fonte, traremos paralelos com algumas questões que gravitam em torno do nosso ambiente e de nosso sujeito-gerador<sup>18</sup> de pesquisa. Defendemos que as narrativas de Antônio “Objeteiro” no Museu do Cotidiano são de natureza (auto)biográfica e os parênteses usados no prefixo reflexivo de tal denominação destacam o seguinte: as narrativas perpassam histórias componentes das vidas cotidianas de pessoas, o que não implica que o narrador a toda hora teça apenas narrativas de si. No caso do nosso narrador de histórias sobre os objetos que ele mesmo encontra, coleciona e disponibiliza, as narrativas trazem sim contações de casos sobre as pessoas que guardavam ou possuíam os itens, os lugares por onde viveram e passaram. Entretanto, na espontaneidade de uma conversa, no movimento de livre apropriação por meio de sentir o espaço e o tempo a

---

<sup>17</sup>Na ocasião de publicação do artigo, em 2017, ambos os autores eram professores titulares em programas de pós-graduação em Educação. A Profa. Maria da Conceição Passeggi, na UFRN e o Prof. Elizeu Clementino de Souza, na UNEB.

<sup>18</sup> O termo sujeito-gerador foi sugerido aqui numa relação com o conceito de “Temas geradores”, de Freire, e “Objetos-geradores”, de Francisco Regis Lopes Ramos (conceito trazido para esta reflexão pela Profa. Verona Campos Segantini). Os dois pensadores se referem à ideia de palavras e objetos que geram problematizações. Nesse sentido, Antônio Carlos é o nosso sujeito gerador, pois partimos de suas práticas no mUc para as reflexões aqui propostas.

partir do que pede o momento do encontro... Antônio Carlos se permite a algumas onisciências, conta intercaladamente casos de quando a sua própria história e seus objetos pessoais também participam da reunião de todas as demais histórias e objetos do mUc.

Os autores que nos servem de referência partem das seguintes palavras de Christine Delory-Momberger (2005) em prol de concatenarem algumas bases teóricas e metodológicas: “[...] o espaço do *biográfico* não se reduz às narrativas de vida; o *discurso autobiográfico* [...] se enraíza numa atitude mais fundamental do ser humano que consiste em *configurar narrativamente* a sucessão temporal de sua experiência”. Consideramos as reflexões acerca da autonomia dos sujeitos que realizam configurações narrativas importantes para o nosso estudo na área de Educação em Museus. A dimensão temporal integra o horizonte de apropriação dos(as) estudantes, visitantes e de qualquer sujeito que compartilha experiências de vida. Não há a rigidez de padrão cronológico para narradores ou uma periodização convencional para regular o fluxo das experiências cotidianas compartilhadas. Até mesmo os cotidianos se diversificam de pessoa para pessoa e nisto também se observa o imenso potencial pedagógico das narrativas (auto)biográficas.

Tão necessário quanto pensar em possibilidades epistemológicas é perscrutar as probabilidades políticas deste paradigma narrativo que traça sua trajetória nas Ciências Humanas e Sociais. No cenário brasileiro, tem-se dois marcos no movimento de pesquisa (auto)biográfica: a partir de 1990, quando emerge como campo de pesquisa; E de 2000 em diante, quando passa a se diversificar. Por isso mesmo, nas edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica – CIPA são discutidos tantos eixos temáticos. Desde 2004, o CIPA funciona como um ambiente voltado aos fomentos e debates relevantes para este movimento de pesquisa com o qual nos identificamos e que se desenvolve em franca ascensão no tocante aos termos de orientações teórico-metodológicas.

O reconhecimento da seriedade e das repercussões da iniciativa de narrar está entre os primeiros passos dessa nossa fonte de Passeggi e Souza (2017). Segundo ela, as narrativas levantam os eixos da pesquisa (auto)biográfica em Educação como um campo que pressupõe o seguinte: cada sujeito se apropria da linguagem, do gestual, das imagens, desenhos e afins, quando conta as suas experiências. Além da situação de se depararem com histórias de vida, ao narrarem, os sujeitos misturam as próprias vidas, por via de um olhar próprio determinante em suas narrativas. Daí tem início outra forma de contar: a narrativa (auto)biográfica. Essa ideia se aprofunda quando a produção de outro tipo de narrativa é pensada enquanto algo que

traz características singulares<sup>19</sup>. Pela chamada “biografização” do narrar, o narrador traça um enredo que o permite reinterpretar os fatos ao mesmo tempo em que se reinventa. A razão de ser do campo da pesquisa (auto)biográfica está em investigar o seguinte: como tal atitude subjetiva contribui para os estudos científicos e possibilita conhecimentos humanos e sociais?

A trajetória das narrativas (auto)biográficas que começa a partir dos anos 1980 se relaciona com a crise de grandes paradigmas como o estruturalismo e o behaviorismo, dentre outros. Sem dúvida, uma crise dessa natureza permitiu um novo lugar para o sujeito nos campos de investigação. Tal recolocação ficou conhecida como o “retorno do sujeito”, este que passa a fazer da linguagem um instrumento para além de expressar o que se pensa. A convencionalizada denominação de “giro lingüístico” ou “giro discursivo” traz para a cena o reaparecimento do sujeito “sob múltiplas peles: a de autor, narrador, ator, agente social e personagem de sua história” (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p.9)<sup>20</sup>.

O sujeito que retorna assume a linguagem como meio de estruturar também os próprios pontos de vista, para além de expressar o que pensa. Passeggi e Souza (2017), em concordância com Tomasello (2003), citam-no enquanto reforçam que o diferente perspectivar da realidade promove e disponibiliza para o sujeito semelhante diferenciação também nas representações do outro e de si. Vários autores apostam na pesquisa (auto) biográfica em Educação focada na capacidade da biografização. O foco na situação antropológica de alguém que, no momento em que narra, organiza a própria experiência em prol de uma razão narrativa, não passa de um contínuo processo de aprendizagem e de constituição sócio-histórica do(a) narrador(a). A “pesquisa (auto)biográfica privilegia, pois, esses processos de biografização com o objetivo de compreender como os indivíduos se tornam quem são.” (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p.9).

Se narrar é uma atitude cotidiana constitutiva dos processos de individuação e de socialização, então tem estreita relação com as condições sociais em que os indivíduos vivem. Estes, afinal, ao se biografarem, mais do que produzirem narrativas (auto)biográficas, produzem narrativamente para si e para outrem, formas diferentes de existir. Tanto assim que o “giro narrativo” supramencionado ocorre em meio a transformações sociais provenientes de um momento histórico de ressignificação das instituições tradicionais. Com a perda

---

<sup>19</sup> Características singulares acompanham as narrativas do “Objeteiro”, desde a situação em que ele declara que são os objetos garimpados que “o perseguem”. E, cada novo objeto a abordá-lo pelo caminho das derivas que ele empreende pela cidade movimenta um rearranjo em meio ao que ele chama de “desordem cronológica” da disposição dos objetos do mUc. Há toda uma singularidade simbólica e espaço-temporal na concepção de dinamismo ritmada com algumas questões pragmáticas do cotidiano. (Observações inspiradas em conceitos trazidos pela pesquisa de Isabela Vecci Abijaude.)

<sup>20</sup> Vários papéis de Antônio Carlos se revelam durante sua narrativas nas visitas ao mUc: narrador, mediador, autor e criador do espaço, curador, personagem de algumas histórias, etc.

dacentralidade da família, da igreja, da escola ou do trabalho, os indivíduos se encontram responsáveis por um encontro de si mesmos que se alia à busca de se instituírem como sujeitos de direitos na sociedade. Nesse sentido, a biografização do narrar

[...] coloca no centro do processo a capacidade humana de reflexividade autobiográfica do sujeito, permitindo-lhe elaborar táticas de emancipação e empoderamento suficientemente boas para superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem. Uma aposta pós-colonial, que se opõe a uma visada elitista do conhecimento que desconhece essa capacidade de reflexividade humana e de interpretação do cidadão “comum” que sofre as pressões cotidianas que o destituem dos seus direitos e embotam sua consciência crítica. (PASSEGI; SOUZA, 2017, p.10)

A biografização envolve um trabalho conscientizador que, para Passeggi e Souza (2017) contribui para algo que os levou a citarem as frases seguintes: “[...] subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca de uma ideologia elitista” (FREIRE, 1992, p. 85). Quando a pessoa que narra se transforma em autora, abrem-se processos de resistência, iniciam-se movimentos emancipatórios. Segundo a sugestão de Bruner (1998, 2014), em outra citação dos autores, isto se relaciona inclusive com um modo narrativo de pensar (literário, histórico, circunstancial), o qual se opõe ao objetivo modo paradigmático (lógico-científico).

Passeggi e Souza (2017) recorrem ainda à abordagem de que as produções de conhecimento resultantes do modo de pensar anteriormente referido como narrativo está na base de uma chamada “epistemologia do sul” (SANTOS, 2009). Afinal, esta última oferece um contraponto a uma epistemologia do Norte (hegemônica, excludente, dogmática, colonial). Então, os autores traduzem e citam Ferrarotti (2013) em: “Por essa razão seria inútil buscar apreendê-lo dentro de fronteiras disciplinares, pois esse tipo de conhecimento se refaz, a cada passo, sob novas configurações, escapando da rigidez e da estabilidade procurada no campo dito científico”. Em reforço disto, os autores referenciam a seguinte reflexão de Ferrarotti (apud Passegi, Braga, 2014, p. 152), citando-na

É nesse sentido que o método biográfico e os *Cultural studies* encontram-se numa mirada comum, que estão para além das divisões disciplinares. Nem multi-, nem inter-, nem transdisciplinar, mas pós-disciplinar. Isso quer dizer que é preciso ir buscar instrumentos heurísticos e metodológicos no lugar onde eles se encontram: na história social, na filosofia, na antropologia social e cultural, na etnografia, na psicologia e na psicanálise, mas também na literatura e na poesia. (apud PASSEGI e SOUZA, 2017, p.12)

Numa contracorrente positivista e colonizadora, estudar as narrativas (auto) biográficas pelas histórias de vida em formação é priorizar o humano. Nosso material também recorre à Pineau e Le Grand (2012), em sua defesa de que as narrativas focalizadas assumem uma perspectiva “epistemopolítica”. Por este caminho, das narrativas surgem propostas que

emergem para algo muito além da busca de uma verdade: dizem respeito a um conhecimento renovado em prol de tecer uma reflexão acerca das experiências narradas e assegurar também uma renovação de posicionamento político no território da ciência. Para tanto, estão implicados princípios e métodos com funções que:

- legitimem a palavra proferida pelo sujeito social;
- valorizem a capacidade de reflexão deste, independentemente de qual seja a sua idade, cor, gênero, posição na sociedade, etnia, profissão, entre outras características.

Mais pensamentos que compõem as citações da referência de Passeggi e Souza (2017, p.12) ora descrita são as concepções das histórias de vida, as quais Ferrarotti (2013, 2014), numa perspectiva crítica, sintoniza com as apostas (epistemopolítica, pós-colonial, e pós-disciplinar) do movimento (auto)biográfico em Educação. Em consonância com isto, nossos autores entendem que tais apostas necessitam de crescentes investimentos em pesquisas, valorizando o retorno que estudos nessa área tem a gerar nos universos humano, democrático e socializador dos conhecimentos. Construir conhecimento na pesquisa (auto)biográfica é um exercício que não dispensa questões como respeito e alteridade. Pelo estudo das narrativas autobiográficas, são acessadas potencialidades de superação daquelas dificuldades oferecidas pelas abordagens tradicionais.

Ao lançarmos mão das histórias de vida de que as narrativas (auto)biográficas são fontes e métodos simultâneos de investigação, sobre o que podemos indagar? Em educação, há possibilidades de surgirem perguntas sobre práticas e trajetórias de formação docente para se perceber como os(as) professores(as) dão sentido a elas. Desponta assim, das narrativas de professores(as) em formação inicial ou continuada, uma variedade de temas que mesclam memórias, questões de gênero, caminhos de aprendizagens e formação para a docência. Neste e em outros eixos semelhantes, as pesquisas se orientam pelo seguinte princípio ético: narrativas da experiência não comunicam o que já se sabe, pois integram tanto processos de descoberta como de reinvenção de si, em dimensões onde saberes implícitos podem ser transformados em conhecimentos.

Histórias de vida, sob a forma de narrativas autobiográficas e formação docente: ambas, como referenciam Passeggi e Souza (2017, p.14), estão entre as orientações do movimento (auto)biográfico. Sobre este assunto, o posicionamento de Bueno, Chamlian, Sousa e Catani (2006, p. 393) é citado como constatação de que a vertente que ficou conhecida pelo nome de “pesquisa-formação” teve pouca ressonância no Brasil.

Com efeito, essa perspectiva emerge, sobretudo, a partir dos anos 2000 (Passeggi, 2000) e por poucos grupos de pesquisa no Brasil, que se voltaram para os *memoriais de formação* (Passeggi, Barbosa, 2008; Barbosa, Passeggi, 2011). Esse gênero autobiográfico universitário é retomado como dispositivo de pesquisa-formação, visando instituir a pessoa do professor como principal interessada no conhecimento que ela produz sobre si mesma, para ela mesma, embora sob a perspectiva de uma injunção institucional (Barbosa e Passeggi, 2011). (apud PASSEGI e SOUZA, 2017, p.14)

Dentre os(as) estudiosos(as) das questões ligadas às histórias de vida nas mudanças que encaminharam para o paradigma da “pesquisa-formação”, Passeggi e Souza (2017, p. 14) destacam a influência de Gaston Pineau (2005). Em concordância com as noções deste último, se algumas produções se levantam como gêneros (auto)biográficos universitários, é para fazerem frente à uma visão aplicacionista da Educação que se caracteriza pela dicotomia teoria-prática. Logo, outra direção é indiscutivelmente necessária para aumentar o dinamismo que permite aos que se formam a possibilidade de se tornarem reflexivos sobre suas próprias práticas e decidirem com mais autonomia. O interesse pela formação de professores(as) que se baseia no registro escrito de suas experiências pedagógicas compõe, todavia, um entre os grandes eixos de investigação.

A diferença da pesquisa-formação para a pesquisa tradicional é o acréscimo do processo de investigação à pessoa que se forma, pois a produção desta é legitimada. Assim, ir muito além da introjeção de saberes passa por democratizar as categorias de produção do conhecimento. Otimizar a ação educativa sem levar em conta quem refletiu sobre ela? Está aí o lugar dos objetos de pesquisa dentro do modelo clássico. Na pesquisa-formação é diferente, pois o destaque da investigação abrange, conforme Passeggi e Souza (2017, p.14) as “práticas não instituídas e as aprendizagens experienciais”. Daí a ampla abertura para mais dois tipos de aprendizagens: as não formais e as informais. Quando divisões e dicotomias não são os fundamentos, a pesquisa-formação adota metodologias interativas, nas quais pesquisa e formação são inseparáveis.

A pesquisa-formação torna-se, no momento atual, um ponto de reflexão importante, nas pesquisas conduzidas nos mestrados profissionais em que emergem dissertações voltadas para as práticas pedagógicas. Um outro viés surge, também, em teses que tivemos a oportunidade de examinar mais recentemente. Os jovens pesquisadores se situam em processos de formação pela pesquisa, ressaltando como se formaram *com* o que pesquisaram e como pesquisaram na interação com o outro e consigo mesmos durante a pesquisa. (apud PASSEGGI e SOUZA, 2017, p. 15)

Neste momento, Passeggi e Souza (2017), fazem alusão à Passeggi (2016, p. 75-76), para associar a pesquisa-formação com a visão do “aprendente” que existe tanto no professor quanto no pesquisador. Aquele que ensina e aquele que pesquisa, ambos desenvolvem o seu potencial voltado para a produção teórica e de conhecimentos relativos às práticas por eles

exercidas, tendo em conta os próprios modos de serem e de aprenderem. Até agora, o que se sintetizou desta publicação tomada como referência já se faz suficiente para um melhor entendimento sobre as contribuições buscadas no movimento de pesquisa (auto)biográfica. Outros detalhes da mesma fonte serão retomados adiante nos momentos em que se fizer mais propício indicá-los.

Prosseguimos a seguir com mais bases que corroboram com o desenvolvimento da autonomia de quem narra (o “narrador”, de Benjamin), a um só tempo em que propõem desvios, perspectivas (o “sujeito de experiência”, de Larrosa). Para citar um exemplo, o que ocorre com uma professora-pesquisadora que, enquanto mestranda expõe suas experiências de formação e reflete sentidos? Decerto, ao longo da investigação sobre um problema que a desafia também se transforma enquanto estudante e educadora. Afinal, a conscientização acerca dos conhecimentos erigidos viabiliza a aprendizagem e é um requisito determinante para aquilo que se passará a conhecer no futuro. Se o posicionamento assumido pelos sujeitos é compatível com a consciência destes; Logo, a cada um, é imprescindível alcançar clareza sobre a fragilidade das decisões subjetivas face à historicidade dos próprios horizontes de deliberação. Encontramos problematizações dispostas a expandir perspectivas necessárias sobre tais horizontes dentro da vida e da obra de Paulo Freire.

### **2.3 A biografização das narrativas e a Pedagogia de Paulo Freire**

Mais claro o lugar das narrativas (auto)biográficas no contexto nacional dos processos de ensino e aprendizagem (e como podem ser relacionadas ao contexto do mUc), cabe agora destacar a presença ousada deste gênero nos esforços empreendidos para reelaborar a formação docente. As reflexões acima expostas contam das mudanças de paradigmas experimentadas desde os anos de 1980 e correspondem à razão de ser do próprio movimento de pesquisa (auto)biográfica. Chega agora uma etapa de diálogo com o pensamento de Paulo Freire (1921-1997), tanto mais pela impossibilidade de estudarmos os momentos da trajetória e da época em pauta com ênfase no campo da Educação, sem nos aproximarmos da trajetória deste pensador.

Patrono da Educação Brasileira e uma das maiores referências de pensamento na história da Pedagogia mundial, Freire influenciou o movimento conhecido como Pedagogia crítica. Dentre as contribuições dos pensamentos deste filósofo, pedagogo e educador, destacam-se a sua notável influência na formação daqueles que deram partida à aventura teórica e metodológica da biografização das narrativas em nosso país: os professores de 1990. Não há dúvidas sobre a efervescência desta época para os assuntos que aqui tratamos. Tanto



que data mais ou menos do mesmo período, as etapas iniciais da criação do mUc por Antônio “Objeteiro”. Isto nos incentiva a recapitular o conjunto de características e particularidades que mantém o legado freireano entre as maiores inspirações para os(as) educadores(as) de toda parte, em especial os(as) latino-americanos(as) e os(as) africanos(as).

Enquanto Paulo Freire no papel de exilado político vivia as dificuldades enfrentadas pelos brasileiros no desenvolvimento democrático de seu país, escreveu e publicou sua consagrada *Pedagogia do Oprimido* (1970), posteriormente traduzida em vários idiomas. Um período de aprendizado, com passagens por vários lugares do mundo, transcorreu até que este educador brasileiro pudesse voltar e, em 1974, finalmente publicar tal marco de sua obra para os próprios compatriotas. Eis aí uma história que, por si só, justifica a entrega deste homem a uma carreira que, além de não menosprezar a dimensão política da educação, nela identifica processos que abrangem um objetivo essencial: formar cidadãos e cidadãs que reconheçam a si mesmos(as) e uns(umas) aos(às) outros(as) como sujeitos das próprias histórias.

Mas, como realizar práticas de liberdade por meio de práticas educativas que contribuam para o nosso aspirado desenvolvimento social? Ao fundamentar o método da *Pedagogia do Oprimido*, Freire apostou na relação linguagem-pensamento. Para tanto, dentro do âmbito da Teoria do Conhecimento, localizou nos estudos de Piaget e de Vygotsky as bases epistemológicas que reconhecia como necessárias. Por isso

A prática educativa freireana privilegia a palavra como ação cognoscente, ou seja, pela ação dialógica (linguagem), há um processo contínuo de incorporação da cultura e do conhecimento. O método da teoria freireana se propõe a criar uma oportunidade de atos de fala aos oprimidos calados no contexto social como caminho para o desenvolvimento individual e coletivo de um projeto político de democracia. (apud OLIVEIRA e BASTOS, 2007, p.127)

As oportunidades de atos de fala passam então a existir entre os oprimidos no seio de um método de alfabetização, o qual tem centralidade numa proposta político-pedagógica de educação. O engajamento num projeto de emancipação política como este desafia a encontrar o que Freire chamou de “tema gerador”, a partir do qual os(as) educandos(as) possam dar desenvolvimento a toda uma problematização. Para tanto, uma palavra que seja relativa ao universo do grupo em alfabetização assume a responsabilidade de propiciar situações de fala criadas pelos(as) próprios(as) jovens e adultos(as) para que aprendam enquanto dialogam sobre um tema integrante de sua realidade. Parece simples demais que uma palavra decodificada possa expressar tanto sobre o cotidiano dos(as) estudantes, não é mesmo? Sim e, apesar do tamanho desta simplicidade toda foi assim que, para citar um exemplo, já em 1961, no Recife, Freire e sua equipe chegaram a alfabetizar 300 cortadores e cortadoras de cana em 45 dias.

Tanto como Secretário Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo, como enquanto doutorando em Educação, pode-se dizer que o professor e filósofo Mario Sergio Cortella teve Paulo Freire como orientador. A carreira acadêmica, as palestras e participações em diferentes meios de comunicação, as publicações... Por onde passa, Cortella leva consigo suas apropriações inspiradas no legado de Freire. Em 2015, escreveu com o jornalista Gilberto Dimenstein *A era da curadoria - o que importa é saber o que importa!* Neste livro, educadores(as) e jornalistas se aproximam numa função comum: comunicar conhecimentos. E comunicar não é sinônimo de informar. Por isso recorrem a um termo comumente associado ao trabalho dos(as) museólogos(as), isto é, a curadoria. Funções que combinam linguagens da Educação e da Comunicação necessitam de se conectarem as vidas dos sujeitos para os quais se dedicam. Dialogar com os problemas cotidianos de alunos(as), leitores(as), telespectadores(as), ouvintes e visitantes: eis um passo indispensável para se importar com o que importa, o que eleva as vidas dos(as) interlocutores(as).

Em substituição das práticas verticais, científicas e opressoras do que Freire mesmo chamou de “educação bancária”, o método pressuposto pela Pedagogia do Oprimido traça transformações libertadoras nas práticas educativas. A construção dos sujeitos é processual e, numa relação educacional, a consciência de que este processo é inacabável garante uma horizontalidade entre professores(as) e estudantes. Embora todos os sujeitos da educação sejam diferentes entre si, o fato de estarem em constantes formação e convivência permite uma espécie de reconhecimento mútuo entre os(as) buscadores(as), ou seja, promove a chamada intersubjetividade. Por isso, Freire (2005, p. 64) afirma: “Ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. Os homens se educam juntos na transformação do mundo”. Educadores(as) e educandos(as) unidos(as) nas realidades em que interagem uns(umas) com os(as) outros(as), além de desvendarem o universo do conhecimento, criticam-no e o transformam.

Na pedagogia de Freire e na concepção de curadoria de Cortella, tanto educadores(as) quanto educandos(as) são sujeitos participantes, livres e críticos que, no diálogo entre si, formam-se pela constante construção e reconstrução de conhecimentos. Não será uma escola autoritária, entretanto, o lugar onde se realiza tal conscientização ou onde, livremente, criam-se espaços de linguagem. Sem uma interação dialógica, nada pode ser feito! Até porque ninguém está concluído para que possa decretar o fim de uma conversa. O fato de uns não serem iguais aos outros e trazerem diferentes bagagens consigo oferece a cada sujeito sempre mais a aprender, além de elementos para ressignificar aprendizados pregressos. Não bastam ensinamentos e curadorias afeitos aos tradicionalismos. Preservar, conservar, memorizar e decorar:

depois destes verbos, é provável que se revelem objetivos fechados para a abertura de possibilidades para novas possibilidades, defende Cortella.

Nesse sentido, retoma-se muito do que se pensou no item anterior sobre o período inicial do Movimento de Pesquisa (auto)biográfica no Brasil. No que se refere à área específica de formação de professores(as), entra-se em contato com histórias sobre os desdobramentos sociais e políticos do desenrolar das mudanças epistemológicas de paradigma em nosso país. O artigo que nos serviu de referência para estes tópicos, citou as idéias de Bueno, Chamlian, Sousa e Catani (2006, p. 388) para contar que o princípio de tal mudança paradigmática, entre os brasileiros, aconteceu na última década do século passado. Para tanto, Passeggi e Souza (2017, p.13), lembraram que reformas na legislação colocaram em evidência o papel fundamental “[...] do professor na formação e profissionalização docente na América Latina e no Brasil [...]”. Este contexto potencializou o interesse por abordagens (auto)biográficas, como o são as histórias de vida de professores.

O momento inaugural em Educação acontece nos anos 1990, com os trabalhos e pesquisas desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero (GEDOMGE), criado em 1994, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Esses estudos inspiram-se, prioritariamente, no *movimento sociohistórico das histórias de vida em formação*. Essa é a primeira filiação do movimento (auto)biográfico em Educação, no Brasil. Ele é em larga medida tributário das contribuições dos pioneiros *das histórias de vida em formação*, que emerge, nos anos 1980, na Europa e no Canadá, no contexto da formação continuada de adultos. Ressaltam-se os estudos de Gaston Pineau (1983, 2005); Pierre Dominicé(2000), Marie-Christine Josso (2010), no mundo da francofonia e o de António Nóvoa (1992,1995), no mundo da lusofonia. (apud PASSEGGI e SOUZA, 2017, p.13)

Ora, além de um grande eixo temático e investigativo, as produções escritas da experiência pedagógica, em seu uso para a formação de professores(as), encontram nos trabalhos de Paulo Freire um material indispensável para aqueles(as) envolvidos(as) em formação e emancipação de adultos. E o que há de tão imperativo neste material? A valorização dos saberes resultantes do ato de refletir sobre as experiências (socioculturais) como algo que permite aos sujeitos uma educação libertadora.

Portanto, peço licença para apresentar a seguir uma autonarrativa. Nela, compartilho como a oportunidade de realizar a presente pesquisa científica me revelou conhecimentos ressignificantes para a minha consciência. Decerto, por apropriações libertadoras, houve importantes ajudas para formar a cada um que se formava no curso do PROMESTRE. Num desafio de expressarmos nossas dúvidas e incertezas, nesse sentido, avaliamos os(as) curadores(as) que somos pela seleção que fazemos do conjunto que chega conosco em nossos espaços de atuação, para os públicos com quem lidamos no cotidiano.

Quadro 1: Memorial autobiográfico: demonstrativo

A história do movimento de pesquisa (auto)biográfica na minha história

Até o ano de 2017, quando ingressei na Faculdade de Educação da UFMG para cursar o Mestrado Profissional Educação e Docência, não sabia quase nada sobre pesquisas realizadas com base em narrativas escritas de vida, tampouco da história do movimento de pesquisa mundial de que participam. Para mim, o ano de 1990 me dizia muito sobre o meu ingresso no então chamado “ensino primário” e eu ignorava que este também fosse o ano de emergência do Movimento de pesquisa (auto)biográfica aqui no Brasil. Tenho guardado entre as minhas memórias um livro construído por mim em sala de aula, um ano após a morte de Paulo Freire, isto é, 1998. Este objeto é feito da compilação de propostas sortidas de produções (auto)biográficas, todas realizadas com inesquecível entusiasmo, naquela etapa já de minha adolescência. Aliás, quando escrevi as palavras que ficaram registradas nesta obra intitulada pela minha professora de Literatura e Língua Portuguesa “*Transbordando: sou isso enfim...*”, tinha começado a estudar Filosofia há cerca de um ano (algo que, na época, era oferecido como diferencial por muitas escolas da rede particular de ensino, sobretudo as confessionais). Lembro-me claramente de que, no ano seguinte, tomei a primeira grande decisão da minha vida: ser professora de Filosofia. Conheci o pensamento de Freire em 1999, quando conciliava o primeiro ano do Ensino Médio com o primeiro ano do Curso Normal. Neste último, a disciplina de Filosofia da Educação não só contribuiu para que eu definisse a área de estudos e atuação à qual me voltei na graduação universitária (2003-2006). Ali, comecei a reconhecer o ensino como prática-formativa responsável pela construção de conhecimentos libertadores, algo que um pouco mais adiante, em circunstâncias extremas, tornou-se definitivo para o exercício da minha própria liberdade. No universo acadêmico, conheci muitas outras reflexões sobre a autonomia dos sujeitos e fiz da minha formação o compromisso de repercuti-las em outros âmbitos da sociedade. No contexto escolar, apenas em 2008, um espaço no Ensino Médio foi aprovado para o ensino regular de Filosofia. Durante a escrita do Projeto de Pesquisa para a seleção de mestrado, em 2016, este espaço começava a sofrer declaradas ameaças de uma retirada que, nos meses iniciais de 2018, apareceram como consolidadas em publicações de diferentes mídias. Nessa década compreendida entre 2008 e 2018, o pensamento de que nós, profissionais da Filosofia, necessitamos ampliar nossos campos de atuação para outros ambientes onde possamos nos desenvolver com dignidade só recebeu reforços. Em proporções que variam, são recorrentes as interrupções de natureza ideológica. A minha aprovação no PROMESTRE me permitiu ao que considero um dos meus maiores passos dados nesta busca de ampliação: pesquisar na linha de Educação em Museus e Divulgação Científica. Isso me abre um mundo de bases teóricas e metodológicas, em que me recoloco numa profusão de linguagens e epistemologias. Hoje, tenho dimensão de que encontros decisivos em minha vida foram marcados na escola e na universidade. Entretanto, a construção de novos encontros (inspiradores como as ideias de Freire!) passaram a ser o meu objetivo para uma educação libertadora que, no momento, permite-se a desapegar dos ambientes de educação formal, num quadro histórico de necessitar se desprender de suas formas. Podem parecer insipientes ou excessivamente subjetivas as palavras aqui escritas? Sim, um tanto, embora não o sejam de todo. Dos caminhos que estamos abrindo em tempos de portas que se fecham um trecho muito importante corresponde a deixarmos acontecerem em nós (e em nossas buscas) algumas interlocuções com ideias que, nesse século, já não podem ser realizadas pelas pessoas de todos aqueles que as lançaram inicialmente.

Marcela Teófilo

As histórias de si, cujas contações há muito são costumeiras nas mesas de refeições das famílias, nas filas de banco, nos encontros com colegas e vizinhos(as) ao longo dos trajetos diários, nos telefonemas, etc. quando passam ao lugar também de propostas de registro escrito, dentro dos contextos de ensino e aprendizagem, abrem uma nova janela aos sujeitos que contam de si e do próprio mundo. Assim, alarga-se a visibilidade de algo que, pela via da Educação como práxis que liberta, está no eixo do significado de autonomia desenvolvido pelo próprio Paulo Freire. Grande pensador inclusive das pequenas coisas do cotidiano, como previamente pontuamos, Freire é parte indispensável da ampla e transformadora travessia empreendida pelas narrativas (auto)biográficas no cenário sociopolítico brasileiro.

A cultura digital ganha depressa mais e mais plataformas ao alcance de uma quantidade massiva de pessoas que, além de acessarem informações quando e onde desejam, podem se tornar produtoras e reprodutoras de conteúdos em diversos assuntos. Isto, refletidamente, pode contribuir em vários aspectos para socializar e democratizar conhecimentos. Do contrário, tende a recriar velhos contextos violentos... O fato é que não voltaremos no tempo. Então, o que fazer diante das transformações que nos impelem a mudanças? Será um risco experimentar uma autonomia que nunca tivemos, pelo menos, não na conjuntura agora disponível. De onde partiremos? Sob que critérios e por quais objetivos? Nisto, de alguma maneira, a grande maioria das pessoas vive uma experiência de travessia, de vulnerabilidade. O que tal condição repercute em nossas vidas como indivíduos? Que impactos notamos na coletividade?

Há professores que, desde o período de sua formação básica, receberam em primeira mão os novos ares de autonomia dos quais falamos, num testemunho simultâneo do “retorno do sujeito” e do “giro lingüístico”, descritos no item 2.2.. Muitos(as) destes(as) profissionais começaram suas formações docentes pouco após a virada do século, período que inaugurava também um segundo momento, no qual e pelo qual o movimento de pesquisa (auto)biográfico passou a se diversificar. Segundo Passeggi e Souza (2017), as edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica – CIPA, a partir de 2004 e a cada dois anos, ao promoverem debates em torno de seus eixos temáticos, estimulam a continuidade de estudos nesta área, bem como o seu desenvolvimento em termos de orientações teórico-metodológicas. Alguns desses eixos temáticos abordam características atreladas às transformações empreendidas pela cultura digital em desenvolvimento, sobretudo no que diz respeito aos reflexos da diversificação tecnológica dos últimos quinze anos, nas concepções de tempo e espaço, aos diálogos intergeracionais e a outros temas do tipo.

Ora, são tantas as mudanças no cotidiano, que é de onde nascem as narrativas (auto) biográficas! E de pensar na quantidade de linguagens e os meios disponíveis para serem acessados e editados, seja no registro ou na contação de nossas próprias histórias... Existe um fato inseparável das experiências dos(as) professores(as) e estudiosos(as) que se identificam com o potencial das narrativas (auto)biográficas no tocante à autonomia dos sujeitos da educação: as instituições onde lecionam, pesquisam e continuam suas formações ainda se encontram em lenta transformação paradigmática. Não só as instituições de ensino, mas também a grande maioria das outras. Aliás, a recolocação dos sujeitos, da qual lembramos e relembremos tema a tema, oferece desafios que resultam em combinações variadas e renovações de sentidos há muito cristalizados, algo que de fato sacode as estruturas tradicionais<sup>21</sup>.

Quando sacudidas, as tradições então identificadas como “zonas de conforto” se desestabilizam e espaços de linguagem podem ser abertos. Abertos para sujeitos para quem os lugares de fala estiveram fechados por tempos, inclusive. Colocado como eixo pela pedagogia freireana, quando o(a) oprimido(a) narra experiências de que ele(a) mesmo é sujeito, revela traços da sociedade em meio a qual vive e age. Não raro tais revelações trazem à tona a arbitrariedade do repisado desenho de opressões historicamente criadas num tempo que ficou para trás. Por conseguinte, ao som das múltiplas vozes não mais silenciadas, oportunas manifestações fazem questionáveis até mesmo os resíduos simbólicos das comprometidas (e insustentáveis no mundo contemporâneo) bases da colonizadora dinâmica opressor-oprimido.

O legado de Paulo Freire permanece mais vivo a cada dia, embora este pensador não tenha vivido o bastante para ultrapassar o século XX. A escola, a família, os grupos religiosos, os ambientes de trabalho, de cultura e lazer: as instituições sociais revelam traços de uma necessidade urgente de mudanças, de uma reforma para a realização da qual, ao invés de se fecharem, devem se abrir para todos(as) os(as) seus(suas) integrantes. O fato de alguns(algumas) integrantes serem reconhecidos(as) como sujeitos é, em vários casos, ainda bastante recente. Daí necessitarmos sintonizar nosso cotidiano com uma busca íntegra e integral diante das violências e vulnerabilidades que se levantam avessas à fruição de tal processo de construção de sujeitos. Nesse sentido, Habermas (1929) pode nos auxiliar com

---

<sup>21</sup> As reflexões aqui desenvolvidas participaram do Simpósio ICOMOS/2018. No eixo temático de Educação para o Patrimônio, apresentamos a comunicação oral intitulada *Educação para o patrimônio nas prateleiras do Museu do Cotidiano*. Ao longo de todo evento, houve menção aos parâmetros de oficialização do que se considera como patrimônio e como este reconhecimento é feito, sobretudo dentro de questões tratadas pela Museologia Social. Iniciativas de construção de museus afetivos e de museus de comunidades, por exemplo, trouxeram à tona várias controvérsias acerca do acesso de sujeitos à produção de conhecimentos e ao reconhecimento simbólico de seus patrimônios.

reflexões sobre uma ação compreendida por sua “teoria da ação comunicativa” como algo da maior importância: construir “sujeitos coletivos”.

### **2.3.1 A ação dialógica, de Freire e a ação comunicativa, de Habermas**

Nascidos numa mesma década, 1920, Paulo Freire e Jürgen Habermas decerto possuem biografias cujos contextos, referências, trajetórias de formação e de composição de obras são muito diferentes entre si. Diferenças à parte, por meio de contribuições por eles prestadas, ambos se tornaram expoentes dos potenciais emancipatórios do diálogo e da intersubjetividade, capazes de imortalizarem suas abordagens teóricas. Brasileiro e alemão, cada qual com a elaboração de suas próprias teorias, de algum modo compartilham fontes e visões que alcançam diferentes áreas do conhecimento, ideias que se encontram também em reflexões nas quais há encontros entre temas que alimentam o estudo ora apresentado: poderes e sistemas, emancipação e linguagem, libertação e evolução social.

Habermas é um filósofo ainda vivo que, em seu começo, juntou-se à Escola de Frankfurt, da qual também participou outro pensador que está em nossas fontes: Walter Benjamin. A longevidade tem permitido a Habermas que testemunhe uma trilha de transformações de paradigmas e de acontecimentos revolucionários. A isto muitos estudiosos atribuem o fato do pensamento habermaseano não se render a defesa pessimista de que, diante das consequências destrutivas da predominância de uma racionalidade de caráter técnico-instrumental, não há modelo algum de racionalidade que possa ser considerado válido. Para ele, identificar as deficiências do positivismo lógico centrado na relação do tipo sujeito-objeto, não anula a viabilidade do desenvolvimento de uma razão autônoma. Então, propõe em sua obra a ação comunicativa como um paradigma cujo eixo seja a linguagem, para que se permita à identidade do sujeito um desenvolvimento por meio da relação entre sujeitos.

Em consonância com a defesa habermaseana de ultrapassar o pensamento sobre a aquisição dos conhecimentos e tratar também do uso destes, vimos que Freire propôs uma educação com base na autonomia dos(as) educadores(as) e dos(as) educandos(as). Afinal, professores(as) e alunos(as) chegam ao cotidiano do ambiente escolar com referências próprias, com bagagens particulares trazidas de outras situações e grupos sociais. Os sujeitos da educação lidam, portanto com saberes variados, dentre os quais alguns ganharão maior sentido no âmbito da própria sala de aula. Frequentemente, todavia, os saberes já trarão consigo consideráveis influências de outros contextos. Assim, cada educador necessita, desde

o início de sua formação ter a devida clareza do quanto são determinantes para o fazer pedagógico:

- as próprias construções racionais prévias;
- e as construções racionais prévias dos educandos.

Ora, o fato é que parte desta acima pontuada compreensão prévia passará por uma reconstrução participativa é o cerne de uma educação transformadora e emancipatória. Para refletirmos sobre as construções racionais prévias dos sujeitos da educação, recorreremos mais uma vez a conceitos de Habermas expressos pelas palavras da Profa. Elza Melo, cujo trabalho na Faculdade de Medicina (UFMG) se destaca dentre as ações brasileiras de promoção de saúde e prevenção das múltiplas violências.

A ação comunicativa (entendam-se aqui a ação comunicativa e sua forma reflexiva, o discurso) ocorre sempre no mundo da vida, que é o conjunto de saberes pré-teóricos, implícitos e que, compartilhados pelos participantes da interação e colocados às suas “costas”, formam o horizonte de situação que vivenciam e garantem os recursos utilizados por eles para que se entendam uns com os outros numa dada situação. Assim, ao estabelecer relações intersubjetivas mediadas pela linguagem, podem coordenar as suas ações coletiva e cooperativamente. Ação comunicativa e mundo da vida se relacionam de forma circular: o mundo da vida forma o contexto e provê os recursos para que os atores possam se entender e agir de forma cooperativa e concertada; a ação comunicativa é o meio pelo qual o mundo da vida se reproduz. Os participantes da ação comunicativa, ao se entenderem entre si, reproduzem e renovam a cultura; ao coordenarem linguisticamente a ação, reproduzem lealdades. A criança, ao participar das interações, incorpora valores sociais e desenvolve habilidades; portanto, a ação comunicativa tem a função de, no que diz respeito à cultura, realizar a reprodução cultural [...], estabilidade das ordens sociais; e, no que diz respeito à personalidade, promover os processos de socialização, que formam sujeitos capazes de fala e ação. Dessa forma, os sujeitos que interagem uns com os outros utilizando a linguagem são ao mesmo tempo produto e produtores do contexto onde estão inseridos. (MELO, 2010, p.11)

Na Teoria da Ação Comunicativa e na Pedagogia do Oprimido, respectivamente, Habermas e Freire problematizam o papel das referências provenientes do “Mundo da Vida” nas vidas dos sujeitos. Se, por exemplo, o cotidiano tiver o foco de seus objetivos em critérios enunciados por interesses econômicos, as práticas educativas tendem a também se orientar por noções individualistas como lucro, posse, produtividade e afins. Acompanhando as análises de Oliveira e Bastos (2007), a responsabilidade da educação no combate a processos de colonização do Mundo da Vida passa inclusive pelos objetivos de outro movimento a ser trazido para a reflexão nesta pesquisa: a Educomunicação.



## 2.4 O campo da Educomunicação

Educomunicadores ressaltam que não há maiores burocracias. Um professor, por exemplo, pode criar um Blog para compartilhar conteúdos autorais e de outrem. É um suporte para sua prática docente que consegue desenvolver e divulgar autônoma e gratuitamente. Entretanto, o mundo virtual abriga formatos, políticas de uso e peculiaridades que se diferenciam de acordo com a aplicação dos(as) internautas. A experiência de produzir conteúdos desperta para outro olhar. Há também aspectos jurídicos e éticos. Temas como propriedade intelectual, cyberbullying, pós-verdade, fake news e afins nos levam a repensar sobre responsabilidade, alteridade, respeito, empatia etc.

Crimes de ódio e crimes digitais são alarmes contemporâneos para o alerta do quanto é muito tênue a linha de fronteira entre a libertação e a recriação de tradicionais formas de opressão. Digitais e analógicas, inúmeras fontes nos informam segundo a segundo, massivamente. Umas sequer nos importam ou não nos parecem fidedignas outras nem nos dissuadem. E as que nos iludem e nos extorquem? De qualquer maneira, também acessamos aquelas que colaboram para a construção coletiva de conhecimentos que eram inalcançáveis num passado não muito distante. As fontes à disposição aparecem tão misturadas que não é possível navegar entre elas sem o risco de um naufrágio por falha de discernimento. E a Educomunicação é um campo envolvido com a necessidade de educar para experimentar com consciência a realidade multimídia em que vivemos.

Soares (2014) é um expoente brasileiro na Educomunicação, uma vez que possui uma obra fundamental para quem busca compreender os aspectos históricos marcantes nas trajetórias de aproximação entre a Comunicação e a Educação. De acordo com este estudioso aconteceu dentro desta aproximação, nos últimos 60 anos, o surgimento de uma variedade de projetos que tem, inclusive, mobilizado instituições em torno do tema. A própria UNESCO é participante da busca por envolver os países latino-americanos nos percursos de desenvolvimento de uma educação midiática. Afinal, esta demanda pode ser tomada como um problema educativo primário, cuja natureza é cultural, além de representar uma condição para o próprio desenvolvimento das sociedades. Sendo assim, nas reflexões e estudos das problemáticas que revelam as circunstâncias nas quais Educação e Comunicação se aproximam, é imprescindível levar em conta as particularidades dos contextos socioculturais em análise. Nesse sentido, ainda que sejam sugeridos Protocolos (Moral, Cultural e

Mediático) para os estudos neste campo, as etapas, o teor das controvérsias e as propostas apresentadas são variáveis de acordo com as suas origens.

Não é por acaso que a América Latina se destaca como exemplo dos contornos culturais da educação midiática. Prova disto está no período que se seguiu aos anos de 1960, quando surgiu aqui, tipicamente, um movimento pela educação midiática dos países latino-americanos, com especificidades distanciadas dos esforços em empreender a *Media Literacy*, vindos da Europa e da América do Norte. Ao final da década de 1990 a qual destacamos aqui por sua efervescência no campo da Educação, o I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação (São Paulo, 1998):

[...] assumiu a Educação para a Mídia (*Media Education*) não simplesmente como uma questão educacional, mas, sobretudo, como um problema cultural. Tornou conhecido as, até então, desconhecidas experiências latino-americanas relacionadas à educação midiática, trazendo a público o conceito da Educomunicação, assim como o perfil profissional do Educomunicador (*Educommunication concept and Educommunicator profile*). Promoveu, finalmente, um efetivo diálogo entre pesquisadores do campo da *Media Education* e professores de sala de aula. (apud, SOARES, 2014, p.22)

Os educadores formam mais um grupo de sujeitos em busca da abertura de novos caminhos e, de acordo com Soares (2014) trabalham pela proposta de “unir forças para ampliar os espaços de negociação, especialmente com as políticas públicas, ainda resistentes em entender a importância de se tomar a mídia e a comunicação como objetos de consideração no trabalho educativo.” Citando os exemplos do Brasil e da Argentina, tal união de empenhos, nos campos da Educação e da Comunicação, predomina nas ONGs, com seus trabalhos e na ação de núcleos acadêmicos. Daí advém orientações e metodologias de trabalho renovadas que, como comprovam projetos já implementados são capazes de promover uma aproximação entre a Educação Midiática e as políticas públicas.

É importante frisar que a Educomunicação tem como pré-requisito a autonomia epistemológica para a sua ação. Isto porque não se sustenta especificamente pelos parâmetros nem da Educação, nem da Comunicação, embora aproxime estas duas áreas. É na interface entre ambas, no próprio mundo onde as filosofias e didáticas educacionais se encontram com as teorias e práticas da comunicação, que os educadores dialogam com as referências tradicionais destes dois campos, por meio de projetos planejados de forma colaborativa. Em outras palavras, há um pioneirismo nesta proposta de educar para que haja uma recepção ativa e crítica das mensagens midiáticas, cujo futuro guarda expectativas auspiciosas e desafios característicos.

Os educadores nos ensinam sobre aproximar áreas, linguagens e pessoas, numa interface que contempla as tradições de cada sujeito envolvido e, a partir do respeito a elas,

pode-se planejar processos colaborativos. Este é um processo crítico, uma reflexão dos discursos midiáticos que devem acontecer numa abertura ao diálogo e não há espaço aí para receptores passivos.

A este ponto, numa união com outros movimentos, a Educomunicação celebra uma conquista que vem acompanhada da

[...] importância de se rever os padrões teóricos e práticos pelos quais a comunicação se dá. Busca, desta forma, transformações sociais que priorizem, desde o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação. (SOARES, 2014, p.24)

Dentre todas as realidades levantadas no bojo da Educomunicação, o que mais desafia é encaminhar a mudança de paradigma em acontecimento, uma vez que ela revela controvérsias de diversas naturezas. Interromper uma trajetória tal, ainda que parcialmente, equivale a pretender a retomada dos pessimismos de outros tempos, os quais além de questionados há décadas, em muitos aspectos, até mesmo já alcançaram importantes superações. Em nome disto, anteriormente tão bem representado pelos esforços dos pensamentos que aqui nos servem de referência, passemos à reflexão sobre aquele que se desponta como o mais recorrente questionamento a nós direcionado: será factível que Podcasts elaborados para museus participem de algum modo dos esforços para universalizar o direito à expressão e à comunicação?

#### **2.4.1 Ônus e bônus das “vozes mediatizadas”: a previsível grande controvérsia...**

Dentre as polémicas contemporâneas que envolvem questões espaço-temporais, existe uma recorrente defesa da noção de despersonalização da oralidade mediatizada pela incapacidade de respondermos suas vozes. Sobre a mediatização das vozes, Zumthor (2010) afirma ainda que “[...] somente a indústria assegura a sua realização material, e o comércio, sua difusão. Tanto servilismo limita (quando não elimina) a espontaneidade da voz.” Com base nesse tipo de polémica, para considerar factível uma relação entre público e acervo, na perspectiva de uma relação entre falante e ouvinte, entra em cena a ideia de “ação responsiva”. Nela, de acordo com Bakhtin,

[...] sugere-se um esquema de processos ativos de discurso do falante e de respectivos processos passivos de recepção e de compreensão do discurso do ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva eles se transformam em ficção científica. Nesse caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa ação responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc: essa

posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão, desde o início [...]. Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva, [...] toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAHKTIN, 2003. P. 271)

É importante aqui, entretanto, partir da ressalva de Zumthor anteriormente mencionada quanto aos conteúdos sonoros de origem tecnológica e lembrar a profusão de recursos disponíveis no contexto a ser estudado. Afinal, a amplitude dos hibridismos de meios e linguagens advém das situações em que tecnologias, linguagens e códigos passam por constantes superposições e combinações entre si. “Deste modo, observa-se a presença de duas tendências: inovação e conservação. Conservação em memórias de fácil acesso, como continuidade do patrimônio iconográfico em um quadro de sensibilidade renovada” (DAMIATI, 2007, p.6).

Entretanto, diante da complexidade de um momento histórico em transformação, há informações por todos os lados. Mas, como lidar com sabedoria suficiente para alcançar os conhecimentos em meio a tantos conteúdos? O ensino e a aprendizagem necessitam ser reformulados em muitos aspectos, há décadas fora do tom da educação e de seus respectivos sujeitos. Em resumo, necessitamos considerar a intersubjetividade, o diálogo, o conhecer mundos subjetivos e cotidianos de interlocutores plurais, buscando entendimento mútuo e construção de lealdades. E mais: inovar numa produção compartilhada que combine linguagens, sem concentrar poder em alguma delas, saber recriar a partir do encontro do que importa para cada um dos falantes, em sua singularidade. Produzir e reproduzir o contexto em que se vive e se convive, sob a égide da autonomia, fundamenta-se na liberdade responsável de expressão como um direito universal.

### **3 QUESTÕES METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA PESQUISA**

#### **3.1 A importância de saber “o que importa” - Justificativa e detalhes sobre a escolha da metodologia de pesquisa**

A pesquisa envolveu o acompanhamento de 11 (onze) visitantes maiores de 18 (dezoito) anos e de Antônio Carlos Figueiredo, o “Objeteiro”, durante cerca de 10 (dez) visitas agendadas ao Museu do Cotidiano. Registros de áudios, imagens e anotações no decorrer das visitas estão armazenados sob a responsabilidade da pesquisadora e disponíveis para a possibilidade de edição de “trilhas sonoras” futuras para o *Podcast DecolAtiva*.

Durante o período de imersão no Museu do Cotidiano, ao acompanhar a mediação narrativa oferecida por Antônio “Objeteiro”, a cada visita, observaram-se aspectos que despertaram as seguintes perguntas: que será que importa para os(as) visitantes do mUc e para os(as) futuros(as) ouvintes do *Podcast DecolAtiva*? Alguns assuntos conversados no contexto de visita são recorrentes? Os critérios de apresentação dos objetos ao longo da visita se repetem e/ou variam? Algum padrão de abordagem é especialmente perceptível? O que estimula as abordagens que o “Objeteiro” costumeiramente usa? E as variações de histórias e objetos apresentados: de que circunstâncias partem?

Também houve o acompanhamento de Antônio Carlos durante uma de suas derivas por sebos, brechós e estabelecimentos do Edifício Arcangelo Maletta: um pouco da experiência de como o “Objeteiro” é “perseguido pelos objetos” e como interage com as pessoas, motivando-as a narrar, escutando-as enquanto garimpa também as histórias de cada achado. Pesquisar, ler e assistir publicações sobre o espaço foram alguns dos exercícios complementares na presente pesquisa. Prestar atenção ao que importou para os(as) comunicadores(as) e observar as linhas editoriais por eles adotadas. O olhar de cada fotógrafo(a) e todo um conjunto de interações com vários conhecimentos e culturas (música, teatro, cinema, TV, design, artesanato, decoração, literatura, medicina, web, farmácia, arquitetura, tecnologia...).

Outros produtos feitos a partir de objetos do mUc foram apresentados em meio aos objetos, além de catálogos e materiais de divulgação de exposições<sup>22</sup>. Nestas, algumas peças do museu participaram de curadorias em outros espaços (cafés, galerias, centros de arte...) muitas delas inclusive realizadas por Antônio Carlos. O reconhecimento das habilidades curatoriais do “Objeteiro” é notório entre atores culturais de expressão em Belo Horizonte. Mas, outra de suas marcas, que também se imprime no mUc, é a abertura e a valorização do convívio homogêneo com pessoas provenientes de variados seguimentos sociais e profissionais em seus oferecimentos. Em suma, percebe-se um homem que não se atrai de maneira estratificada pelos objetos e sujeitos que se misturam no movimento do cotidiano.

---

<sup>22</sup> Durante o período de pesquisa, dentre outros oferecimentos fora do mUc, destacaremos as seguintes: *Lorenzato: Simples e Singular*, exposição com participação de quadros do pintor Amadeo Luciano Lorenzato, alguns deles disponíveis na coleção do Museu do Cotidiano, no Centro Cultural Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte, de 23/11/2017-18/02/2018. E *Artur Pereira: Fauna e Fé*, no Centro de Arte Popular – Cemig, sob curadoria de Antônio Carlos Figueiredo e Tadeu Bandeira (07/12/2019 -06/03/2019). Também há esculturas de Artur Pereira no mUc. Envolvido com a arte, entre atividades de marchand e outras derivas, o “Objeteiro” conheceu e interagiu com ambos. As curadorias das duas realizações destacam as vidas e as obras dos artistas, de modo que quadros e esculturas foram expostos em meio a narrativas (auto)biográficas. Estas últimas reforçavam a presença dos cotidianos do pintor e do escultor, a influência dos lugares onde moravam, das profissões que mantinham além da arte e que garantiam sua sobrevivência. A presença do erudito e do popular misturados é sugerida nas obras destes dois artistas.

Para a criação dos podcasts, consideramos as diferentes etapas de elaboração: planejar, gravar, editar, publicar e iniciar ações para o engajamento de visitantes/ouvintes. Cada fase de produção desta “trilha” sonora para o mUc abrange muitos passos. Podem ser conferidas aqui as principais pegadas deste passo a passo:

1. Planejar – Especialmente significativa para as produções teóricas e metodológicas do presente estudo, a etapa de planejamento será detalhada nas próximas seções e capítulos. Em parágrafos específicos, aprofundaremos as reflexões acerca da importância dos planos traçados para, no bojo de pesquisas acadêmicas em acompanhamento do processo de institucionalização do Museu do Cotidiano, criar e dar início ao *Podcast DecolAtiva*. Alguns elementos cruciais demandam serem pensados e decididos em equipe.
  - Público: a abertura do mUc ao público envolve receber visitantes que, de maneira análoga aos internautas, advém de todas as procedências e demandam diferentes abordagens.
  - Diferencial/personalidade: embora podcasts sejam usados de várias maneiras, a linguagem coloquial e em tom de conversa do *DecolAtiva* favorece a heterogeneidade do público de visitantes do mUc. Os conteúdos sonoros correspondem a partes da mediação desenvolvida e oferecida pelo “Objeteiro”. Tal mediação narrativa/dialogada expressa diferenciais de linguagens e possíveis táticas para a comunicação com os(as) visitantes/ouvintes.
  - Tema: *Storytelling*<sup>23</sup> é o gênero adotado para os podcasts do mUc por contemplar e favorecer a dinâmica de contação de histórias sobre os objetos (como foram garimpados, para que servem, a quem pertenceram...).
  - Conteúdo: cada episódio é fruto de edições de turnos de fala e pode absorver outros elementos, como por exemplo, efeitos sonoros e fundos musicais. A forma de editar os conteúdos se baseia em conhecimentos desenvolvidos durante este estudo junto ao mUc<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> O gênero storytelling inicialmente se popularizou entre os podcasts de jornalismo investigativo dos Estados Unidos. Aqui no Brasil, são muito populares os podcasts em que grupos de pessoas debatem sobre temas específicos. Entretanto, com o hábito brasileiro de assistir novelas, bem como a notoriedade do consumo de séries e jornalismo investigativos via TV, podcasts que contam histórias conquistam mais e mais um espaço expressivo de audiência também em nosso país.

<sup>24</sup> Indicadores e categorias listados em um quadro (p.57).

- Convidados(as)/participantes e ilustração: foram selecionadas fotografias dos objetos e momentos no mUc como uma alternativa de ilustração das histórias, como sinalizadoras de cada conteúdo, no ambiente virtual de hospedagem (em construção). Por se tratarem de áudios, as expressões espontâneas e características das vozes dos sujeitos implicados nas conversas, durante as visitas, criaram o cenário de visitação: algo sugestivo para os imaginários dos(as) ouvintes.
  - Frequência e divulga o são características da regularidade de publica es para os episódios e maneiras de relacionamento com os(as) ouvintes. Representam etapas que, ao fim da pesquisa, estarão ainda em fase introdutória de desenvolvimento.
2. Gravar – Destacaram-se como requisitos de grava o trechos representantes das narrativas e diálogos tipicamente cultivados pelo “Objeteiro” no mUc. Como era um compromisso da pesquisadora não comprometer a espontaneidade da experiência de visita o, mantivemos como instrumentos aparatos básicos e de uso cotidiano (aplicativos gratuitos de voz do telefone celular<sup>25</sup>). As pessoas já estão habituadas com a presença e o uso de celulares na maioria dos locais. Além disso, ao longo do trabalho, identificamos como um de nossos objetivos, incentivar o aprendizado e a reflexão por meio da cria o conteúdos. Para que isto aconteça, foi importante se abrir para criar a partir dos recursos já disponíveis.
  3. Editar – Primou-se pela ampla acessibilidade (plataformas e softwares livres<sup>26</sup>) desde a edi o dos arquivos originais: recortar turnos, converter em mp3<sup>27</sup>, amplificar, reduzir ruídos, comprimir, normalizar, equalizar o som, inserir músicas<sup>28</sup>. Cada uma dessas habilidades e competências foi desenvolvida de maneira autodidática, por meio de acesso a blogs, vídeos tutoriais, cursos gratuitos disponíveis para produtores(as) de conteúdos digitais na própria

---

<sup>25</sup>Após adquirir um microfone lapela fabricado pela Rode, baixou-se gratuitamente o *Audio Recorder*, um aplicativo gravador de voz. Foi um dos aprendizados sobre propiciar a qualidade dos áudios que obtivemos no decorrer das práticas.

<sup>26</sup> O editor de áudio de instala o e utiliza o gratuitas foi o Audacity.

<sup>27</sup> Podcasts em mp3 são extremamente acessíveis por que: a) mais leves, consomem menor quantidade de dados de Internet móvel; b) são reproduzíveis pela maioria dos dispositivos; c) por mais que não ofereçam a maior qualidade de áudio existente, atendem às finalidades do formato.

<sup>28</sup> Praticamente todos os trechos de música foram baixados gratuitamente da Biblioteca de áudios de Licença de livre uso disponibilizada para administradores(as) de canais do Youtube. Eis um cuidado com a produ o de conteúdos digitais que transita entre os temas tratados por educadores(as).

Internet e do suporte de profissionais do jornalismo que trabalham na Radio TV UFMG Educativa.

4. Publicar – Estuda-se a possibilidade de hospedagem e a inserção futura do *Podcast DecolAtiva*<sup>29</sup> no site em construção para o Museu do Cotidiano.

A decisão de quais sujeitos teriam trechos de diálogos incluindo suas vozes nos áudios iniciais do *Podcast DecolAtiva* priorizou as situações em que as pessoas estavam à passeio no mUc. Avaliou-se que, em certos aspectos, estas se aproximavam mais do que corresponderia ao chamado “público espontâneo”, caso o mUc já estivesse com as portas regularmente abertas. Diante da opção por gravar todos os momentos na íntegra, descobriu-se que manter a espontaneidade das conversas tal como ocorridas poderia ser interessante, sobretudo para resguardar a liberdade de expressão oral dos sujeitos e de seus sentidos. Na ocasião, as visitas ainda aconteciam sempre com agendamento prévio e muitos rearranjos eram recorrentes entre os objetos. A diferença da movimentação habitual do cenário acompanhava os esforços iniciais para alargar as trilhas de passagem, em prol dos projetos de elaboração do Plano Museológico. Em outras circunstâncias, como no caso de profissionais em busca de objetos específicos ou estudantes e pesquisadores(as) com objetivos acadêmicos, houve contribuições importantes para a observação de detalhes quanto aos questionamentos anteriormente pontuados.

### **3.2 A Epistemologia Qualitativa na elaboração dos podcasts**

A Epistemologia Qualitativa é uma opção metodológica cujos embasamentos dialogam em vários aspectos com os conceitos trabalhados na Fundamentação Teórica, ao longo de toda a pesquisa bibliográfica e do período de acompanhamento das visitas. Além de se tratar de uma metodologia apropriada para os estudos de fenômenos que transitam no âmbito das ciências humanas e sociais. Segundo Japiassú (1978), quando lidamos com análises que se diferenciam dos parâmetros das ciências naturais, o tom reflexivo e de interpretação próprio da Filosofia necessita ser resgatado, a fim de contemplar as especificidades do campo investigativo.

González Rey (2003) desenvolveu a Epistemologia Qualitativa como abordagem de enfoque teórico e epistemológico. Enquanto uma metodologia que começou com a Psicologia, por ser adequada a investigações que tratam da subjetividade humana, expandiu-se para outras

---

<sup>29</sup>Em princípio, criou-se gratuitamente um perfil na plataforma online SoundCloud <https://soundcloud.com/marcelafilosofia21> (Ver imagens a partir da p. 113.)



áreas. Frequentemente, a Educação concebe o ser humano como sujeito participativo, de reflexão, de pensamento, de linguagem e de emoção. Numa relação recursiva e dialética, ao agir, refletir e sentir no mundo, o indivíduo se compromete com o social. De maneira contínua, cultura, sujeito e subjetividade convivem em inter-relação e integração. Pessoas são constituídas e constituintes da cultura a um só tempo, o que não restringe a subjetividade ao individual, ampliando-a para o social.

Como não relembrarmos aqui da pedagogia de Paulo Freire e a importância da ação dialógica entre os sujeitos da educação? E da filosofia de Habermas, na qual os sujeitos, por meio do agir comunicativo, podem alcançar o mútuo entendimento no Mundo da Vida, a autonomia necessária ao entendimento mútuo, ao produzir e/ou reproduzir a cultura? Cada sujeito de pesquisa, por sua vez, apresenta de modo semelhante o que Gonzáles Rey (2006) define como subjetividade construtiva-interpretativa em relação ao conhecimento. Nesse sentido, os sujeitos produzem o conhecimento no desenrolar de um processo, algo que se difere do exercício de coletar uma espécie de realidade a eles dada. Os procedimentos empíricos e a produção teórica são, portanto, realizações encadeadas na construção do conhecimento.

No decorrer da pesquisa, em busca de conhecer experiências que recorrem a áudios em exposições museais, houve o primeiro contato com informações sobre uma instituição específica. A surpresa foi causada pela iniciativa de Roman Krznaric, escritor e filósofo australiano fundador da *The School Life*, uma espécie de movimento de Filosofia contemporânea. Na sede de Londres da fundação, e em filiais nas grandes cidades do mundo, o foco é o objetivo de desenvolver a tão mencionada “inteligência emocional”, por meio de aplicar conhecimentos não só da Psicologia, mas também filosóficos e culturais.

Como usar empatia e conversação nas situações cotidianas em prol de promover as mudanças sociais necessárias? De uma das ações criadas, em 2005, surgiu o *Museu da Empatia*. A instalação “Caminhando em seus sapatos” chegou inclusive ao Ibirapuera, em São Paulo. A experiência permite aos visitantes escolherem um par de sapatos e, com o auxílio de fones de ouvido, transportarem suas imaginações para, metaforicamente, escutarem histórias vivida pelos seres humanos a quem pertenceram os calçados. Que tal o estímulo frente à importância de um despertar para a solidariedade, para sermos mais compassivos(as) na superação de preconceitos?<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Também nos inspirou o *Museu da Pessoa*, fundado na cidade de São Paulo, em 1991, pela historiadora Karen Workman. Este museu virtual foi criado para o registro e a preservação de histórias de vida. Mas também prioriza abrir espaços para que qualquer pessoa possa ter sua história como parte do acervo e, caso queira, além

As visões de teoria e empiria, quando simultâneas e intrínsecas no processo investigativo pode ser reconhecida como um campo de produção do conhecimento. Neste âmbito, Gonzáles Rey (2006) destacou um princípio, ao qual denominou legitimação do singular. Em mais uma relação com a fundamentação teórica desta pesquisa, sugere-se neste ponto uma retrospectiva à legitimação do singular ilustrada pelos sujeitos que elaboram a escrita de suas memórias pessoais. Afinal, os próprios estudiosos do Movimento de Pesquisa (auto)biográfica igualmente reconhecem a biografização das narrativas como promissora do ponto de vista epistemológico. Uma pesquisa como esta, por conseguinte, prossegue no rumo de vincular as reflexões prévias acerca do objeto de estudo e o potencial reflexivo do(a) pesquisador(a) demonstrado no decorrer da investigação.

Comunicação e diálogo são dois pilares apontados por Gonzáles Rey (2006) para as pesquisas na esfera das ciências antropológicas. Comunicação é um domínio relevante para o estudo da subjetividade. Outra recordação do recorte teórico previamente apresentado: as buscas dos(as) educadores(as). O lugar do processo dialógico nas problematizações individuais e coletivas é um tema que perpassa toda a presente investigação. Na referência dos museus como instituições que combinam linguagens da comunicação e da educação, o exemplar de uma realidade: a comunicação é uma ponte para o conhecimento de processos simbólicos plurais. Se tomarmos o caso do Museu do Cotidiano como demonstrativo, o que representam os(as) protagonistas que expressam as inquietações e interesses que possuem? Tanto a postura crítica quanto a criatividade na atitude são assumidas pelos sujeitos de pesquisa em decorrência do contexto propício advindo da comunicação.

Outro adendo de Gonzáles Rey (2006) se refere à criação raciocinada do cenário de pesquisa indispensável ao andamento do processo de investigação. Novamente, o que dizer do Museu do Cotidiano, agora enquanto cenário de pesquisa? O mUc é o espaço demandado para o desenvolvimento do estudo, oferecido aos sujeitos para que promoveram o ambiente social que os integra, envolve e os estimula à participação. Então, de encontrar e manter os aspectos que fazem deste ambiente social de pesquisa um espaço propício, depende o êxito das etapas investigativas. À vontade, os sujeitos tendem a se expressar de forma mais livre e espontânea. Aliás, em tal atmosfera, a própria pesquisadora pode adquirir mais confiança durante a familiarização com cada sujeito e com o contexto pesquisado.

---

de um(a) visitante, ser curador(a) das imagens, das autonarrativas e do que mais decida incluir nessa empreitada. Com sua metodologia de “Tecnologia Social da Memória”, o *Museu da Pessoa* já inspirou a criação de outros três museus internacionais (Portugal, Canadá e Estados Unidos). Em sua primeira experiência, esta nossa fonte abriu um estúdio no *Museu Nacional da Imagem e do Som - MIS* (SP, 1991), no qual as pessoas interessadas podiam contar/gravar suas histórias. Mais recentemente, inclusive, o MIS ofereceu oficinas de produção do formato aqui proposto: o Podcast.

Contudo, entre sujeitos e cenário, na Epistemologia Qualitativa, quais instrumentos empíricos são utilizados? Gonzáles Rey (2006) registra que são vários os meios de apreensão daquilo que os sujeitos investigados expressam. Aliás, uma variedade metodológica assim é o que permite o levantamento de indicadores dos chamados sentidos subjetivos, bem como a organização de categorias. Estes dois últimos são cruciais para construir e analisar as informações.

Destarte, para González Rey (2006), a construção do conhecimento não se dá de uma forma preestabelecida, mas é orientada pela reflexão do pesquisador ao longo do processo, confrontando as informações coletadas nos momentos empíricos com a representação teórica que possui do objeto em estudo, construindo e reconstruindo, assim, continuamente, seu próprio modelo teórico. As expressões da linguagem e as emoções apreendidas nos momentos empíricos constituem os indicadores da investigação, organizados em categorias, cujas análises resultam na formulação de hipóteses que, no percurso de sua confirmação por meio do contínuo fluxo reflexivo, vão fazendo emergir os sentidos subjetivos relacionados ao tema de pesquisa. (apud MARTINS e SANTOS, 2017, p. 26)

O próximo capítulo cumpre com o compartilhamento dos indicadores e categorias da investigação sinalizados no quadro abaixo. E se desenrola em meio ao fluxo constante de hipóteses e confirmações sinalizadoras dos sentidos subjetivos atrelados a edição dos conteúdos sonoros e à abertura de diálogos na singularidade do cenário do mUc. Por se realizar de acordo com a Epistemologia Qualitativa, numa apropriação do uso de narrativas (auto)biográficas, o estudo contempla “[...] novos momentos teóricos que se integram organicamente no processo geral de construção de conhecimentos sobre o problema em foco.”<sup>31</sup> Logo, ao se distanciar da produção de resultados finais pretensamente definitivos acerca do objeto de estudo, a presente pesquisa se afina com o caráter seriado dos podcasts.

Tabela 2: O registro de diálogos abertos no mUc: construção de conhecimentos e sentidos subjetivos emergidos

|   |
|---|
| <b>Indicadores das investigações: a) Expressões de linguagem:</b> <i>mUc</i> <sup>32</sup> , <i>deseconomista</i> , <i>objeteiro</i> , <i>objetos decolativos</i> , <i>falta de espaço</i> , <i>tugúrio</i> , <i>objetório</i> , <i>NSS (não se sabe)</i> , <i>Santo Antônio dos Objetos</i> , <i>“Santo” Expedito</i> , <i>acumula sem dor</i> , <i>objetos pra enganar os homens do futuro...</i>   |
| <b>Indicadores da investigações: b) Emoções-chave :</b> <i>Surpresa e alegria</i> .   |
| <b>Categorias de organização dos indicadores investigados e seus respectivos conteúdos sonoros – tempo de duração de cada pílula (em minutos e segundos):</b>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A. Cultivo da Infância:</i> (Contagem regressiva de episódios 6,5,4,3,2,1: decolar!)<br/><i>Depois ‘cê’ pensa!</i> (Episódio 6)- 2’18”<br/><i>As marcas do tempo</i> (Episódio 5)- 0’50”</li> <li>• <i>B. Paradas obrigatórias:</i><br/><i>O Baú de óculos</i> (Episódio 4)- 1’38”<br/><i>Objetos pra enganar os homens do futuro</i> (Episódio 3)- 2’52”</li> <li>• <i>C. Tragicomédias da singularidade:</i><br/><i>Eu acho kitsch demais, né?</i> (Episódio 2)- 1’04”<br/><i>Os primeiros dentistas práticos</i> (Episódio 1)- 2’28” =10 minutos de tempo total</li> </ul> |

<sup>31</sup> Gonzáles Rey (2016), tradução dos autores da fonte.

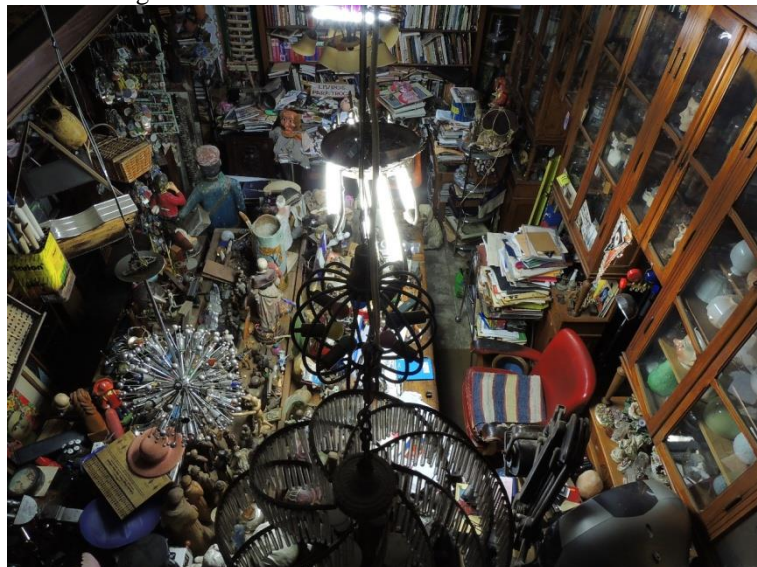
<sup>32</sup> A sigla do Museu do Cotidiano é mUc. O “U” maiúsculo revela uma elevação análoga a imagem do muque, de um músculo ressaltado em um braço forte. De acordo com o “Objeteiro”, o mUc “foi feito no muque!”.

Fonte: elaborado pela autora (2018)

Neste estudo aparecem muitas “madrugadas” envolvendo a Arte (Arte e objeto, Arte e Educação, Arte e Comunicação, Arte e Ciência etc.). Uma opção metodológica como a Epistemologia Qualitativa combina as áreas de referência sem se opor a expressões criativas na pesquisa. Isto se transforma numa alternativa interessante para o cenário de recriação de sensibilidades em estudo. E, uma vez que se promove um diálogo entre diferentes linguagens, é um desafio instigante propor uma prática de curadoria junto aos objetos do mUc que não se limite às bases metodológicas da Museologia. A participação da Psicologia (e da Psicanálise) interessa devido ao lugar científico que ocupa em relação aos assuntos da psique e todo o cuidado que tal status demanda frente ao desdobramento sociocultural, afetivo, emocional e sentimental das teorias psicológicas nas concepções existenciais dos sujeitos.

Ainda na fronteira com a arte, a presença de epígrafes dos livros *Poética do Espaço* e *Poética do Devaneio*, de Gaston Bachelard, reforça igualmente a aproximada convivência de questões estéticas com questões epistemológicas. Na obra deste filósofo e no fluxo reflexivo que colaborou para os critérios de edição dos áudios introdutórios do *Podcast DecolAtiva*, a Arte e a Ciência tem pontos em que se confundem, num entrelace. Acompanhando o hábito do “Objeteiro” de fazer trocadilhos, trazemos aqui uma “Poética da falta de espaço”, o que se poderá entender melhor mais adiante. Reflexões acerca de uma linguagem poética dentro de um texto acadêmico, bem como os rumos do *Podcast Decolativa* serão retomadas no capítulo de notas conclusivas.

Fotografia 3: O Museu do Cotidiano visto do mezanino



Fonte: Alice Ventura (2018)

“[...] o espaço chama a ação e antes da ação, a imaginação trabalha.”

“[...] as grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história. São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira infância.”

*(Gaston Bachelard)*

## 4 A ELABORAÇÃO DO PODCAST DECOLATIVA

### 4.1 Trilhando no mUc as origens da trilha sonora do *Podcast Decolativa*

No Museu do Cotidiano, os sujeitos e objetos estão em movimento por décadas de construção, desconstrução e reconstrução. O “Deseconomista” que deu lugar ao “Objeteiro”, a galeria de arte que se transformou em um museu de objetos dos cotidianos de todos os tempos... São muitas ações em um só espaço, cenários diversos em convivência dentro do cenário do mUc. Traçar enredos que se enredem e, assim, causem curas e curadorias.<sup>33</sup>

Eis o trabalho da imaginação que anuncia os percursos em nosso ambiente de pesquisa. Para circularem histórias pela estreita trilha do mUc, é indispensável que os(as) visitantes se sintam à vontade. Para algumas pessoas, o volume e a aparente desordem absoluta de coisas num mesmo espaço pode disparar certa ansiedade. Em função de ter sua própria história dedicada às histórias dos objetos, o “Objeteiro” é consciente de que o relacionamento entre sujeitos e objetos se regula por sentidos subjetivos.

1 “Objeteiro”: É tudo... também é o seguinte: são peças que eu achei interessantes, né? Mas, que nem todo mundo gosta, né? Chegar uma pessoa e dizer: “Mas quê que você quer dizer com uma cabeça<sup>34</sup> dessa?”. Não sei, porque muita coisa é do inconsciente mesmo, né?

Por isso se dispõe a falar com humor, para desatar alguns risos e lidar com alguns espantos:

2 “Objeteiro”: Nós estamos aqui nesse tugúrio, nesse amontoado de coisas...

Às vezes, deter algumas preocupações e cuidados:

3 “Objeteiro”: Não tem problema esbarrar, não. Depois o Expedito e eu recolhemos. Aqui pode pegar, se quiser, não costuma quebrar nada, sabe? Santo Antônio, “padroeiro dos objetos” protege! Só cuidado pra num tropeçar...

Na mediação que oferece, o “Objeteiro” inclui palavras e gestos para que as pessoas se entreguem à experiência “decolativa” de visitar o ambiente do mUc. Afinal, as perguntas dos(as) visitantes sobre determinados objetos, ao determinarem quais histórias serão contadas, dão o tom da própria fruição da visita.

Sim, a oralidade do “Objeteiro” corresponde a maior fonte para acessar as inúmeras histórias e alcançar os sentidos de tantos objetos estarem reunidos no Museu do Cotidiano.

<sup>33</sup> O “Objeteiro” afirma sempre que não é um acumulador, pois, ao juntar os objetos, ele não sente nenhuma dor. Logo, ele acumula as peças “sem dor”! Inclusive, ele também conta que, após uma visita ao mUc, a psicanalista que o acompanhava declarou que o Museu do Cotidiano, ao contrário da expressão de uma patologia, representa um elemento de cura.

<sup>34</sup> Na ocasião, o “Objeteiro” se referia a uma cabeça de manequim que se encontrava próxima de onde ele interagiu com os(as) visitantes.

Esta é a razão do nosso desafio, o porquê de colocarmos as tecnologias à disposição das expressões memoráveis da voz deste narrador dentro de suas próprias narrativas. Na introdução do presente relato, toda a representação teórica do objeto deste estudo foi um fio transparente na costura de ideias que ocorreram à pesquisadora a partir da presença no contexto de visita investigado. Uma colcha de retalhos alinhavados serve como objeto, ou seja, como imagem simbolizadora desta etapa em que conseguimos demonstrar a conjunção de elementos de nossa hipótese-matriz: **Os sentidos das visitas ao Museu do Cotidiano se configuram por singularidades das narrativas de Antônio Carlos acerca dos objetos e podem ter seus traços registrados nos podcasts, em meio às interações e/ou diálogos abertos entre os(as) visitantes e o “mediador-Objeteiro”.**

Durante um ano e meio, acompanhar visitas permitiu uma articulação entre solucionar o problema de produzir os conteúdos sonoros para o mUc e a construção coletiva de conhecimentos. Logo, o fluxo reflexivo e os significados a serem detalhados são frutos de diálogos entre os sujeitos implicados, dentre os quais se inclui a pesquisadora, com seus diferentes papéis na realização desta pesquisa.

Na conjuntura das experiências junto às narrativas, o fluir das observações, dos levantamentos e da confirmação sucessiva de hipóteses no mUc, gerou também uma narrativa repleta de intersubjetividades. Assim, nas próximas seções, narraremos a experiência da identificação dos indicadores e de sua respectiva organização em 3 (três) categorias. Por meio de episódios sobre o *Cultivo da Infância*, as *Paradas Obrigatórias* e as *Tragicomédias da singularidade*, inauguramos um processo de registro de histórias e criação de uma identidade sonora resultantes desta pesquisa.

Enfim, na ‘decolagem’ que coloca “no ar” a trilha para o mUc do *Podcast DecolAtiva*, discutir os resultados desta caminhada representa, acima de tudo, refletir sobre a integração de vozes e papéis dos diferentes sujeitos no nosso cenário em pesquisa. Direta ou indiretamente, estes últimos atuaram como uma espécie de “roteiristas/atores” em cada uma das tramas editadas para os primeiros capítulos. Antes de chegarmos aos turnos de fala, considera-se importante detalhar alguns aspectos dentro da proposta metodológica e epistemológica adotada.

“[...] falar de suas estradas, de seus entroncamentos, de seus bancos. Cada pessoa deveria preparar o cadastro de seus campos perdidos.”

*(Gaston Bachelard)*



#### 4.1.2 O contínuo fluxo reflexivo: dos indicadores aos sentidos subjetivos nos podcasts do mUc

Antônio “Objeteiro” coleciona histórias e expressões de linguagem atreladas aos objetos da coleção. Nas visitas ao mUc, conforme destrinchado nos capítulos anteriores, a surpresa se destacou, juntamente com a alegria, como uma emoção recorrente nos momentos empíricos. Em meio à atmosfera de mistério, constituíram alguns dos indicadores da investigação: neologismos, trocadilhos, siglas, expressões genuínas e bem-humoradas, risos, interjeições, silêncios estupefatos, onomatopeias, dentre outras manifestações por parte do “Objeteiro” e de visitantes. Como tais indicadores foram organizados em categorias? Como as categorias de análise viabilizaram a formulação de hipóteses? Por fim, na perspectiva metodológica de uma Epistemologia Qualitativa, como um contínuo fluxo reflexivo de confirmação das hipóteses levantadas fez com que emergissem os sentidos subjetivos que serviram de base para a elaboração do *Podcast DecolAtiva*?

As expressões de linguagem usadas costumeiramente pelo “Objeteiro” serão detalhadas à medida que aparecerem nas falas transcritas adiante. Sobre o que se considerou como algo surpreendente e/ou alegre, faremos aqui algumas breves, embora suficientes observações. A Epistemologia Qualitativa nos embasa nessa etapa da pesquisa com suas especificidades metodológicas e epistemológicas oportunas para a reflexão sobre o cenário de visitas do mUc. Com efeito, ainda que apenas pela audiência dos conteúdos sonoros, é possível perceber traços dos estados emocionais<sup>35</sup> representados pelas vozes do “Objeteiro” e dos(as) visitantes. Durante a narração das histórias e o desenrolar dos diálogos, as entonações, vocalizações, sons diversos e maneiras de pronunciar as palavras indicam aspectos que também serão refletidos no decorrer da análise das falas.

Desde os contatos iniciais com a pesquisadora Isabela Vecci e com as imersões no contexto de visitas, as narrativas do “Objeteiro” se apresentaram como a principal matéria-prima para o Podcast que se pretendia produzir. Portanto, o que compartilharemos é a história da fluência das reflexões investigativas deste estudo no mUc, por meio dos turnos de fala selecionados para a edição dos (6) seis podcasts/conteúdos sonoros inaugurais. Relembramos o Movimento (auto)biográfico por estudar o potencial de registro de narrativas (auto)biográficas para a geração reflexiva de conhecimentos. Além disso, pelo fato de serem contadas durante um momento especial para a institucionalização do Museu do Cotidiano, em

---

<sup>35</sup> Estudos da área de Psicologia descrevem detalhadamente as características de como as emoções se expressam. Aqui, por lidarmos com duas emoções (surpresa e alegria) que são básicas e identificadas sem maiores mistérios em nossa cultura, seremos sucintas na caracterização das expressões sonoras desses indicadores.

vários momentos, as histórias selecionadas se referem à concepção e à trajetória de formação do espaço e/ou aparecem atreladas a histórias de vida do próprio Antônio Carlos.

Aliás, dentre as curiosidades dos(as) visitantes, nenhuma vence as indagações sobre quando foi o começo de tudo. Este é um assunto que se repete e que rende:

**4**“Objeteiro”: Agora, o negócio é desde criança, né?

**5**Pedro Machado: Quanto tempo, Seu Antônio?

**6**“Objeteiro”: Uai, muitos anos, né? Eu sou deseconomista, né... Deixei tudo pra me ocupar só dos objetos.

**7**Pedro Machado: Anrhan...

**8**“Objeteiro”: Mas, o primeiro objeto que eu... A Marcela sabe disso! Que eu é... que eu guardei foi a mamadeira.

**9**Pedro Machado: Ah, a mamadeira...! (Risos)

**10**Marcela Teófilo: (Risos)

**11**Pedro Machado: Tá. Então o senhor vai guardando os objetos desde muito tempo?

**12**“Objeteiro”: Vou guardando os objetos... Vou te dar um exemplo aqui: eu tô com esse celular aqui, que já tá quebrado, já tá 3 anos de uso...

**13**Pedro Machado: Aí, quando cê trocá-lo, cê vai colocar ele aqui?

**14**“Objeteiro”: Eu vou, e a vida...

**15**Pedro Machado: Mas, então o senhor guarda os objetos desde muito tempo?

**16**“Objeteiro”: Não só os meus... Ah, sim. Eu, pessoalmente sim, desde criança.

**17**Pedro Machado: Mas a ideia do museu foi...

**18**“Objeteiro”: Foi a posteriori, né, porque, quando eu vi que tinha condições de fazer...

**19**Pedro Machado: Unrhum...

**20**“Objeteiro”: Eu...

**21**Pedro Machado: E quanto tempo tem o Museu, Seu Antônio?

**22**“Objeteiro”: 32 anos.

**23**Pedro Machado: 32?

**24**“Objeteiro”: Mas, quase ninguém conhece, porque eu considerava que eu estava tratando do acervo.

**25**Pedro Machado: Unrhum...

**26** “Objeteiro”: Que eu fiz o que os museus habitualmente não fazem. Os museus começam e depois vão produzir o acervo. Eu fiz o acervo antes.

**27**Pedro Machado: Depois, é...

28“Objeteiro”: Mas, ele não para não!

29Pedro Machado: Esse hábito de guardar as coisas... como que surgiu?

30“Objeteiro”: Isso é desde criança.

31Pedro Machado: Desde criança?

32“Objeteiro”: É. Desde criança.

33Pedro Machado: É um talento, né, Seu Antônio?

34“Objeteiro”: Não. Não digo que seja um talento. É um hábito, né?

35Pedro Machado: Eu não tenho esse hábito...!

36“Objeteiro”: É um hábito, é um prazer, e porque...

37Pedro Machado: Mas, é uma coisa consciente assim, uma coisa...

38“Objeteiro”: É... eu tô dirigindo as minhas energias pra isso...!

Portanto, além deste tipo de conteúdo caracterizado pela presença de autonarrativas, pensamos também em como se poderia apresentar o áudio das narrativas e diálogos de forma a valorizar alguns de seus traços característicos. “Trilha sonora” é uma conhecida expressão do mercado fonográfico e nos faz lembrar as seleções que percorrem, como fundo musical, o transcorrer dos roteiros de filmes, novelas e séries. Tais trilhas são fundamentais para a composição dos cenários, acompanham as emoções e o horizonte de sentido das personagens. Se considerarmos trilhas como percursos, podemos acessar o porquê dos caminhos serem tão estreitos no mUc e, ainda assim, as visitas assumirem rumos tão diferentes pelo potencial afetivo das emoções que geram e das diferentes histórias contadas.

Cada objeto do Museu do Cotidiano já é envolto por aspectos que atribuem seu sentido de pertencer à exposição, os quais muitas vezes contam de traços da subjetividade do próprio “Objeteiro”. Mas, especificamente, o que determina quais histórias sairão da cabeça do nosso “narrador-mediador” para a abordagem que ele oferece ao longo das visitas? No decorrer das transcrições das falas selecionadas para os primeiros passos/áudios da trilha sonora do mUc, pensaremos em algumas das técnicas de mediação que parecem ter sido desenvolvidas com o tempo pelo “Objeteiro”, e em seu encadeamento.

“O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta.”

“[...]Crianças, nos são *mostradas* tantas coisas que perdemos o senso profundo de *ver*. Ver e mostrar estão fenomenologicamente em violenta antítese. E como os adultos nos mostrariam o mundo que perderam!”

(*Gaston Bachelard*)

## 4.2 Passo a passo, podcast por podcast<sup>36</sup>

Fotografia 4: A Cadeira de Barbeiro



Fonte: Alice Ventura (2018)

### A. Categoria: Cultivo da Infância

No princípio, certo acanhamento expresso em simples e conhecidas expressões faciais<sup>37</sup>... Ainda um pouco contidos(as), ao adentrarem o mUc<sup>38</sup>, os(as) visitantes se mostram surpresos(as). Primeiro a porta; Mais parece a entrada de um estabelecimento comercial. Só que sem placa. Isso mesmo! Um museu insuspeito, numa rua central de Belo Horizonte, sem sequer um traço externo de identificação. Mistério! As pessoas querem saber, além do ‘clássico’ “quando foi que começou toda a coleção?”: “mas vai ficar funcionando aqui mesmo?”<sup>39</sup>. Surpresa, curiosidade e perguntas são as pegadas que nos remetem, invariavelmente, à infância.

<sup>36</sup> Nas transcrições, parênteses, colchetes e grifos da pesquisadora.

<sup>37</sup> Algumas expressões faciais comuns durante os primeiros contatos com as pilhas de objetos: olhos arregalados, mão tapando a boca aberta, mãos no alto da cabeça...

<sup>38</sup> No período de gravações, apesar de abrigar uma infinidade de placas, o Museu do Cotidiano permanecia sem identificação alguma em sua fachada.

<sup>39</sup> Durante muitos anos o “Objeteiro” procurou colaboração para implantar em outro endereço o Museu do Cotidiano. No momento da pesquisa, declarava não se interessar mais em remover os objetos do lugar onde sempre estiveram. Por isso, reafirmou várias vezes a sua disposição para alimentar as energias que tinham levado o mUc a crescer até ali e organizar a abertura do espaço ao público sem se ater às dificuldades envolvidas nas adaptações demandadas por este processo.

### 6.<sup>40</sup> Depois ‘cê’ pensa!<sup>41</sup>

Primeira hipótese: Auto- narrativas de infância remetem ao imaginário do menino Antônio Carlos: contam sobre o começo da concepção do mUc e sobre o futuro “Deseconomista e Objeteiro”.

**39**“Objeteiro”: Fui levando pra casa com o carroceiro... carroceiro! E, quando cheguei lá, a minha mãe viu aquilo e falou: “Que que é isso?”. Eu falei: “Ah, eu comprei essa cadeira”. Ela levou um susto e falou: “Ué, mas ocê tá pensando em ser barbeiro?”.

**40**Alice Ventura e Marcela Teófilo: (Risos, ao som de crianças que passavam rindo, brincando e correndo no passeio da Rua Bernardo Guimarães, na porta do mUc)<sup>42</sup>.

**41**“Objeteiro”: Eu falei: “Não. eu comprei porque eu gostei... achei ela muito interessante e sempre gostei e etc.” Que a gente não dá muita explicação em casa, né? Aí, ela falou: “Que que cê vai fazer com isso?” Achou que eu tinha comprado pra vender ou então algo similar, né? Eu falei: “Não! Eu comprei pra mim, pra ter a cadeira...”. Aí ela falou: “Bonito, hein? E aí: onde cê vai guardar?”.

**42**Alice Ventura: Hã! (Entonação de espanto, surpresa e risos)

**43**“Objeteiro”: Ela falou... eu falei: “Num sei ainda...”. E, até hoje, é esse o hábito: primeiro ocê compra...

**44**Alice Ventura (Antecipa aos risos): Depois cê pensa onde que vai colocar!

**45**“Objeteiro” (Valida o comentário de Alice): Depois cê pensa! Aí, eu falei que não sabia, num tinha idéia! A casa que eu morava era uma casa grande, porque eu sou o oitavo de nove. Aí, eu falei “não, num sei ainda não e tal...”. Aí, ela virou pra mim e falou: “Mas eu sei!”. Aí, eu animei e ela falou assim: “Cê vai tirar a sua cama e por a cadeira!”.

**46**Alice Ventura e Marcela Teófilo: Risadas.

**47**Alice Ventura: “Ih... ele ficou dormindo na cadeira!” (Risos)

**48**“Objeteiro”: E aí, ela falou: “Cê passa a dormir na cadeira... Cê num tá gostando da cadeira?”.

**49**Alice Ventura e Marcela Teófilo: Risos

**50**Marcela Teófilo: “Qual que era a sua idade?”.

Segunda hipótese: Por mais que as abordagens variem de visita para visita, algumas perguntas, curiosidades e inquietações se repetem entre os(as) visitantes.

**51**“Objeteiro”: Tinha uns oito e meio pra 9 anos...

<sup>40</sup> Por se tratar do *Podcast DecolAtiva*, a numeração dos episódios da trilha sonora está em contagem regressiva: 6,5,4,3,2,1...decolar!

<sup>41</sup>No Simpósio Científico Brasil ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), acontecido na UFMG, entre os dias 25 e 28 de abril de 2018, houve uma apresentação sobre os conteúdos sonoros produzidos no e para o mUc. Lá, ainda que fora do mUc e numa linguagem predominantemente acadêmica, realizou-se a primeira divulgação pública da versão inicial deste primeiro áudio, durante a apresentação de uma Comunicação Oral.

<sup>42</sup>Apesar dos ruídos e chiados da rua, optou-se por esta conversa que antecede a visita, pois expressa o tipo de assunto e abordagem que participa do cotidiano do mUc (além de demonstrar que a contação de histórias tem o costume de começar desde antes de se adentrar o espaço expositivo).

**52**Alice Ventura e Marcela Teófilo (Quase o mesmo comentário simultâneo):  
Começou cedo, hein?!

**53**Alice Ventura: Super novo!

**54**“Objeteiro”: Mas eu não achei ruim, não...

**55**Marcela Teófilo: Risos

**56**Alice Ventura: Cê achou o máximo, né?!

**57**“Objeteiro: Uai, achei legal. Subi com a cadeira, que foi difícil e tal... tirei a cama e botei ela lá; E passei a dormir na cadeira de barbeiro. Até que ela teve dó de mim e botou, autorizou a colocar (!), no porão... mas por um tempo!! E a cadeira tá até hoje!

O desenvolvimento do Museu do Cotidiano e as questões sobre o hábito de guardar objetos que o “Objeteiro” cultivava desde menino são assuntos que se desenvolvem em narrativas (auto)biográficas. A entrada é a campeã entre os trechos estreitos do mUc e não costuma demorar até que alguém se lembre e comente sobre as filas indianas dos tempos remotos da escola. Com as pilhas de objetos por todos os lados, a descargas de múltiplas surpresas começam. Surpreende o que é engraçado, o que é muito antigo, o que ninguém conhece, o que já andava esquecido e o tanto que ainda está por vir mais adiante. E, passam por aí os inícios dos diálogos vindouros...

Ao ouvirmos cada episódio, é possível perceber alterações nas falas. Sobretudo a partir do momento em que os(as) visitantes começam a fazer perguntas e comentários. Na maioria das vezes, algumas características nas vozes tornam perceptível o quanto os sujeitos ficam mais envolvidos e ambientados no decorrer da contação das histórias: entonações se transformam, as vozes se projetam espontaneamente para fora, disparam as onomatopeias, etc.

Quando alguém se refere ao ambiente do mUc como “espaço”, o “Objeteiro” logo corrige com humor: “Espaço não: falta de espaço!”. Aliás, a própria história da cadeira de barbeiro foi selecionada para participar do conteúdo inaugural do *Podcast DecolAtiva* porque, na ocasião em que foi gravada, o móvel ficava no meio do aperto, bem próximo da entrada do mUc<sup>43</sup>. E também porque representa o quanto o “Objeteiro”, por toda a vida se sente atraído por peças de mobiliário<sup>44</sup>. Ele diz: “Os objetos me perseguem!”. Este magnetismo é um aspecto em especial que influencia muito na formação dos ambientes e na disposição de todos os outros objetos do Museu do Cotidiano.

<sup>43</sup> É costume que as peças mudem de lugar no interior do mUc. Portanto, sobretudo com as ações empreendidas em prol da institucionalização do mUc, algumas localizações dos objetos que mencionamos aqui podem ter sido alteradas.

<sup>44</sup> O “Objeteiro” mantém outros locais de abrigo para objetos. Um deles se chama “Cadeirada” e é composto apenas por cadeiras (por ele também referidas como “máquinas de sentar”).

Por serem peças maiores, algumas delas (bancas de marcenaria, gôndolas de supermercado, prateleiras, estantes e armários) servem de suporte para outros componentes menores da exposição. Outras<sup>45</sup>, no entanto se amontoam próximas às paredes e estreitam bastante o traçado do caminho por onde as pessoas se deslocam.

Fotografia 5: Corredor de entrada do mUc



Fonte: Alice Ventura (2018)

A grua<sup>46</sup> da imagem abaixo se junta aos objetos volumosos do mUc que desafiam na hora de serem “colocados para dentro”!

Fotografia 6: Grua da TV Itacolomi, na entrada do Museu do Cotidiano



Fonte: Marcela Teófilo (2018)

Embora estejam no que o “Objeteiro” chama de “desordem cronológica”, os objetos se aglutinam por similaridades e criam algumas espécies de eixos. Após a entrada, por exemplo, há um “objetério”<sup>47</sup> com os mais diferentes aparelhos telefônicos e máquinas de escrever<sup>48</sup>. É

<sup>45</sup> Armário de artigos homeopáticos, mobiliário da famosa loja de aviamentos “Casa das Rendas”, extinta em Belo Horizonte, móvel de guardar artigos para primeiros socorros conhecidos como “Farmacinha”, o qual era encontrado em casas de fazendas, dentre muitos outros.

<sup>46</sup> A grua participa de um sonho do “Objeteiro”: montar um teleférico para que os(as) visitantes possam contemplar, aventureiramente, as placas e outros objetos que ficam no alto das paredes.

<sup>47</sup> Nome dado pelo “Objeteiro” aos eixos criados por objetos similares que se aglutinam no mUc.



um ponto ainda muito inicial da visita, onde os(as) visitantes costumam ficar boquiabertas, atônitos(as) e instigados(as) ao mesmo tempo. Algumas pessoas, encabuladas, riem da entrada até a saída. Outras permanecem inquietas com a quantidade de estímulos e coisas que se acumulam por todos os lados.

Na primeira curva, um momento descontraído diverte grande parte das lembranças dos(as) participantes e, não importa o gênero, a faixa etária ou a ocupação profissional: quem se depara com o “objatório”<sup>49</sup> de brinquedos parece se descontrair e se localizar no ambiente por meio das próprias reminiscências. Neste momento, notam-se demonstrações de maravilhamento por parte dos homens e mulheres. Às vezes, o “Objeteiro” até adverte: “é muito comum a pessoa rever aqui o que teve no passado!”...

### 5. *As marcas do tempo*

Fotografia 7: A pesquisadora e Antônio “Objeteiro”, no mUc



Fonte: Alice Ventura (2018)

Terceira hipótese: O desenvolvimento da implantação do Museu do Cotidiano e as questões sobre o hábito de guardar objetos desde a infância do “Objeteiro”, direta ou indiretamente, principiam a carreira dos diálogos vindouros.

**58**“Objeteiro”: ... as bonecas: aqui tem mais de 50 bonecas.

**59**Alice Ventura: É... e umas precisam... Ah: cê gosta de manter elas no original ou cê gosta, de dar uma, é... uma reformada nelas?

**60**“Objeteiro”: Nós num temo as marcas do tempo?

<sup>48</sup> Os objetos se deslocam no interior do mUc também em função do próprio cotidiano do museu (chegam peças novas constantemente e outras saem para temporadas em instalações externas, dentre outras circunstâncias). Logo, é comum o constante deslocamento dos objetos e a transformação no interior dos “objatórios”.

<sup>49</sup> Exemplos de “objatórios”: cadeiras e mobiliários, telefones, TVs, rádios, placas e letreiros de aviso, brinquedos e bicicletas, aparatos ferroviários, instrumentos de pesos e medidas, itens de bar e cozinha, arte popular e o Kitsch no cotidiano, jogos, vícios e objetos de “homens infames” (próprios de um mundo desviante), instrumentos de trabalho de diferentes ofícios e profissionais (vendedores ambulantes, farmacêuticos, barbeiros etc), chaveiros, algumas relíquias, símbolos de religiosidade e por aí vai!

61 Alice Ventura: Anrhã!

62 “Objeteiro”: Então, eu gosto da peça da maneira que foi encontrada. Pra ter os registros.

63 Alice Ventura: Bravo! É.

64 Marcela Teófilo: As marcas do tempo, do uso.

65 “Objeteiro” (Valida a fala de Marcela Teófilo): Do uso!

66 Marcela Teófilo: ... de como que aquilo ali foi...

67 “Objeteiro” (Complementa a fala de Marcela Teófilo):: Transitou!

68 Marcela Teófilo: ...transitou no cotidiano que fez parte...

69 Alice Ventura: As cicatrizes delas, né?

70 “Objeteiro”: É... exatamente!

Quarta hipótese: Táticas e improvisos também compõem as visitas: do mesmo jeito que os objetos ‘perseguem’ o “Objeteiro”, também ocorrem de alguns deles, destacadamente, manignetizarem os(as) visitantes.

Sobre o desenrolar da mediação narrativa, notou-se que o “Objeteiro” busca perceber os interesses de cada visitante, validar, ouvir e complementar as elaborações dos sujeitos, de acordo com os objetos que os atraem. Isto contribui para um clima intimista nos diálogos. Arrisca-se a afirmar que assim se regula a variação dos objetos a serem mostrados de acordo com o contexto<sup>50</sup>. Seja pelas emoções geradas por memórias vindas à tona no contato com um determinado objeto ou pelo fato de se aproximarem do universo profissional dos(as) visitantes; O “Objeteiro” flexibiliza mistérios e maravilhamentos, numa percepção contínua das linguagens verbais e corporais de seus interlocutores. E isto é um critério decisivo na hora de escolher as histórias que produzirão mais sentido para cada sujeito.

Entretanto, nem todos os objetos tem suas histórias evocadas por sugestões de visitantes ao “Objeteiro”. Por isso, a próxima categoria nos conta sobre alguns exemplos de *Paradas obrigatórias*.

---

<sup>50</sup>Alice Ventura é uma jovem fotógrafa e estudante universitária. Conheceu o Museu do Cotidiano, por intermédio da pesquisadora, de quem é colega no *Projeto Para Elas: por elas, por eles, por nós*. Na ocasião de sua visita, registrou grande parte das fotografias que ilustram a presente Dissertação. Momentos antes do assunto dos brinquedos do mUc, máquinas fotográficas foram mostradas para Alice pelo “Objeteiro”. Percebeu-se que a experiência das visitantes, enquanto mulheres que trabalham com mulheres participou da iniciativa do “Objeteiro” de se aproximar do assunto das bonecas.

“Tudo seria mais simples, parece, se seguíssemos os bons métodos do psicólogo, que descreve aquilo que observa, mede níveis, classifica tipos - que vê nascer a imaginação nas crianças sem nunca, a bem dizer, examinar como ela morre na generalidade dos homens.”

“[...] há um ofício no poeta, este que se encontra na tarefa de associar imagens. Mas a vida da imagem está em toda a sua fulgurância, no fato de que a imagem é uma superação de todos os dados da sensibilidade.”

*(Gaston Bachelard)*

## B. Paradas obrigatórias

### 4. Baú de óculos<sup>51</sup>

Quinta hipótese: Também algumas abordagens do “Objeteiro” são recorrentes ao longo das visitas: em pontos visíveis do caminho, algumas peças tem suas histórias costumeiramente contadas aos(as) visitantes.

Fotografia 8: “O Baú de Óculos”, de Antônio “Objeteiro”



Fonte: Alice Ventura (2018)

71“Objeteiro”: Esse aqui... Eu já te mostrei essa caixa?

72Marcela Teófilo: Esse é o baú!

73“Objeteiro”: São os óculos.

74Marcela Teófilo: Ah, os óculos...!

75“Objeteiro”: São... normalmente, num são óculos de 1,99...

76Marcela Teófilo: Anrãhã...

77“Objeteiro”: São óculos que... que eu comprei, normalmente em bazares, que são descartados por n razões.”

78Marcela Teófilo: Sim.

79“Objeteiro”: São óculos, é... de grife.

80Marcela Teófilo: Anrhan...

81 “Objeteiro”: Óculos importantes em termos de design e origem, tá? Franceses, alemães, ingleses, americanos...

82Marcela Teófilo: E aqui, aqui o senhor tem uma noção de... de quantidade?

83“Objeteiro”: Mais de 1000.

<sup>51</sup> Assim como a peça que combina diferentes objetos a qual se refere, o episódio “Baú de Óculos” combina falas e diálogos entre o “Objeteiro” e os(as) visitantes, ao longo de três visitas em dias diferentes. É uma maneira de demonstrar como a história desta criação é sempre recontada, possui diferentes elementos e está sujeita a outros eventos dignos de relato, a constantes transformações.

84Marcela Teófilo: É, né, porque...

85“Objeteiro”: Porque não tão só aqui não...

86Marcela Teófilo: Olha isso, Alice, nem tem a conta certa, né?

87“Objeteiro”: Não. Pedro Nava escreve o Baú de Ossos...

88Marcela Teófilo: Anrhan...

89“Objeteiro”: Eu to fazendo o Baú de Óculos!

90Alice Ventura: De óculos! (Risos)

91Marcela Teófilo: (Risos)

92“Objeteiro”: Na realidade é um baú...

93Alice Ventura: (Risos) Por isso que tem esse livro aqui, né? (Risos, apontando para o livro de Pedro Nava no baú.)

94Marcela Teófilo: Esse dá uma fotografia...

95Alice Ventura: Sensacional!

96Marcela Teófilo: Muito!

97“Objeteiro”: O curioso desse baú é que ele era de um aluno do Caraça.

98Pedro Machado: Ah, o Caraça: eu já fui lá!

99Objeteiro”: E aqui é o enxoval obrigatório dos alunos... Eu já te mostrei isso, né?

O “Baú de óculos” fica no meio do caminho entre os “objetórios” de Radio e TV, das placas diversas, dos jogos, das malas e maletas, de arte popular... É uma espécie de combinação<sup>52</sup> criativa de objetos, histórias e subjetividades, cuja autoria é do próprio “Objeteiro”. Dentro do baú de enxoval de um dos alunos internos do Caraça (MG), em meio a centenas de óculos, o livro *Baú de Ossos*<sup>53</sup>, de Pedro Nava e cartões de visita de Alex Flemming. Este último artista, na ocasião em que conheceu a criatividade de tal proposta, demonstrou-se extremamente instigado. Estrategicamente, após percorrer os “Objetórios” localizados nesse setor, dá-se meia volta a partir do baú e se adentra em direção a outros “Objetórios”.

<sup>52</sup> Existe um canto com outra combinação de objetos curiosos, a qual também é mostrada recorrentemente pelo “Objeteiro”. Alguns dentre estes objetos podem ser considerados como “Kitsch”. O grupo fica num local próximo aos itens de ferrovia, igualmente uma curva, por onde sempre se passa. Trata-se de um momento da visita que mescla coisas engraçadas, como o ‘coçador de costas à bateria’ e o insondável enigma de um ‘descalçador de galochas’ feito de ferro e em formato de caranguejo. Mas, acrescenta alguns itens exóticos que remetem ao cotidiano denso de uma Guerra Mundial, como é o caso de um chuveiro a gás.

<sup>53</sup> O “Objeteiro” traz desta obra literária a inspiração que o fez batizar o ser “Baú de Óculos”.

Aqui, não conseguiremos percorrer os episódios das categorias de acordo com as habituais direções dos percursos no interior do mUc. Tanto que, o próximo objeto representante das peças mostradas com frequência, localiza-se em um dos ambientes acessados quase na etapa de encerramento da visita. Então, adentrando-se em um “objetório”<sup>54</sup> distante...

### 3. *Objetos pra enganar os homens do futuro*

Sexta hipótese: Os objetos sempre apresentados possuem características surpreendentes e permitem ao “Objeteiro” lançar desafios, dialogar a partir de mistérios.

Vasilhames, liquidificadores, tonéis, cardápios e uma grande variedade de “objetos de bar e cozinha” estão por todos os lados no local onde encontramos a urna. No primeiro momento, sequer sabemos do que esta peça se trata. Ela fica sobre uma mesa<sup>55</sup>, na qual várias imagens remetem a diferentes movimentos religiosos. É o “sincretismo no mUc!”, como observa o “Objeteiro”. Estamos diante de uma história salpicada de enigmas:

Fotografia 9: Urna de votação: bola preta ou bola branca?



Fonte: Marcela Teófilo (2018)

**100**“Objeteiro”: Vou te mostrar um objeto aqui pra ver se você me diz o que é.

**101**Marcela Teófilo: Eu já sei, eu num... eu não vou contar pra num...

**102**“Objeteiro”: É. Ela já sabe.

**103**Pedro Machado e Marcela Teófilo: Risos.

**104**Pedro Machado sinaliza e expressa que não sabe o que é o objeto mostrado.

**105** “Objeteiro”: Mas você, você teria... era de se esperar que cê soubesse...

<sup>54</sup> No “objetório” composto por objetos de bar e cozinha, o pequeno banheiro que fica em um dos cantos guarda uma porção de brinquedos e bichos de borracha, como aqueles com que os bebês brincam durante o banho.

<sup>55</sup> Há três cadeiras em torno da mesa. Neste momento, a depender do número de visitantes, costumávamos nos sentar, tomar água e conversar sobre vários assuntos suscitados pela visita.

**106**Pedro Machado: Humm... eu realmente não sei.

**107**“Objeteiro”: Isso era de júri, no interior.

**108**Pedro Machado: De quê?

**109**“Objeteiro”: Júri.

**110**Pedro Machado: Júri? Ahh! (Surpreso)

**111**“Objeteiro”: Bola preta e bola branca.

**112**Pedro Machado: Ah, do júri!

**113**“Objeteiro”: Condenado ou absolvido.

**114**Pedro Machado: Ah...

**115**“Objeteiro”: Então, é o seguinte: essas bolas não são as bolas que eram usadas. Essa é outra bola. Mas pra pessoa não ver o seu voto, né? Cê vinha com a mão...

**116**Pedro Machado: Olha só!

**117**“Objeteiro”: Soltava... e depois, o juiz...

**118** Pedro Machado: Por que que foi aposentada, né? Tão bonita, né? Pode servir até hoje!

**119**“Objeteiro”: Alá, Alá ó: depois o juiz recolhia embaixo e... “condenado ou absolvido”.

**120**Pedro Machado: Ou absolvido...

**121**“Objeteiro”: Essa não é curiosa?

**122**Pedro Machado: Nossa, nossa! E é de quando mais ou menos?

**123**“Objeteiro”: Eu acho que é da década de 20.

**124**Pedro Machado: Década de 20?

**125**“Objeteiro”: Agora o curioso é isso, né? Procê ficar anônimo... joga a bola aqui...

**126**Pedro Machado: Anrhã...

**127**“Objeteiro”: Ela vai pro buraco...

**128**Pedro Machado: Olha: olha, criatividade, né?

**129**“Objeteiro”: Vem aqui pra baixo...

**130**Marcela Teófilo: Unrhum...

**131**Pedro Machado: Sensacional, né?

**132**“Objeteiro”: Voltou! São os objetos...

**133**Pedro Machado: Anrhã...

**134**“Objeteiro”: ...que tem uma peculiaridade, que tem... que foram feitos a partir de uma, de uma criatividade, né? Com material escolhido, material pertinente... que fosse adequado praquilo... E a concepção final e o uso propriamente dito. E depois vem a história, né, de quem usou, né?

**135**Pedro Machado: É...

**136**“Objeteiro”: Se nós soubéssemos, por exemplo, que... vamos chamar...

**137**Pedro Machado: Aliás, essa aqui é...

**138**“Objeteiro”: ...essa urna: mas, de onde ela é? Eu num sei... Se eu soubesse, seria muito mais interessante, né? A pessoa que me passou é o filho de um juiz de Montes Claros...<sup>56</sup>

**139**Pedro Machado: Anrhã...

**140**“Objeteiro”: ...mas o pai dele atuou em vários lugares e ele não sabe. Aqui também tinha um fecho, tá vendo?

**141**Pedro Machado: Unrhum!

**142**“Objeteiro”: Ele não sabe de onde é. Mas, as pessoas descartam o passado, né?...

**143**Pedro Machado: As pessoas descartam.

**144**“Objeteiro”: As coisas ficam superadas muito rapidamente, né?

**145**Pedro Machado: Unrhum!

**146**“Objeteiro”: Hoje, hoje... Cê vê que ele é um advogado! (Voltando-se para Marcela Teófilo)

**147**Marcela Teófilo: É...

**148** “Objeteiro”: E ele nunca tinha visto isso.

**149**Pedro Machado: Não sabia, não sabia realmente...

**150**“Objeteiro”: Porque não existe isso hoje no seu trabalho!

**151**Pedro Machado: Mas eu achei que a idéia, a idéia dava até pra aproveitar hoje em dia, viu? (Risos)

**152** “Objeteiro”: Pois é, procê ver!

**153**Pedro Machado: Por que não? Por que não? (Risos)

**154**“Objeteiro”: Mas é totalmente analógico, né?

**155**Pedro Machado: É totalmente analógico...

**156** “Objeteiro”: Hoje isso é virtual, né?

---

<sup>56</sup> “NSS” é uma sigla do “Objeteiro” que significa “Não Se Sabe”. Há vários objetos sobre os quais, como no caso da Urna de Votação, não se sabe (NSS) sobre determinados detalhes: o quadro de fotografia dos formandos de Medicina da UMG com data ilegível, placas de identificação de que não se tem certeza a quais lugares pertenciam... Há outros itens sobre os quais não se sabe a quem pertenceram, para que serviam e de onde vieram, isto é, não se sabe de nada.



**157**Pedro Machado: Não, não! O voto não.

**159**“Objeteiro”: Não? É manual ainda?

**160**Pedro Machado: É manual, é...

**161**“Objeteiro”: É?

**162**Pedro Machado: ... passa coletando os votos...

**163**Marcela Teófilo: Então, dá perfeitamente, né?

**164**Pedro Machado: ... dos jurados, né?

**165** “Objeteiro”: Pois é!

**166**Pedro Machado: Não sei porque, porque não usar, né?

**167**“Objeteiro”: Eu costumo brincar que esses objetos são... eu junto esses objetos pra enganar os homens do futuro...

**168**Pedro Machado: Risos.

**169**“Objeteiro”: ...que não saberão do que se trata!

Sétima hipótese: A aura de desafio e mistério com que o “Objeteiro” apresenta determinados objetos, ao instigar diálogos, pode trazer acréscimo de informações e histórias em torno dos mesmos.

Ao saber que o visitante é advogado, o “Objeteiro” potencializou o mistério em torno da Urna de votação. E o diálogo acabou por render um dado a mais sobre este objeto, dado que pode ser acrescentado nas próximas visitas. Além da descoberta de que a urna poderia voltar a ser usada nos tribunais se assim alguém o decidisse, um dos convidados presentes no Exame de Qualificação<sup>57</sup> reconheceu este aparato como um dos itens presentes em rituais maçônicos. A partir daí, “não se sabe” (NSS): talvez maçons advogados tenham levado o aparato ritualístico para o cotidiano dos tribunais; Ou advogados maçons tenham adaptado o uso do pretérito instrumento jurídico para as lojas maçônicas.

Ocorre que o objeto do diálogo há pouco transcrito, com o adendo de sua outra possível origem, somou outro mistério à sua obsolescência enigmática no campo do Direito. É uma dentre as histórias que, ao crescer em detalhes, alimenta novas conjecturas e prossegue em seu crescente desafio. Futuros visitantes, de repente, poderão contribuir para desvendarmos algo mais sobre tal instrumento ‘retrô’ da justiça. Quanto à nossa próxima categoria, com todas as narrativas e detalhes, pode ser que a questão do estranhamento causado por certos objetos não seja algo tão ao alcance de se resolver!

---

<sup>57</sup> Durante o Exame de Qualificação, o protótipo do áudio deste conteúdo foi reproduzido como demonstração.

“[...] a imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens. É essa a riqueza do ser imaginado que queremos explorar.”

“[...] que se vivam diretamente as imagens como acontecimentos súbitos da vida. Quando a imagem é nova, o mundo é novo.”

*(Gaston Bachelard)*

## C. Categoria: Tragicomédias da singularidade

### 2. *Eu acho kitsch demais, né?*

Oitava hipótese: Os objetos Kitsch<sup>58</sup> aparecem pulverizados dentre os “objetórios” do mUc: envolvem histórias curiosas e engraçadas, atraem os olhares dos(as) visitantes ou alguma circunstância leva o assunto de encontro à singularidade de suas formas.

No caso adiante, o manequim<sup>59</sup> de beca atraiu o olhar da pesquisadora e levou o “Objeteiro” a contar detalhes que se encaminharam para o caso do convite de casamento em forma de bandeja de louça.

Fotografia 10: Bandeja/Convite de casamento



Fonte: Marcela Teófilo (2019)

170 Marcela Teófilo: E essa beca aqui?

171 “Objeteiro”: Hum?

172 Marcela Teófilo: Essa beca...?

173 “Objeteiro”: Essa beca eu encontrei descartada num brechó. Isso aí fui eu que coloquei...

174 Marcela Teófilo: Anrhan...

175 “Objeteiro”: Que tinha que ter uma beca, né?

176 Marcela Teófilo: Anrhân...

177 “Objeteiro”: Eu acho kitsch demais, né?

178 Bandeja de louça: convite de um casamento. Assim como você imprimia em papel...

179 Pedro Machado: Ah, olha que legal!

<sup>58</sup> O termo alemão *Kitsch* é mais conhecido como uma categoria que abrange objetos considerados esteticamente questionáveis e vulgares, dentre outras definições que discorrem mais longamente sobre as várias perspectivas socioeconômicas e culturais deste tema.

<sup>59</sup> Há muitos bonecos e manequins de diferentes origens espalhados pelo espaço, habitando o mUc.

**180**“Objeteiro”: ...esse casal... fez um convite de casamento pintado a mão, em bandejas de, é... louça.

**181**Marcela Teófilo: Ah, tá...!

**182**“Objeteiro”: Aí, entregavam esse convite, deve ser pra alguns, talvez pros padrinhos, num sei! E aí, a pessoa ficava com aquilo, com aquilo eternamente, sem saber o que ia fazer com aquilo.

**183**Marcela Teófilo e Pedro Machado: (Risos)

**184**“Objeteiro”: Cê vai fazer o que com uma bandeja com nome dos noivos, endereço?”.

**185**Marcela Teófilo: É... (Risos)

Os irreverentes objetos *Kitsch* que se espalham pelo mUc trazem histórias do cotidiano que levam aos risos, à descontração e a outros sentimentos intensos. Chega a ser tocante o caso de um objeto confeccionado a partir de materiais recicláveis por um homem (já falecido), por exemplo. É uma maquete do edifício onde o saudoso indivíduo morou por muitos anos junto de sua família. Apesar da aparência de ar cômico, foi doado para o Museu do Cotidiano pela própria viúva em luto. A senhora chorava sempre que via o item pela casa e, por não conseguir descartá-lo, ficou aliviada em poder contribuir com o acervo. São criações excêntricas, é verdade, mas que rompem com o óbvio por sua aparência e/ou finalidade.

Os manequins<sup>60</sup> e bonecos(as) que se conjugam com os demais objetos sintonizam com essa influência do *Kitsch* e se espalham por todo mUc. De qualquer maneira, são objetos que acompanham histórias impregnadas das subjetividades de seus criadores e nomes, as quais trazem uma renovada compreensão após serem contadas. Dentro da expressão popular “contando ninguém acredita”, passemos ao último episódio a ser descrito por esta pesquisa.

Da passagem pelos vários objetos relativos a pesos e medidas, bem como acessórios de trem, chega-se a um local onde funcionava inicialmente o escritório de Antônio Carlos. Quanto a isso, o próprio “Objeteiro” conta que, devido ao volume de objetos que chegam de forma rotineira, ele teve que tirar o computador da antiga mesa de trabalho e passar a frequentar uma lan house. No ambiente de registro do último episódio se encontram instrumentos e artigos de vários ofícios e profissões, objetos que pertenceram a homens

---

<sup>60</sup> O manequim de beca, por exemplo, tem também uma medalha pendurada no pescoço!

desviantes<sup>61</sup>, uma quantidade imensa de chaveiros, alguns pertences de personalidades que se destacaram<sup>62</sup> e por aí vai.

Mais ao centro, sobre bancas de marcenaria, uma variedade de coisas se mistura a imagens de Santo Antônio, o qual Antônio “Objeteiro” denomina “Padroeiro dos Objetos”. Impressiona a diversificação de itens neste local. Nele, inclusive, há uma pequena biblioteca com livros e periódicos. Sobre parte desta área, um mezanino abriga obras de arte como as do pintor Lorenzatto, artista sobre quem o “Objeteiro” tem muitas histórias para contar. E, como começamos a trilha com a cadeira de barbeiro, dentre as inúmeras histórias, decidimos encerrar a nossa primeira trilha com o seguinte episódio:

### 1. *Os primeiros dentistas práticos*

Nona hipótese: Às vezes, histórias reais do cotidiano de alguma época são tão inusitadas quanto os objetos *Kitsch*.



Fonte: Marcela Teófilo (2018)

**186**“Objeteiro”: A cadeira de barbeiro é importante também pra nós pelo seguinte: os primeiros dentistas práticos foram os barbeiros. Por que isso? Porque a pessoa tinha uma dor de dente, no interior, na roça, em qualquer lugar... e ele... não... não havia dentista. Então ele procurava o cabel. (interrompe a palavra), o barbeiro – na época chamava-se barbeiro e não cabelereiro como hoje – procurava o barbeiro...

**187**Marcela Teófilo: Hum...

**188**“Objeteiro”: Porque o barbeiro era habilidoso, certo? Porque ele usava navalha, então ele era habilidoso... e trabalhava na região da cabeça.

Para quem escuta pela primeira vez tal associação entre barbeiros e dentistas, o fato de buscar atendimento odontológico em uma barbearia pode soar como uma

<sup>61</sup> A *Vida dos Homens Infames* é o nome de um artigo escrito pelo filósofo M. Foucault, em 1777. Desde o princípio das pesquisas no Museu do Cotidiano que foi recorrentemente lembrado por Isabela Vecci (em relação às narrativas sobre os objetos do mUc que pertenceram a sujeitos de conduta considerada desviante, as quais só tiveram seu conteúdo conhecido em função de seus donos terem em algum momento sido barrados pela lei).

<sup>62</sup> Macacão de Ayrton Senna e Adriane Galisteu, sapatos de Carmen Miranda, bola autografada por Pelé...

grande ficção, um verdadeiro devaneio. Com isso, não raro visitantes ficam completamente surpresos(as). Se, por ventura, algumas pessoas já possuam conhecimentos prévios sobre esses tipos de tema, pode ser que tragam à tona outros elementos e fatos relacionados ao caso. Quem sabe, ao ouvir este podcast, alguém possa acrescentar mais capítulos para o intrigante (pelo menos no séc. XXI!) intercâmbio de experiências entre essas duas profissões?

**189**Marcela Teófilo: Hunnrhun...

**190**“Objeteiro”: Então o, o doente, o paciente, né, a pessoa que tava sentindo dor ia lá pra ver se tinha uma alternativa de medicamento. Aí, normalmente, colocava-se uma cera anestésica, alguma coisa assim. Então, tradicionalmente os primeiros barbei. (interrompe e corrige) dentistas práticos foram os barbeiros.

**191**Marcela Teófilo: Eu não sabia.

**192**“Objeteiro”: Por isso é que aquela cadeira é importante.

**193**Marcela Teófilo: Hunnrhun...

**194** “Objeteiro”: Não só pra referência de barbearia em si, porque as barbearias existem desde o século XIV.

**195**Marcela Teófilo: Hunnrhun...

**196**“Objeteiro”: Existiam pessoas que trabalhavam porque cê ocê vê as figuras antigas... usavam uma cabeleira que teria que passar por alguém que ajudasse a colocar no ponto.

**197**Marcela Teófilo: E eu não sabia disso.

**198**“Objeteiro”: Bom a própria, o próprio Museu da Odontologia que existe em Belo Horizonte faz referência a isso e mostra.

**199**Marcela Teófilo: Anrhãn!

**200**“Objeteiro”: Porque tem umas coisas curiosas. Por exemplo, a primeira cadeira de barbeiro que existiu era apenas mais alta.

**201**Marcela Teófilo: Anrhãn!

**202**“Objeteiro”: Certo? Eu tenho aí um exemplar. A segunda já era já... já girava. Certo? Procê trabalhar melhor ali, né?

**203**Marcela Teófilo: Anrhãn!

**204**“Objeteiro”: E a terceira já girava e basculava. Que é o caso dessa aqui que era do Edifício Maletta, que já gira e bácia, então.

**205**Marcela Teófilo: Anrhãn!<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> A repetição das vocalizações também é considerada por psicólogos(as) como uma expressão verbal de surpresa.

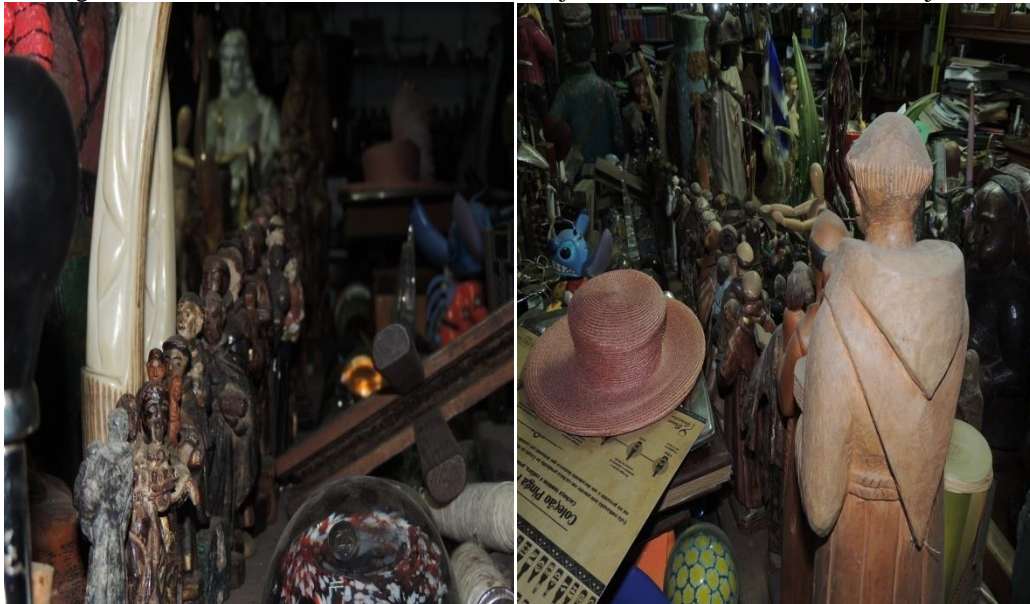
Nos bastidores de cada episódio de narrativas sobre os objetos do mUc, o grande sonho cotidianamente alimentado por um sujeito<sup>64</sup>:

**206**“Objeteiro”: Eu faço constantemente exposições. Mas, eu chamo atenção novamente: o que eu quero é você e seus colegas chegarem aqui e levarem os objetos para uma exposição, certo? Com seleção de vocês e curadoria idem. Isso é que é o grande sonho. Que é o que eu chamo de “decolativo”, de decolagem, né? Num precisa ser necessariamente uma exposição; Às vezes é um vídeo, às vezes são fotos, enfim...

Enfim, às vezes é um Podcast! Que tal?...

**207**“Objeteiro”: E agora eu tô empenhado num aspecto importante que as pessoas esqueceram: o Radio Amador. E eu vou desenvolver. O Museu do Cotidiano vai ter um setor de radioamadorismo... funcionando!<sup>65</sup>

Fotografia 12: Santo Antônio, o Padroeiro dos Objetos, de acordo com Antônio “Objeteiro”



Fonte: Alice Ventura (2018)

Enquanto isso, pelos “Objetórios” do Museu do Cotidiano... O tradicional Santo Antônio casamenteiro, também “Padroeiro dos Objetos”, continua a celebrar casórios entre subjetividades e “objetividades”, para soprar as histórias do *Podcast DecolAtiva* nos ouvidos de Antônio “Objeteiro”...

<sup>64</sup> Nesta fala, Antônio “Objeteiro” se dirige à pesquisadora.

<sup>65</sup> Esta ideia foi compartilhada em uma visita num momento muito inicial da pesquisa, quando os planos para os aspectos dos conteúdos sonoros para o mUc eram ainda muito indefinidos. Lembrete: os Podcasts são inspirados nos programas de rádio.

“[...] os centros de devaneios bem determinados são meios de comunicação entre os homens de sonho com a mesma segurança que os conceitos bem definidos são meios de comunicação entre os homens de pensamento.”

“Sonhar os devaneios e pensar os pensamentos, eis, não há dúvidas, duas disciplinas difíceis de equilibrar.”

*(Gaston Bachelard)*



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 5.1 As histórias nas ondas do *Podcast DecolAtiva*: notas de uma “aprendente”<sup>66</sup>

No Museu do Cotidiano, aprendi com o “Narrador-Objeteiro” sobre como, por intermédio da memória e da imaginação, criações e resgates de elementos podem incorporar uma sabedoria decolativa/“desviante” em relação às nossas habituais produções linguísticas. A vulnerabilidade enquanto força potencializadora dos aprendizados pressupõe uma singular abertura para o diálogo entre os sujeitos. E cada interlocução que acontece tem o desafio de desenhar zonas autônomas de encontro. As reuniões ocorridas no cotidiano dos contextos sociais trazem igualmente situações que representam aprendizados para nós. E tanto mais aprendemos se consideramos o lugar da empatia nas convivências. Afinal, haverá entendimento possível entre as pessoas se, na trilha de produção e de reprodução cultural, alguns indivíduos forem culturalmente constrangidos a permanecerem como objetos descartados à margem dos caminhos?

Transitar entre ambientes que privilegiam a oralidade, com lugares e momentos preparados para que as pessoas se reúnam e conversem entre si: entre 2017 e os meses iniciais de 2019, o meu cotidiano foi de muita conversação. Na Faculdade de Educação (FaE/UFMG), no Museu do Cotidiano (mUc) e no *Projeto Para Elas: por elas, por eles, por nós...* (Núcleo Saúde e Paz, Faculdade de Medicina/UFMG): por onde quer que eu passava, vivia grandes oportunidades de apropriação.

Para pensar na abertura de diálogos dentro do mUc e do mundo, as prosas cotidianas funcionaram como um grande laboratório. Com os(as) colegas mestrandos(as) e professores(as)<sup>67</sup>, a busca de alternativas ao nosso alcance para as pesquisas que realizávamos, trocas de impressões e ideias em aulas, seminários, eventos culturais e acadêmicos; As vozes de Antônio “Objeteiro”, “Santo” Expedito e Isabela Vecci<sup>68</sup>, na verdade, as vozes de todos(as) nós que presenciávamos os rearranjos e desafios atrelados ao processo de institucionalização do mUc; Tais desafios participaram como fonte inclusive de assuntos, temas para reflexão nas rodas de conversa do projeto *Para Elas*. Do compartilhamento entre as mulheres usuárias, equipes de professores(as) e de estudantes em várias áreas, colaborações nasceram e foram recebidas:

---

<sup>66</sup> Passeggi (2016, p. 75-76) associa a pesquisa-formação com a visão do “aprendente” que existe tanto no professor quanto no pesquisador.

<sup>67</sup> De forma muito especial com a Profa. Marina Assis Fonseca, minha orientadora de pesquisa.

<sup>68</sup> Junto com o Prof. Bernardo Jefferson de Oliveira e Prof. Eduardo Antônio de Jesus (Orientador e co-orientador da pesquisa de Isabela Vecci, respectivamente).

- As lentes da câmera de Alice Ventura, colega do *Para Elas*, captaram no meio de tantos objetos, os nossos “objetos-geradores”<sup>69</sup>. Desta visita/ensaio fotográfico, foram captados áudios usados na edição do *Podcast Decolativa*.
- Também participaram da “trilha sonora” inicial proposta áudios captados durante a visita de Pedro Machado ao mUc. Advogado e doutorando em Sociologia, Pedro é integrante de pesquisas e de ações dentro do âmbito preventivo da violência, como o projeto *Para Elas*.
- A abertura da Profa. Elza Melo<sup>70</sup> ampliou para mim o sentido do que ela se refere como “construir sujeitos coletivos” e “produzir lealdades”. Além de participar das oficinas e ambulatórios do *Para Elas*, fui recebida também nas salas de aula e oferecimentos acadêmicos do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Enfrentamento da Violência. Dentro da Faculdade de Medicina (UFMG) pude intercambiar muitas experiências, histórias de vida, bases teóricas e metodológicas. Enfim, um dos jeitos de “produzir e reproduzir cultura” entre sujeitos integrados.

Há milênios, aliás, tanto a produção quanto reprodução cultural desperta nos indivíduos e grupos sociais o ímpeto de não largarem a poética para trás, descartando-a a margem dos caminhos do conhecer. A poética esteve o tempo inteiro entre os conceitos deste trabalho, na expressão linguística de seu flerte cotidiano com a educação, a política e a estética, em meio às ações socioculturais humanas. Toda a escrita grega já foi poética um dia, com uma métrica que também se fazia em prosa, de forma extremamente comum até mesmo dentro dos tratados científicos e escritos filosóficos. Há grande diferença entre a noção grega clássica de poética, daquela ideia que tende a vir nas nossas cabeças sobre versos cheios de um lirismo rimado e sentimentalista.

Talvez estejamos em uma época propícia para identificarmos o que nos dizem as recriações da poética pelos sujeitos ao longo dos tempos. Quais as necessidades por trás de não deixarmos fenecer este modo de compor a linguagem? Metodologias e tipos de pesquisa diferenciados, a exemplo dos que aqui utilizamos, despontam juntamente com os sujeitos que os adotam. Em grande parte das culturas contemporâneas, a dimensão epistemológica de

---

<sup>69</sup> A relação entre os “Temas geradores”, de Paulo Freire, e os “Objetos geradores”, de Francisco Regis Lopes Ramos foi uma das várias contribuições da Profa. Verona Campos Segantini na ocasião de sua participação na Banca de Defesa. Um “Objeto gerador” estimula reflexões e integra, por exemplo, visitantes de um museu ao espaço expositivo (assunto da obra: *A Danação do Objeto*).

<sup>70</sup> A Profa. Elza Melo compôs a banca na ocasião do Exame de Qualificação. Foi um momento em que, como em todas as etapas da pesquisa, houve a participação de pessoas conhecidas por meio das convivências na Faculdade de Medicina (UFMG). <sup>70</sup>“*Podemos prevenir a violência: teorias e práticas*” é o título de um dos livros escritos por ela, em sua trajetória na área de Promoção da Saúde e Prevenção da Violência que envolve a criação do *Para Elas: por elas, por eles, por nós*. Trata-se de uma das obras que nos serviram como referência.

formas de expressão tradicionalmente atreladas às artes ainda soa controversa e é tida como questionável por muitos dentro das produções acadêmicas. Assim, servindo-nos de (auto)biografias e poesias defendemos aqui o seguinte: com as manifestações simbólicas e poéticas nas falas dos sujeitos que narram também muito se aprende e se constrói no campo do conhecimento.

Famoso por registrar teorias sobre milhares de campos do conhecer, Aristóteles pode nos servir de exemplo, pois não elaborou a Poética com a finalidade exclusiva de gerar uma experiência estética. Tampouco a considerou como parte menor de sua obra por se tratar de uma produção com propósitos escolares, voltada para os seus alunos do Liceu. Prática, a Poética veio à luz na forma de um manual normativo, de como escrever e refletir o que de há filosófico no texto poético. Um tempo de palavras como discurso, argumento, diálogo, democracia, cidadania etc. andando de mãos dadas. Época em que, democraticamente, mulheres, estrangeiros e escravos eram segregados e em que se exterminava quem apresentasse um corpo diverso do ideal vigente de perfeição dos corpos. A poética estava lá, nas narrativas épicas, nas tragédias dos teatros gregos, com tanta catarse e tantos sentimentos intensos a purgar nas plateias. Um povo de poesias e mitos representando em escala aumentada a narrativa de uma história não como é, mas como poderia ter sido.

Entre nós, muitos(as) estão atrás de apropriações poéticas, pois querem aliviar emoções avassaladoras, elaborar psiquicamente momentos de vida sofridos. Até mesmos dentro das religiões procurou-se manter acesa a chama purificadora da poética. Artisticamente, o êxtase de um músico, por exemplo, realizando-se nas emoções de um público inteiro que se deleita ao som das melodias que ele toca... Poética, poética, poética! A capacidade fundamental de representar e a representação do Outro como forma de aprendizagem. Está aí o motivo pelo qual encontramos tanto prazer em ir ao cinema, fotografar e tudo mais que nos permita a ver representações.

Então, somos parte da transformação que nos cutuca e pergunta: como sermos sujeitos autônomos da nossa sociedade democrática? Como o Outro, no lugar de representar alguma ameaça ou repulsa pode, poeticamente, representar para cada um(a) de nós uma fonte de aprendizado? Dentre as discussões em torno de políticas públicas de inclusão, uma quantidade expressiva tende a inventariar atitudes consideradas errôneas para embasar e justificar a manutenção de circunstâncias excludentes. Decerto este é um passo inicial e importante para a tomada de consciência sobre a realidade de que tratamos. Entretanto, com o presente estudo buscamos incentivar iniciativas que se arriscam a dar um passo à frente. A travessia por críticas, nesse sentido, necessita ser acolhida como parte essencial de um processo de diálogo,

de integrar efetivamente sujeitos que colaboram entre si com suas bagagens e referenciais diferentes.

Se em nossas interlocuções cotidianas, surgem os desafios que parecem ter se cristalizado na história da humanidade, no mesmo dia a dia podemos nos abrir para conversar. E, em equipe, quem sabe não lapidaremos, pouco a pouco, cristal por cristal de preconceito em diamantes de entendimento? Tal pergunta poética traz uma reflexão sobre o fato de que estamos no meio de um caminho onde é imprescindível que cada um se exponha não numa obsessão por sempre acertar. Vivemos em plena recriação perante aqueles que muitas vezes tem sido os nossos desacertos. Será que existe mesmo por que a poesia continuar como um transbordo em silêncio privado de tudo aquilo que em nós sufocamos?

Os instrumentos heurísticos que aqui resgatamos, e pelos quais decidimos bancar várias controvérsias, reforçam as expressões contemporâneas de que problematizar a subjetividade é uma demanda urgente<sup>71</sup>. Para tudo o que criamos movidos pela importância que percebemos na intersubjetividade, a recriação de velhos hábitos como um contraponto que mantém e até exacerba o individualismo é evidente. Quem foi que disse que seria fácil todos(as) compartilhando todos os espaços como sujeitos de direito? Até recalcularmos nossas rotas de convivência é esperado ainda nos pegarmos perdidos(as), por várias vezes voltando atrás e fazendo paradas antes de continuarmos a seguir em frente. Para uma equipe integrada, em que indivíduos não se distraiam e se dissolvam na identificação com papéis (de heróis, vítimas, juízes ou salvadores), “caminhar com os sapatos” uns dos outros nos parece um promissor investimento. Entretanto, é preciso ousadia, entusiasmo e desapego das culpas e vergonhas nossas de cada dia!

No rumo dessa investigação, ressaltamos que a poética não nasceu inspirada pela Educação para, justamente educadores(as) prosseguirem “expulsando os poetas”<sup>72</sup> dos espaços de formação e de construção de seus conhecimentos. Uma linguagem que atravessa épocas e é apropriada por tantas áreas, decerto é uma linguagem que, se relegitimada, pode ter

---

<sup>71</sup> Esta necessidade de pensar sobre temas contemporâneos envolvendo a relação dos indivíduos e a sociedade foi uma das contribuições do Prof. Eduardo Antonio de Jesus durante a banca de defesa de Mestrado. De acordo com ele, fenômenos como o hábito excessivo de fazer fotos de si mesmo (Selfies), muitas vezes denunciam uma maneira de pessoas viverem a subjetividade no novo paradigma sem se despojarem de individualismos, narcisismos, etc. O professor, nessa ocasião, também considerou o potencial das ideias e proposituras do Movimento de pesquisa (auto)biográfico para a educação/desenvolvimento de indivíduos (na relação mantida consigo mesmos e com outrem). Nesse e em outros sentidos, reconheceu o *Podcast DecolAtiva* como produto promissor para a proposta de uma ação educativa em sintonia com a vocação do mUc.

<sup>72</sup> Em sua obra *República*, Platão se refere à “expulsão dos poetas”, dentro do objetivo de questionar a autonomia dada ao discurso destes, bem como à expressão de outros tipos de artistas. Afinal, a arte deve mesmo ser livre de todo, isto é, sem se submeter a quaisquer restrições éticas, morais e políticas? Obs.: Questionamento similar não é feito em relação ao discurso de educadores no Brasil?

muito mais a dizer. É o que notamos inclusive na caminhada de formação do Museu do Cotidiano. Em nome de que legitimamos ou silenciemos as vozes de alguns sujeitos? De onde partem os critérios e objetivos das seleções que fazemos ao longo de nossas vidas? Seja em qual circunstância, especialidade ou instituição, é ampla a responsabilidade das atitudes de classificar e desclassificar, oficializar e não oficializar conhecimentos e discursos.

Dentre as referências evocadas neste estudo, muitas sugerem reflexões sobre meios de se romper com os limites impostos pelo tradicional predomínio de uma racionalização extrema nas formas de conhecer das instituições. E o diálogo com especialistas é um desafio aqui importante e aceito. Os dualismos do pensamento cartesiano, apesar de suas fragilidades patenteadas, mantém sua influência sobre a mentalidade ocidental: corpo e mente, razão e emoção, conhecimento científico e senso comum, erudito e popular, sagrado e profano, sonho e pensamento<sup>73</sup>, normal e anormal, lógico e poético e por aí vai. O racionalismo dualista que herdamos é um chão no qual tropeçamos, mas no qual também permanecemos em caminhada. Afinal, pode ou não pode a razão humana se transformar e ser exercida de um modo diferente?

E por falar em diferença, Educação e Comunicação correspondem a áreas que lidam com ações voltadas para públicos heterogêneos. Daí o desafio de transitar pelos imaginários dos(as) interlocutores(as), encontrar as palavras, expressões verbais e imagens, criar aproximações de ideias importantes para todos(as) os(as) “aprendentes”. Por isso o movimento de pesquisa (auto)biográfico é visto com simpatia pelos(a) vários tipos de educadores(as) e comunicadores(as) que buscam congregam diversidades e singularidades em suas curadorias<sup>74</sup>. Notadamente nessas quase duas décadas iniciais do século XXI, noções como interação e interatividade compõem o complexo terreno da intersubjetividade junto aos recursos digitais, na rede de geração e compartilhamento das informações que povoam nossos cotidianos. Os espaços e mídias de divulgação, sejam físicos ou virtuais, potencializam as demandas da democratização do conhecimento, desde a sua produção até a sua distribuição.

A responsabilidade sobre a criação em rede de conteúdos ainda corresponde a um tópico repleto de problemas, sobretudo de ordem ética, moral e jurídica, para os quais a

---

<sup>73</sup> A importância de se pensar em temas relativos à dualidade do sujeito cognoscente foi o motivo pelo qual se decidiu trazer as epígrafes que perpassam os últimos capítulos desta Dissertação. Correspondentes a *Poética do Espaço* e a *Poética do Devaneio*, as passagens selecionadas trazem imagens afins ao horizonte de significados descoberto no mUc. Autor de ambas as obras, Gaston Bachelard (1884-1962) foi um poeta e filósofo da ciência que alternou temas epistemológicos com temas estéticos em suas produções, contribuiu para tópicos de museologia e para o desenvolvimento de métodos fenomenológicos de investigação. Num trocadilho, o mUc nos inspira uma poética da “falta de espaço”!

<sup>74</sup> O termo curadoria participou deste estudo a partir da concepção desenvolvida por Cortella e Dimenstein no livro *A Era da Curadoria – o que importa é saber o que importa!*

liberdade de expressão não tem seus contornos definidos perante o exercício dos direitos de uns e a violação dos direitos de outrem<sup>75</sup>. Elaborar conteúdos sonoros para circularem no mundo digital, por exemplo, abrange pensar no uso de imagens e de vozes, em propriedade intelectual e artística, dentre outros.

Nesta pesquisa, a questão conhecida como “acessibilidade universal”<sup>76</sup> implicitamente perpassa por todas as etapas como uma busca indispensável. Mais do que a tudo, a universalização dos acessos pede aos coletivos que deem saltos culturais: saltos de consciência entre os indivíduos que convivem em uma sociedade. Afinal, somos congruentes com uma concepção do acesso de todos(as) ao conhecimento se e somente se, antes de mais nada, partirmos do reconhecimento de todos(as) como sujeitos dignos, singulares e, portanto, com diferenças significativas entre si.

Nesse sentido, é importante sim trabalhar com plataformas e softwares abertos, de uso livre e gratuito, viabilizar a circulação de cadeirantes nos espaços etc e tal. Todavia, recursos de fato colaborativos com a acessibilidade de todos(as) os(as) potenciais visitantes<sup>77</sup> demandam uma relação com ensinamentos e aprendizagens correspondentes a um mergulho em águas muito mais profundas. Enfim, sujeitos se integram pela intersubjetividade e esta propicia diálogos nos quais cada qual colabora na produção de uma cultura na qual os membros da sociedade estão dispostos a compartilhar seus caminhos. Todavia, como pessoa ou profissional, sem a suficiente reflexão, de muitas maneiras um indivíduo pode fracassar em suas experiências de encontro com o Outro.

No princípio da proposta, tudo parecia sobremaneira especializado, principalmente na produção dos áudios. Observando os outros de longe, a impressão de ineficiência e incapacidade de cumprir o meu objetivo acadêmico tendia a aumentar com o passar do tempo. Alguns conselhos chegavam de muitos lados e eram persistentes. Em sua maioria, notei que sugeriam entregar a produção técnica dos áudios para alguém “capacitado e experiente”. Afinal de contas, será que uma edição completamente autoral atenderia os padrões de

---

<sup>75</sup>Exemplos notórios são a criação e o compartilhamento indiscriminado das notícias falsas (“fake news”), o drama das afirmações conhecidas como “pós-verdade” e a prática do “cyberbullying”.

<sup>76</sup>A noção de *acessibilidade universal* ou acessibilidade *para todos(as)* é desenvolvida por grupos de sujeitos cujas diferenças encontram barreiras no enquadramento social predominante. Há entre tais sujeitos reflexões que problematizam a forma como a inclusão é abordada e o desenvolvimento de propostas para a criação de políticas públicas que fomentem também a reconstrução cultural do convívio com as diferenças. Basicamente, num mundo pensado para todos(as), não há pessoas deficientes, há pessoas diferentes. Se forem contempladas todas as diferenças na elaboração não apenas das edificações, mas de cada passo dado em sociedade, desde a infância, um grande número de pessoas passará a ter condições de se socializar satisfatoriamente e de conquistar de fato sua autonomia.

<sup>77</sup>Qualquer pessoa com algum acesso à Internet pode fazer o download de um podcast e, num momento posterior, ouvi-lo offline por meio de um dispositivo que reproduza arquivos em mp3. Em editores de áudio livres, há recursos para que cegos e portadores de baixa visão elaborem um Podcast do princípio ao fim.

qualidade? Notei que esta questão se multiplicou em muitas dúvidas e, por meio dela, deparei-me com importantes temas. Comecei assim a interagir com textos, vídeos, uma variedade de conteúdos virtuais e impressos. Todos compartilhavam experiências sobre as problematizações acima mencionadas. Pontos que partiam de valores importantes muito mais do que só para mim, uma então mestranda do PROMESTRE.

Conheci a história de um sujeito que criou sozinho um Podcast sobre literatura<sup>78</sup> e, para tanto se capacitou auto didaticamente durante a realização de todas as etapas demandadas. Este rapaz tinha uma característica que o diferenciava, dentre as várias características que existem e diferenciam os seres. Isto pode ser relativamente simples quando se precisa apenas de um editor de áudio gratuito, disponível para baixar e que oferece uma modalidade apropriada de configuração para usuários(as) cegos(as) ou de baixa visão. Em tal contexto detalhado, temos o exemplo de uma pessoa com um diferencial físico e em plenas condições para exercer sua autonomia com eficiência. Por si só, é uma realidade que dispensa os limites do rótulo de deficiência, os jugos da inaptidão e da incapacidade.

Após encontrar referências de sucesso na alternativa que me causava dúvidas, decidi seguir em frente no desenvolvimento das habilidades e competências técnicas por meio dos recursos a mim acessíveis. Nos primeiros períodos após a decisão, podia ser que, a certa altura, eu mudasse de ideia. Entretanto, com o fluxo reflexivo, a criação de uma identidade sonora para os conteúdos... E se eu não chegasse a um padrão de qualidade regulado por profissionais especialistas em conteúdos para o rádio? Seria deficiência da minha parte ou um diferencial na minha circunstância de produção? Para além de rótulos como “deficiência”, “declarações de incapacidade” e “inaptidão técnica” eu poderia usufruir daquilo que estava ao meu alcance: cursar disciplinas na área de Educação profissional e Tecnologia (PROMESTRE/FaE/UFMG). E cursei duas delas! Isto se mostrou decisivo para promover um importante desbloqueio e encarar os aparatos cotidianos como ferramentas já desenvolvidas para serem usadas intuitivamente e com praticidade.

Colegas e professores(as) comprometidos com a universalização do acesso e da produção tecnológica me ensinaram, por exemplo que eu poderia encontrar no meu raio de uso recursos suficientes para a produzir um Podcast de qualidade<sup>79</sup> suficiente. Com um

---

<sup>78</sup> Infelizmente, o podcaster que narrou a história deste sujeito não deixou referências suficientes para acessar este trabalho na área de Literatura.

<sup>79</sup> No trabalho com o Museu do Cotidiano, especialmente, ficam ainda mais nítidas as táticas desenvolvidas por produtores(as) de conteúdos digitais. Até mesmo os adolescentes Youtubers administram os próprios canais e desenvolvem estratégias de marketing voltadas para a construção de uma audiência junto aos seus públicos. E o fazem por meio de vídeos caseiros, gravados e editados quase sempre dentro de seus quartos. É comum que comecem com equipamentos básicos e improvisados, como telefones celulares. Com o tempo e a prática, as

computador conectado à internet e telefone celular, objetos do meu cotidiano, identifiquei qual era a demanda mais importante da criação do *Podcast DecolAtiva*: a abertura permanente para ser e conhecer, integrando quaisquer vozes com que eu tivesse a oportunidade de dialogar<sup>80</sup>. Abertura constante foi o que pude descobrir em diferentes situações na companhia de Antônio “Objeteiro”. Eu poderia ter me iniciado em estudos sobre práticas de curadoria, oferecidos por disciplinas do curso de Museologia. E é o que farei logo que puder, pois recebi inclusive convites para tanto. Recebi também muitos estímulos de profissionais da área de Comunicação. No meio destes últimos, conheci sujeitos com uma disponibilidade impressionante para o diálogo. Comunicadores(as) que exercem suas atividades profissionais e sua cidadania equipados com as mais entusiasmadas habilidades socioafetivas para mediar trocas: empatia, alteridade e resiliência.

Do meu lugar de educadora em processo de autocrítica em relação às práticas até então experimentadas, perguntei-me: como melhor pensar sobre o ofício de um(a) curador(a) junto com museólogos(as) sim, mas também com educadores(as) e/ou comunicadores(as)? No rumo de uma resposta, decidi me aproximar o máximo que pude da experiência curatorial do “Objeteiro”, desde a infância construída de maneira aberta e espontânea. Foi tamanha a espontaneidade disponível neste processo cotidiano de pesquisa junto ao mUc que, até mesmo nos diálogos da defesa da presente Dissertação, senti-me impelida a manter o que Antônio Carlos Figueiredo pratica como poucos: nas provocações diante do que se defende ver, viva a chance de focar no que de fato importa.

Às vezes, é preciso se desfazer de algo aparentemente estável, consolidado e ir de encontro ao que verdadeiramente nos eleva: aquilo que carregaremos conosco pela vida afora. Como na experiência de precisar ser primeiro um “deseconomista”, para depois reconhecer dentro de si o “Objeteiro”. Deixar acontecer a metamorfose da galeria de arte que ganha asas, vira a galeria de arte e objeto. Não apressar o tempo das histórias, pois estas possuem

---

tentativas e os erros, consideram algumas habilidades tecnológicas que demandam algum aprimoramento. Trata-se de um grupo expressivo de garotas e garotos que não se detém por preciosismos. Dos espaços virtuais, simplesmente partem em busca de orientações focadas em viabilizar suas práticas de empreendedorismo.

<sup>80</sup>A participação da pesquisadora num dos áudios de uma série de reportagens da Radio UFMG Educativa permitiu acompanhar a realização do trabalho de registro dos relatos de usuárias do Projeto “*Para Elas*”. Assim, nas jornalistas Soraya Fideles, Maria Dulce Miranda e equipe de profissionais da comunicação que atuam com mídias voltadas para a Educação, encontrou-se o primeiro suporte técnico para a produção do *Podcast DecolAtiva*.

Pelo link <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/mulheres-compartilham-historias-de-como-conseguiram-romper-com-o-ciclo-da-violencia> é possível acessar o post, os vídeos e o podcast produzido nesta ocasião. Posteriormente, a partir deste material, o Projeto foi homenageado com um VT especial, disponível em <https://www.facebook.com/tvufmg/videos/1672882349436126/UzpfSTEwMDAxNjM1MDQyNDc4MjJozMDYwNjExMjk0OTk0MTQ6MTUxNDc5MzYwMDoxNTQ2MzI5NTk5Oi04MDEzMjcwODgxMDAxMDAyNjc3/>



tramitações a cumprir. E, principalmente, arriscar-se a voar do casulo, na forma de Museu do Cotidiano. Antônio Carlos tem pra contar (e conta!) desde casos em que se passa por surdo-mudo até casos em que se passa por professor universitário de engenharia aposentado em seus encontros com sujeitos e objetos. Isto é imaginar-se na pele de alguém diferente, deixar os símbolos de quem pensa e sente de outra maneira, coabitarem o próprio imaginário por alguns momentos.

A pressuposição de jeitos plurais de ser e de conhecer o mundo que inspira Antônio “Objeteiro” é a mesma que nos impulsiona intelectuais a tecerem teoricamente ontologias e epistemologias. Filosofias da Diferença, a Filosofia Pop e outros movimentos do tipo... Eu gostaria que a duração do estudo permitisse falar sobre isso muito mais e demoradamente. E é o que farei em próximas oportunidades que se apresentarem no meu horizonte de buscas. Entretanto, no mestrado, a minha meta se manteve preservada e chegou a esta etapa com muito mais clareza. A socialização de tal processo e as reflexões dele advindas pode encontrar jeitos de prestar contribuições para a Educação em Museus. Entretanto, neste encerramento de ciclo me parece intelectualmente honesto dizer que a Educação em Museus corresponde ela mesma à grande contribuição de toda a essa trajetória. Nesta área do conhecimento foi que desenhamos o nosso conjunto intersecção, um jeito de sujeitos incluírem a comunhão de seus caminhos e decidirem unidos quais descaminhos deixarem à margem do que realmente nos importa.

Comunicadores(as), educadores(as), museólogos(as) e “Objeteiros” se comunicando, ensinando e aprendendo, enfim, integrados pela atmosfera de uma “Curadoria Decolativa”<sup>81</sup>. Dessa maneira, em prol de nos aproximarmos, vamos continuar unidos(as) na invenção neolinguagens se preciso. Pois nos maravilhamos com tal experiência de tamanha singularidade, na qual a presença de nenhuma loucura, crime ou doença se comprova. Existem histórias esquecidas nos silêncios dos sujeitos amordaçados por rótulos e preconceitos, histórias de prontuários desavisados e de frias sentenças. Sujeitos que decoram e repetem preconceitos e crenças.

Também objetos decoram e são descartados quando pessoas os consideram ultrapassados, obsoletos. Todavia, o Podcast Decolativa é uma ação “aprendente” da vocação do “Objeteiro” e do mUc de encontrar no cotidiano outros meios de sujeitos e objetos contarem eles mesmos as suas próprias histórias. É uma “trilha sonora” que começa meio sem saber ao certo como continua: ação educativa nas visitas, atração da radio amadora idealizada

---

<sup>81</sup> Expressão da Profa. Verona Segantini para expressar a singularidade e o, de acordo com ela, vanguardismo do trabalho de Antônio Carlos.

por Antônio, conteúdo mais ativo no site institucional?NSS!<sup>82</sup>Quando os primeiros objetos começaram a ser colecionados, de um jeito parecido não se sabia que vinha um Museu do Cotidiano pela frente... O importante mesmo é se manter decolativo(a)!

---

<sup>82</sup> Relembrando a sigla da autoria de Antônio “Objeteiro”... NSS significa “Não Se Sabe”.

“Os poetas nos convencem de que todos os  
nossos devaneios de criança merecem ser  
recomeçados.”

*(Gaston Bachelard)*

### 5.1.1 O apanhador de desperdícios

Manoel de Barros<sup>83</sup>

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
 Não gosto das palavras  
 fatigadas de informar.  
 Dou mais respeito  
 às que vivem de barriga no chão  
 tipo água pedra sapo.  
 Entendo bem o sotaque das águas  
 Dou respeito às coisas desimportantes  
 e aos seres desimportantes.  
 Prezo insetos mais que aviões.  
 Prezo a velocidade  
 das tartarugas mais que a dos mísseis.  
 Tenho em mim um atraso de nascença.  
 Eu fui aparelhado  
 para gostar de passarinhos.  
 Tenho abundância de ser feliz por isso.  
 Meu quintal é maior do que o mundo.  
 Sou um apanhador de desperdícios:  
 Amo os restos  
 como as boas moscas.  
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
 Porque eu não sou da informática:  
 eu sou da invencionática.  
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.

---

<sup>83</sup> Manoel de Barros, um poeta do cotidiano, parece que biografista Antônio “Objeteiro” com estes versos... Aqui um convite, uma proposta pra se manter decolativo(a): que tal procurar poetas e poesias entre os objetos do Museu do Cotidiano?

## REFERÊNCIAS

ABIJAUDE, Isabela Vecci. **Por um museu do cotidiano**. Periódico cultural Letras. Belo Horizonte, Minas Gerais, abril de 2018. n 56. E de Especial. Vida, modo de usar. p. 26-28.

ASPIS, R.P.L.. **Por uma educação sem profundidade**. In: Elaine T. Dal Mas Dias; Liliana Pereira Lima Azevedo; Lucia M. Gonzales Barbosa. (Org.). *Compartilhando saberes psicológicos, filosóficos e educacionais*. 1 ed. Jundiaí- São Paulo: Paco Editorial, 2016, v. 1, p. 25-39.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Joaquim José Moura. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, D.L.P.. **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso**. In: BRAIT, B. Bakhtin, dialogismos e construção de sentido (Org). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

BARROS, Manoel de. O apanhador de desperdícios. In: PINTO, Manuel da Costa (Edição, Seleção e Comentários). **Antologia comentada da poesia brasileira do século 21**. São Paulo: Publifolhs, 2006. P. 73-74.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994c. v. 1.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, 15s.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf). Acesso em 30 de junho de 2017.

BRULON SOARES, B. C.. **Caminhos da Museologia: Transformações de uma ciência do museu**. In: Senatus, Brasília, vol. 7, n. 2, p. 32-41, dez. 2009

CABRAL, J.O.; DOS SANTOS, V.L.B.. **Experiência e Narração: reflexões a partir do documentário de Dança-Teatro Sonhos em Movimento**. *Rev. Cena, Porto Alegre*, n 22, p. 158 – 165. Jul./Out. 2017. Disponível em: <http://seer.ufgs.br/cena> Acesso em 22 de maio de 2019.

CALDAS, Waltécio. in: Entrevista: **A arte não era contemplação, mas sim enfrentamento**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1226271-arte-nao-era-contemplacao-mas-sim-enfrentamento-diz-waltercio-caldas.shtml>. Acesso em 10 de junho 2017.

CORTELLA, Mário Sérgio; DIMENSTEIN, Gilberto. **A Era da Curadoria: o que importa é saber o que importa!** (Educação e formação de pessoas em tempos velozes). Campinas, SP: Papirus 7, 2015.

DAMIATI, D. **Podcast: Reinvenção da Comunicação Sonora**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. Intercom, 2007. Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0708-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0708-1.pdf). Acesso em 30 de junho de 2017.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

DEMO, Pedro. **Formação de professores básicos**. *Em Aberto*, Brasília, ano 12, nº54, abr./jun.1992.

ECO, Humberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, poder e discriminação**. In: *Linguagem, escrita e poder*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GUALANDI, Alberto. **Deleuze**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2003.

JAPIASSU, Hilton. **Nascimento e Morte das Ciências Humanas**. Editora Francisco Alves, 1978.

LE MOS, André – **Podcast. Emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura**. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404\\_46.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_46.htm). Acesso em 20 de maio de 2017.

LOPES, Margareth Maria. **A favor da desescolarização dos museus**. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, v.3, n.40, dezembro, 1991.

MACHADO, Ana Maria. **A audácia dessa mulher**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MACMANUS, Paulete. **Educação em Museus: pesquisas e práticas**. Martha Marandino e Luciana Monaco (Org). São Paulo: FEUSP, 2013.

MARTINS, Erikson de Carvalho; SANTOS, Gilberto Lacerda dos. **Epistemologia Qualitativa, fenomenologia e pesquisa-ação: diálogos possíveis**. *FILOSOFIA E EDUCAÇÃO*, v.9, p.18-45, 2017.

MELO, Elza Machado. **Podemos prevenir a Violência**. 1ª. ed. Brasília: OPAS, 2010. 252p .

NAVA, Pedro. **O Baú de Ossos: memórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

NEVES, José L. **Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades.** Cadernos de pesquisas em administração. São Paulo. v. 1, n. 3, 2º sem / 1996.

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre Educação.** São Paulo: Loyola, 2003. P. 185-188.

OLIVEIRA, Simone Vinhas de; BASTOS, Carolina Vieira Ribeiro de Assis. **Ação comunicativa e ação dialógica: contribuições para a educação libertadora.** Aprender (Vitória da Conquista), v. 7, p. 119-136, 2007.

PASSEGGI, M.C.; SOUZA, E. C. . **Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional.** InvestigacionCualitativa, v. 2, p. 6-26, 2017.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **A danação do objeto.** *O museu no ensino de História.* Chapecó: Argos, 2004.

REY, Fernando Luís González. **Sujeito e Subjetividade:** uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

REY, F.L.G.. Prefácio. In **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia** (PP. V-VII). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

STEINER, G. **La barbárie de La ignorância.** Barcelona: Laertes, p. 67, 2003.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação.** Comunicação e Educação (USP), v. 19, p. 15-26, 2014. STEINER, G.. **La barbarie de la ignorancia.** Madri: Del Taller de Mario Muchnik, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Ferreira, Maria Lúcia Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WAGENSBERG, Jorge. **O Museu 'total', uma ferramenta para a mudança social.** 4º Congresso Mundial de Centros de Ciência. Rio de Janeiro, 2005. Texto Provocativo, por Jorge Wagensberg. Disponível em <http://www.museudavida.fiocruz.br/4scwc/Texto%20Provocativo%20-%20Jorge%20Wagensberg.pdf> Acesso em 30 de junho de 2017.

**O Palhaço.** Direção: Selton Mello e Marcelo Vindicatto. 2011. Brasil: Produzido pela Bananeira Filmes e coproduzido pela Mondo Cane Filmes. 88 minutos, Color.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Carta convite e autorização para a realização da pesquisa no Museu do Cotidiano

Sr. Antônio Carlos Figueiredo,  
responsável pelo Museu do Cotidiano (MuC)

Eu, Prof.<sup>a</sup> Marcela de Queiroz Teófilo, responsável pelo Projeto de Pesquisa intitulado “*Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos em museus*”, integrante do Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência – Promestre – FaE/UFMG, venho convidar esta instituição, através de Vossa Senhoria, para participar da referida proposta de estudo.

Sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Marina Assis Fonseca, a pesquisa tem por objetivo desenvolver conteúdos sonoros que integrem a visita ao Museu do Cotidiano, em consonância com as propostas do espaço e de outras ações educativas construídas especialmente para o contexto de fruição das visitas ao acervo. Para tanto, pretende contribuir também com a elaboração do site do MuC, no qual será possível publicar e hospedar, na íntegra, o conjunto de Podcasts. Dentre estes últimos, haverá a seleção de alguns para que atuem como conteúdos sonoros disponíveis junto aos objetos em exposição

A participação é voluntária e não obrigatória. Esclarecemos que não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela participação na pesquisa. Procuraremos garantir sigilo que assegure a privacidade das instituições e dos participantes quanto aos dados circunstancialmente confidenciais envolvidos na pesquisa. A etapa conhecida como *Coleta de dados* é imprescindível para o estudo, portanto, solicito a possibilidade de participar das visitas previamente agendadas (o MuC ainda não se mantém aberto ao grande público para a visita) afim de fotografar, filmar e captar audios, assim como realizar registros escritos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. O material elaborado para o MuC a partir deste estudo ficará disponível ao acesso público dentro das condições especificadas no anexo denominado Termo de autorização de uso de imagem e voz.

A participação do Museu do Cotidiano nos estudos não envolverá qualquer natureza de gastos, tanto para V. S.<sup>a</sup> quanto para os demais envolvidos. Os gastos previstos serão custeados pela pesquisadora. Embora se saiba que projetos nesta área do conhecimento são passíveis de oferecerem algum incômodo, tal como constrangimento pela presença da pesquisadora no museu, procuraremos evitar e solucionar eventuais desconfortos. Ao



propiciar que todos se sintam à vontade para se expressarem espontaneamente, o propósito maior é criar um espaço de convívio, visita e fruição agradáveis, onde todos possam interagir livre e respeitosamente entre si e em relação ao acervo do MuC.

É do direito dos participantes que recebam os esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários antes, durante e depois da pesquisa. Ao final, todos os envolvidos na realização do projeto e demais interessados, em dia e local definidos por V. S.<sup>a</sup>, terão acesso aos resultados obtidos. Para tanto, ofereceremos para o MuC uma cópia impressa da Dissertação de Mestrado fruto da pesquisa, assim como em CD. A pesquisa na íntegra também poderá ser acessada na página do Programa do Mestrado Profissional Educação e Docência – Promestre – FaE/UFMG ([www.posgrad.fae.ufmg.br/](http://www.posgrad.fae.ufmg.br/)).

No caso de quaisquer esclarecimentos adicionais, por favor, sinta-se à vontade para nos consultar sempre que preciso pelo telefone (31) 99841 6380 ou e-mail: [marcela-qt@hotmail.com](mailto:marcela-qt@hotmail.com). Quanto às dúvidas relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, V. S.<sup>a</sup> poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – COEP/UFMG. Sentindo-se esclarecido em relação à proposta e em concordância quanto a participar voluntariamente desta pesquisa, peço-lhe a gentileza de assinar e devolver também o Termo de autorização de uso de imagem e voz e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em anexo, assinados em 3 (três) vias, sendo que uma das vias ficará com V.S.<sup>a</sup>, outra será disponibilizada aos arquivos do Museu do Cotidiano e a terceira arquivada pelos pesquisadores por 5 (cinco) anos, na sala da Prof.<sup>a</sup> orientadora desta pesquisa, Dra. Marina Assis Fonseca, na Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Av. Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha, CEP 31.270-901, Belo Horizonte, MG – Brasil.

---

Marcela de Queiroz Teófilo  
Prof.<sup>a</sup> Pesquisadora  
[marcela-qt@hotmail.com](mailto:marcela-qt@hotmail.com) – (31) 99841 6380  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Marina AssisFonseca  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Orientadora da Pesquisa  
[marina.assis@gmail.com](mailto:marina.assis@gmail.com)  
Universidade Federal de Minas Gerais

Agradecemos desde já sua colaboração.

(  ) Concordo e autorizo a realização da pesquisa, com registro dos audios e do que se fizer necessário para a produção dos podcasts, nos termos propostos.

(  ) Discordo e desautorizo a realização da pesquisa.

---

Antônio Carlos Figueiredo  
Responsável pelo Museu do Cotidiano

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

## **APÊNDICE B - Termo de autorização de uso de imagem e voz**

1) Pelo presente instrumento, eu, abaixo assinado e identificado, autorizo para fins estritamente acadêmicos, de forma gratuita e em caráter definitivo, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimentos concedidos, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor os conteúdos sonoros integrantes das ações do Museu do Cotidiano (MuC) produzidos pela pesquisa intitulada “*Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos em museus*”, da linha de Educação em Museus e Centros de Ciências do Mestrado Profissional Educação e Docência – Promestre - FaE/UFMG, doravante denominada simplesmente “Projeto”.

2) Tendo em vista a autorização efetuada neste Termo, reconhece expressamente o(a) Autorizador(a) que o MuC poderá, a seu exclusivo critério, utilizar o Projeto para fins de produção de novas obras em diferentes formatos, físicos e digitais, disponíveis para exibição em circuito cultural/educacional. Tal utilização se inicia com a pesquisadora que, na qualidade de mestranda, realizará adaptações de extratos, trechos ou partes dos conteúdos cedidos em prol de apresentar, atrelada à sua dissertação, uma série de Podcasts enquanto produto educacional desenvolvido como parte dos estudos, o que constitui um dos requisitos para a conclusão de curso do Promestre. Por esta via, o(a) Autorizador(a) cede ainda os direitos autorais sobre o seu uso ou sobre os aspectos cuja utilização foi autorizada por meio deste Termo a terceiros, para qualquer espécie de aplicação que proporcione ao MuC possibilitar o cumprimento de seus objetivos.

2.1) Nenhuma das utilizações aqui previstas, todas estritamente acadêmicas, cujos componentes tem seu uso autorizado por via deste Termo, apresenta limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem que seja devida ao(à) Autorizador(a) qualquer remuneração.

3) O presente instrumento é firmado em caráter irrevogável e irretratável, obrigando-se as partes por si, seus herdeiros e sucessores a qualquer título, ficando eleito o foro da Comarca de Belo Horizonte para dirimir quaisquer dúvidas oriundas deste Termo.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem, ao som de minha voz ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

|   |
|---|
| Nome:                                   |
| Endereço:                               |
| Cidade:                                 |
| RG N°:                                  |
| CPF N°:                                 |
| Telefone para contato:                  |
| Nome do Representante Legal (se menor): |

**APÊNDICE C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Colaborador(a)**  
***Aos colaboradores diretos e indiretos da proposta de estudo junto à ampliação do acesso ao público do Museu do Cotidiano (MuC)***

Sr(a). Colaborador(a),

A proposta “*Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos em museus*” será realizada com a participação da Prof.<sup>a</sup> Marcela de Queiroz Teófilo, aluna do Mestrado Profissional Educação e Docência – Promestre - FaE/UFMG. A pesquisa ocorrerá sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Marina Assis Fonseca, igualmente integrante da FaE/ UFMG.

Todas as etapas da referida pesquisa acadêmica serão realizadas com o consentimento de cada participante envolvido(a): produção de séries de Podcasts, registros fotográficos, gravação em áudio e vídeo nos possíveis ambientes de realização, majoritariamente no contexto das visitas agendadas ao Museu do Cotidiano (que ainda não se mantém aberto ao público) e produções científicas de publicação dos resultados. Os visitantes/colaboradores não serão obrigados a realizarem quaisquer atividades que extrapolem as propostas de colaboração pré-combinadas. Embora se saiba que projetos nesta área do conhecimento são passíveis de oferecerem algum incômodo, tal como constrangimento pela presença da pesquisadora no museu, procuraremos evitar e solucionar eventuais desconfortos. Ao propiciar que todos se sintam à vontade para se expressarem espontaneamente, o propósito maior é criar um espaço de convívio, visita e fruição agradáveis, onde todos possam interagir livre e respeitosamente entre si e em relação ao acervo do MuC.

É do direito dos participantes que recebam os esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários antes, durante e depois da pesquisa. Procuraremos garantir sigilo que assegure a privacidade das instituições e dos participantes quanto aos dados confidenciais circunstancialmente envolvidos na pesquisa. Quando solicitado, irrelevante ou desnecessário, os nomes dos sujeitos participantes não serão citados em nenhum documento produzido na pesquisa. O material desenvolvido para o MuC a partir deste estudo ficará disponível ao acesso público dentro das condições especificadas no anexo denominado Termo de autorização de uso de imagem e voz.

Em qualquer momento, é possível solicitar esclarecimentos sobre a metodologia de coleta e análise dos dados por meio do telefone (31) 99841 6380 ou pelo e-mail: [marcela-qt@hotmail.com](mailto:marcela-qt@hotmail.com). Resguarda-se total liberdade no caso de desejo de recusa da participação. Sentindo-se esclarecido(a) em relação à proposta, concordando em permitir sua participação voluntária nesta pesquisa e autorizando a divulgação de sua imagem, caso seja necessário, peço-lhe a gentileza de assinar e devolver o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado em 3 (três) vias, sendo que uma das vias ficará com o(a) senhor(a), outra será disponibilizada para os arquivos do Museu do Cotidiano e a terceira arquivada pelos pesquisadores por 5 (cinco) anos, na sala da Prof.<sup>a</sup> orientadora desta pesquisa, Dra. Marina Assis Fonseca, na Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Av. Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha, CEP 31.270-901, Belo Horizonte, MG – Brasil.

( ) Concordo e autorizo a realização da pesquisa, com o registro dos audios e do que for necessário para a produção dos podcasts, nos termos propostos.

( ) Discordo e desautorizo a realização da pesquisa.

Atenciosamente,

---

Marcela de Queiroz Teófilo  
Prof.<sup>a</sup> Pesquisadora  
marcela-qt@hotmail.com - (31) 99841 6380  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Marina Assis Fonseca  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Orientadora da Pesquisa  
marina.assis@gmail.com  
Universidade Federal de Minas Gerais

Desde já agradecemos a sua colaboração.

Nome do Colaborador(a):

---

Assinatura do Colaborador(a):

---

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

**Comitê de Ética na Pesquisa/UFMG**

**Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar/ sala 2005 - Campus Pampulha - Belo Horizonte, MG Fone: 31 3409-4592 CEP 31270-901 e-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)**

## APÊNDICE D - Termo de Compromisso

Declaro que conheço a resolução 466/12 e suas complementares, bem como me comprometo a cumprir os requisitos destas. Reafirmo também o meu compromisso de utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados, quer sejam favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto e o fato de que a ele será anexada a presente folha com as devidas assinaturas como parte integrante da documentação demandada para realizar a Pesquisa.

---

Marcela de Queiroz Teófilo  
Prof.<sup>a</sup> Pesquisadora  
marcela-qt@hotmail.com - (31) 99841 6380  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Marina Assis Fonseca  
Prof.<sup>a</sup> Orientadora da Pesquisa  
marina.assis@gmail.com  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.



## APÊNDICE E - Declaração de isenção de custo

Eu, Prof.<sup>a</sup> Dra. Marina Assis Fonseca declaro, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais - COEP/UFMG, que a pesquisa intitulada “*Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos em museus*” tem como pesquisadora a mestranda Prof.<sup>a</sup> Marcela de Queiroz Teófilo, sob minha responsabilidade, e que a mesma não possui financiamento de qualquer natureza (bolsa), nem apoio financeiro de agências de fomento. O estudo não dependerá de recurso de qualquer natureza para a instituição envolvida, nem tampouco para qualquer participante. Os gastos previstos com fotocópia de instrumentos, materiais de consumo (papel, cartuchos de tinta etc) e eventuais danos de equipamentos e serviço serão custeados pela pesquisadora.

---

Marcela de Queiroz Teófilo  
Prof.<sup>a</sup> Pesquisadora  
marcela-qt@hotmail.com - (31) 99841 6380  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Marina Assis Fonseca  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Orientadora da Pesquisa  
marina.assis@gmail.com  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

**APÊNDICE F - Declaração de uso e destinação do material coletado**

Eu, Prof.<sup>a</sup> Marcela de Queiroz Teófilo, declaro, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais - COEP/UFMG, que os dados obtidos em campo, por meio de registros em caderno de campo, filmagens, fotografias e gravações de áudio da pesquisa intitulada “*Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos em museus*”, serão destinados ao material desenvolvido para o MuC a partir deste estudo e que este ficará disponível ao acesso público dentro das condições especificadas no anexo denominado Termo de autorização de uso de imagem e voz.

---

Marcela de Queiroz Teófilo  
Prof.<sup>a</sup> Pesquisadora  
marcela-qt@hotmail.com - (31) 99841 6380  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Marina Assis Fonseca  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Orientadora da Pesquisa  
marina.assis@gmail.com  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

**Comitê de Ética na Pesquisa/UFMG**

**Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar/ sala 2005 - Campus Pampulha - Belo Horizonte, MG Fone: 31 3409-4592 CEP 31270-901 email:[coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)**

## APÊNDICE G – Produto educacional

---

UF *m* G

FaE  
Faculdade de Educação

MESTRADO PROFISSIONAL  
EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

---

Marcela de Queiroz Teófilo



Podcasts no Museu do Cotidiano:

um estudo sobre conteúdos sonoros

e diálogos abertos

INICIANDO A TRILHA SONORA DO

*Podcast DecolAtiva*

NO MUSEU DO COTIDIANO (mUc):

um pequenino *almanaque*...



Belo Horizonte

2019

---



Para ouvir e seguir o *Podcast DecolAtiva*, acesse:

<https://soundcloud.com/marcelafilosofia21>

Na plataforma *SoundCloud*, estão disponíveis as 6(seis) faixas da “trilha sonora” inicial, frutos da Dissertação *Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos*, orientada pela Profa. Marina Assis Fonseca (PROMESTRE-FaE/UFMG).





Neste espaço de hospedagem, há o recurso de criação de Feed RSS, o qual permite que seguidores(as) sejam notificados(as) a cada nova faixa postada e acompanhem a programação do *Podcast DecolAtiva*. Como bônus, a faixa *Notas de uma "aprendente"* apresenta uma narração humana em que a pesquisadora registrou a leitura do texto conclusivo de sua Dissertação de Mestrado em Educação e Docência. Tal oportunidade propiciou à Profa. de Filosofia a experiência de se tornar uma *podcaster* (!), isto é, uma produtora de *podcasts*.

The screenshot displays a SoundCloud interface for a podcast episode. At the top, the browser address bar shows the URL: <https://soundcloud.com/marcelafilosofia21/notas-de-uma-aprendente>. The page header includes navigation options like 'Início', 'Stream', and 'Biblioteca', along with a search bar and user profile 'marcelafilosofia21'. The main content area features the podcast title 'Notas de uma "aprendente"' with a play button and a duration of 24:58. Below the title, there is a section for comments and a description of the audio content. The description states that the text was extracted from the conclusion of a master's dissertation titled 'Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos', supervised by Prof. Marina Assis Fonseca. It provides a link to the dissertation and credits the author/voice as Marcela Teófilo and the photographer as Alice Ventura (2018). To the right, there is a list of related tracks, including 'Os Primeiros Dentistas Práticos...', 'Eu acho kitsch demais, né. Episó...', and 'Objetos pra enganar os homens...'. The bottom of the screenshot shows a Windows taskbar with various application icons and a system tray displaying the date and time as 27/05/2019 at 12:07.





A *SoundCloud* oferece o recurso de acrescentar legendas às faixas publicadas. Assim, é possível interagir com os(as) ouvintes e detalhar informações importantes sobre o conteúdo sonoro disponibilizado (créditos à fotógrafa responsável pela imagem ilustrativa do episódio, sugestão de *links* de acesso pertinentes, etc..). Na tela da página anterior, por exemplo, aquele(a) que se interessar pode clicar no link (em azul) e acessar a referida Dissertação na íntegra. Observação: Esta foi devidamente autorizada a constar na aba “TRABALHOS FINAIS”, do site do PROMESTRE- FaE/UFMG.

6) Os Primeiros Dentistas Práticos. Episódio 1.

marcelafilosofia21 há 2 dias

Escreva um comentário

Curtir Compartilhar Editar Mais

Quem sabe, ao ouvir este podcast, alguém possa acrescentar mais capítulos para o intrigante (pelo menos no séc. XXI!) intercâmbio de experiências entre duas profissões de áreas tão distintas?  
Foto de Marcela Teófilo (2018)  
Categoria: "Os primeiros dentistas práticos"

#Storytelling

"6) Os Primeiros Dentistas Práticos. Episódio 1." de marcelafilosofia21 está licenciado segundo uma licença Creative Commons.

Faixas relacionadas

- marcelafilosofia21 Notas de uma "aprendente" 14
- marcelafilosofia21 5) Eu acho kitsch demais, né. Episódio 4 4
- marcelafilosofia21 4) Objetos pra enganar os homens ... 3

Baixe o app

App Store Google play

Aviso Legal - Privacidade - Cookies - SoundCloud Ltd.

0.21 2:29

12:09 27/05/2019





5) Eu acho kitsch demais, né. Episódio 2. há 2 dias

# Contação de hi...

Escreva um comentário

Curtir Compartilhar Editar Mais

marcelafilosofia21

Irreverentes os objetos "Kitsch" se espalham pelo mUc e trazem histórias do cotidiano que levam aos risos, à descontração e a outros sentimentos intensos. O termo alemão "Kitsch" é mais conhecido como uma categoria que abrange objetos considerados esteticamente questionáveis e vulgares, dentre outras definições que discorrem mais longamente sobre as várias perspectivas socioeconômicas e culturais deste tema. "Eu acho kitsch demais, né?!" E vocês?

Foto de Marcela Teófilo (2019)  
Categoria: "Tragicomédias da singularidade"

# Storytelling

"5) Eu acho kitsch demais, né. Episódio 2." de marcelafilosofia21 está licenciado segundo uma licença Creative Commons.

Exibir menos

Faixas relacionadas

- marcelafilosofia21 Notas de uma "aprendente" 14
- marcelafilosofia21 6) Os Primeiros Dentistas Práticos... 4
- marcelafilosofia21 4) Objetos pra enganar os homens ... 3

Baixe o app

Baixar na App Store | Disponível no Google play

Aviso Legal - Privacidade - Cookies - SoundCloud Ltd. - Paradas - Pesquisas populares  
Idioma: Português (Brasil)







A screenshot of a web browser displaying a SoundCloud audio player. The browser's address bar shows the URL: https://soundcloud.com/marcelafilosofia21/objetos-para-enganar-os-homens-do-futuro. The page title is "marcelafilosofia21 | Marcelo". The main content area features a track titled "4) Objetos pra enganar os homens do futuro. Episódio 3" by "marcelafilosofia21", uploaded "há 2 dias". The track has a play button, a progress bar at 1:15 / 2:29, and a thumbnail image of a large, ornate, dark-colored urn or vase. Below the track, there is a comment section with a profile picture of "marcelafilosofia21" and a comment in Portuguese. The comment discusses the acronym "NSS" (Não Se Sabe) and its use in a legal context. To the right of the comment, there are social media sharing options (Curtir, Compartilhar, Editar, Mais) and a "Mais estatísticas" link. Below the comment, there are links to "Baixe o app" for the App Store and Google Play. At the bottom of the screenshot, the Windows taskbar is visible, showing various application icons and the system tray with the date 27/05/2019 and time 12:10.







As fotografias de Alice Ventura, uma das visitantes, e Marcela Teófilo (pesquisadora) ilustram cada episódio. Boa parte delas representa o “objeto-gerador”<sup>\*</sup> da história contada no áudio.

marcelafilosofia21 | Marcelo

https://soundcloud.com/marcelafilosofia21/o-bau-de-oculos

Início Stream Biblioteca Pesquisar Experimente Pro Upload marcelafilosofia21

marcelafilosofia21 há 2 dias

3) O Baú de Óculos. Episódio 4 # Contação de hi...

Escreva um comentário

Curtir Compartilhar Editar Mais 2 Mais estatísticas

marcelafilosofia21

Que tal conhecer um pouco mais desta combinação criativa de objetos, histórias e subjetividades, cuja autoria é do próprio “Objeteiro”? Alex Flemming é um artista que, na ocasião em que conheceu a criatividade de tal proposta, demonstrou-se extremamente instigado. Cá está para instigar você também! Fotografia de Alice Ventura (2018) Categoria: "Paradas obrigatórias"

# Storytelling

\*3) O Baú de Óculos. Episódio 4\* de marcelafilosofia21 está licenciado segundo uma licença Creative Commons.

Exibir menos

Faixas relacionadas Exibir tudo

marcelafilosofia21

Notas de uma "aprendente"

marcelafilosofia21

6) Os Primeiros Dentistas

marcelafilosofia21

5) Eu acho kitsch demais, né. Episó...

Baixe o app

Baixar na App Store

DISPONÍVEL NO Google play

Aviso Legal - Privacidade - Cookies - SoundCloud Ltd.

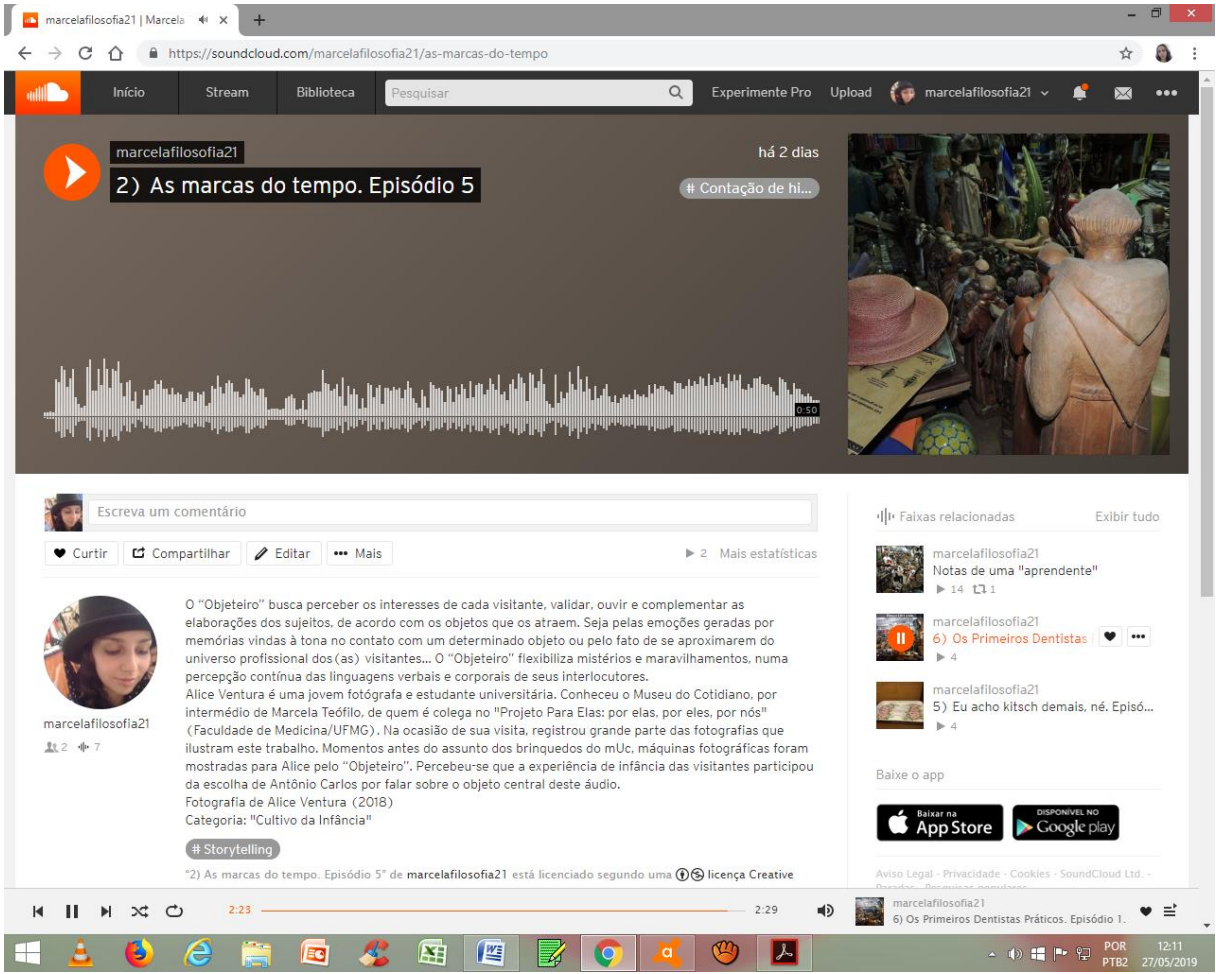
marcelafilosofia21

6) Os Primeiros Dentistas Práticos. Episódio 1.

12:11 27/05/2019

<sup>\*</sup>Para saber detalhes sobre as palavras e expressões acompanhadas por asterisco(\*), conheça a Dissertação *Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos*.





marcelafilosofia21 | Marcela

https://soundcloud.com/marcelafilosofia21/as-marcas-do-tempo

Início Stream Biblioteca Pesquisar Experimente Pro Upload marcelafilosofia21

marcelafilosofia21 há 2 dias

### 2) As marcas do tempo. Episódio 5

# Contação de hi...

Escreva um comentário

Curtir Compartilhar Editar Mais 2 Mais estatísticas


**marcelafilosofia21**

O "Objeteiro" busca perceber os interesses de cada visitante, validar, ouvir e complementar as elaborações dos sujeitos, de acordo com os objetos que os atraem. Seja pelas emoções geradas por memórias vindas à tona no contato com um determinado objeto ou pelo fato de se aproximarem do universo profissional dos(as) visitantes... O "Objeteiro" flexibiliza mistérios e maravilhamentos, numa percepção contínua das linguagens verbais e corporais de seus interlocutores.

Alice Ventura é uma jovem fotógrafa e estudante universitária. Conheceu o Museu do Cotidiano, por intermédio de Marcela Teófilo, de quem é colega no "Projeto Para Elas: por elas, por eles, por nós" (Faculdade de Medicina/UFMG). Na ocasião de sua visita, registrou grande parte das fotografias que ilustram este trabalho. Momentos antes do assunto dos brinquedos do mUC, máquinas fotográficas foram mostradas para Alice pelo "Objeteiro". Percebeu-se que a experiência de infância das visitantes participou da escolha de Antônio Carlos por falar sobre o objeto central deste áudio.

Fotografia de Alice Ventura (2018)  
Categoria: "Cultivo da Infância"

# Storytelling

\*2) As marcas do tempo. Episódio 5\* de marcelafilosofia21 está licenciado segundo uma  licença Creative Commons

Faixas relacionadas Exibir tudo

- marcelafilosofia21 Notas de uma "aprendente" ▶ 14 1
- marcelafilosofia21 6) Os Primeiros Dentistas ▶ 4
- marcelafilosofia21 5) Eu acho kitsch demais, né. Episó... ▶ 4

Baixe o app

Baixar na App Store DISPONÍVEL NO Google play

Aviso Legal - Privacidade - Cookies - SoundCloud Ltd. - [Poderes - Recursos sonoras](#)

marcelafilosofia21 6) Os Primeiros Dentistas Práticos. Episódio 1.

2:23 2:29

POR 12:11  
PTB2 27/05/2019



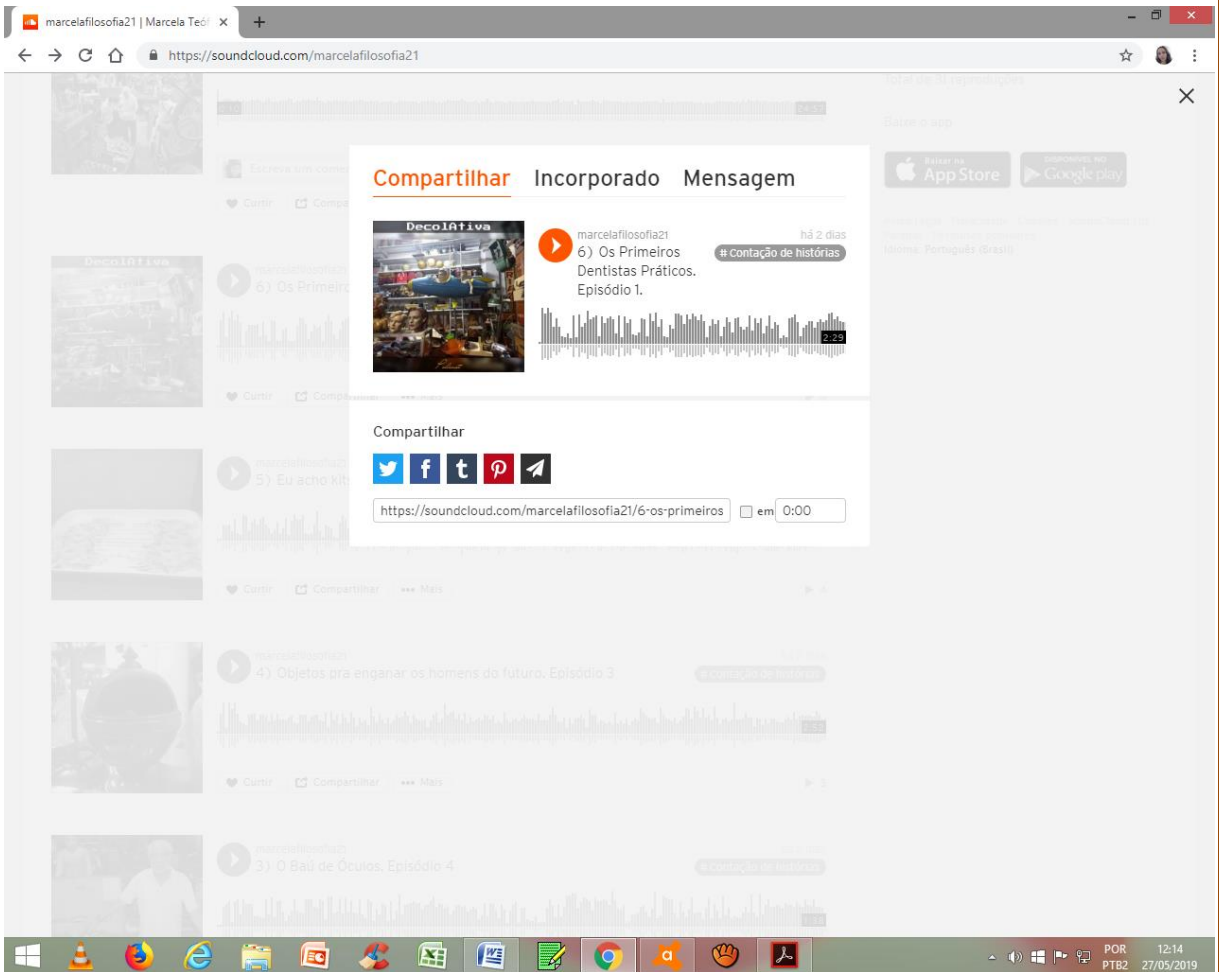


A screenshot of a SoundCloud audio player interface. The browser address bar shows the URL: https://soundcloud.com/marcelafilosofia21/depois-ce-pensa. The player features a play button, the title "1) Depois cê pensa! Episódio 6", and a waveform. Below the player, there is a comment section with a user profile picture and a detailed comment. The comment text reads: "Inaugurando o Podcast DecoAtiva, embarque que lá vem história!!! Ouçam o barulho da rua... Os casos começam no passeio, mesmo antes de chegarmos aos objetos. De objeto em objeto, aliás, como foi que Antônio 'Objeteiro' construiu o Museu do Cotidiano (mUC), na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais? Na curiosidade, aperte o play e os 'sintos'... vem com a gente pra esta contagem regressiva! O primeiro dos 6 (seis) episódios da trilha sonora já sugere: 'Depois cê pensa!' Fotografia de Alice Ventura (2018) Fundo musical retirado da ópera 'O Barbeiro de Sevilla', de Rossini. Categoria: 'Cultivo da Infância'". To the right of the comment, there are social media sharing options and a list of related tracks. At the bottom of the screenshot, a Windows taskbar is visible with various application icons and a system tray showing the date and time as 27/05/2019.





Além de curtirem e seguirem o *Podcast DecolAtiva*, os(as) ouvintes tem a opção de compartilharem as faixas em outras redes sociais.





Procurou-se também configurar a postagem dos conteúdos sonoros de modo que os(as) ouvintes possam reproduzir os áudios *offline* e em diferentes mídias.

marcelafilosofia21 | Marcela Teófilo x

https://soundcloud.com/marcelafilosofia21

Substituir arquivo

Todas Faixas Áudio

Destaques (0/5)

Coloque suas melhores faixas no perfil.

Recente

Compartilhar Editar

Exibir todo

Reproduções nos últimos 7 dias

31

Disponível no Google play

Comentários

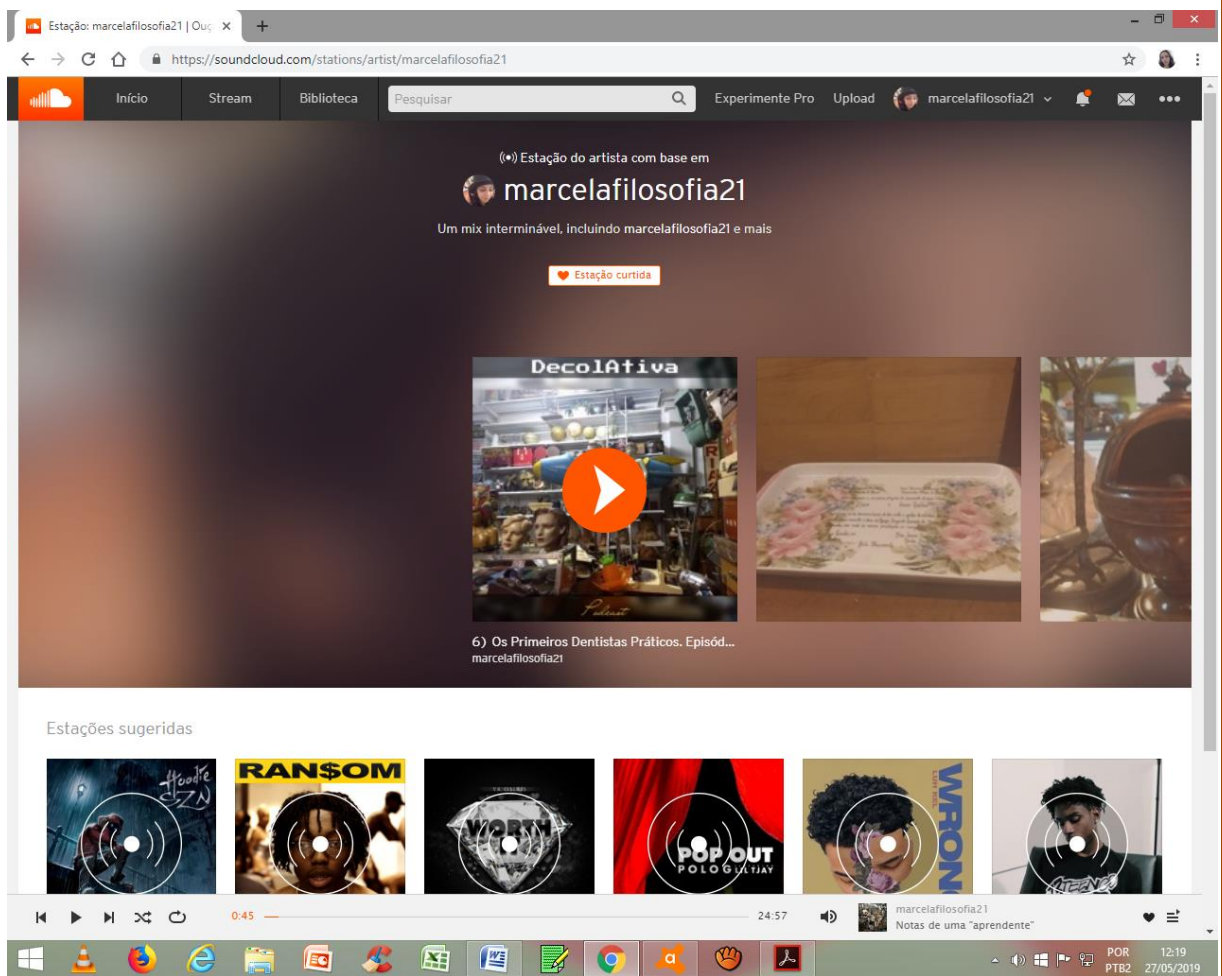
5) Eu acho kitsch demais, né. Episódio 2.

12:17 27/05/2019





Abaixo, o *layout* da estação. No momento inicial, o plano gratuito da plataforma *SoundCloud* permite a hospedagem de horas limitadas de áudios e é igualmente limitado quanto a outros recursos como: comentários públicos, monetização e outros.







Os termos e políticas de uso abrangem a responsabilidade dos(as) produtores(as) de conteúdos quanto à observação dos direitos autorais de músicas que compõem a faixa. É igualmente necessário ao(a) editor(a) do *Podcast* que defina sob qual tipo de licença sua produção será disponibilizada na *web*.

The screenshot shows the 'Metadados' (Metadata) tab of a SoundCloud track's edit page. The form includes the following fields and options:

- Contém música:** Sim (selected)
- Artista:** (empty)
- Editor:** Marcela Teófilo
- ISRC:** ex. USSIZ1001234
- Compositor:** (empty)
- Título de lançamento:** (empty)
- Link de compra:** (empty)
- Título do álbum:** Podcast DecolAtiva
- Gravadora:** (empty)
- Data de lançamento:** DD/MM/AAAA
- Código de barras:** (empty)
- ISWC:** ex. T-034.524.680-1
- P-line:** Por exemplo, 2007 XYZ Record Company Limited
- Contém conteúdo explícito:** (dropdown menu)
- Licença:**
  - Todos os Direitos Reservados
  - Creative Commons
  - Alguns direitos reservados
- Atribuição:**
  - Permite que outros copiem, distribuam, exibam e interpretem sua obra protegida por direitos autorais, mas somente se os créditos forem dados da forma que você solicitou.
- Não comercial:**
  - Permite que outros distribuam, exibam e interpretem sua obra - e obras derivadas -, mas apenas para fins não comerciais.
- Sem derivações:**
  - Permite que outros copiem, distribuam, exibam e interpretem somente cópias fiéis da sua obra, mas não obras derivadas dela.
- Compartilhar afins:**
  - Permite que outros distribuam obras derivadas somente sob uma licença idêntica à licença que rege sua obra.

Buttons: Cancelar, Salvar alterações

**\* Campos obrigatórios**

**Importante:** Ao compartilhar, você confirma que sua faixa respeita nossos [Termos de Uso](#) e não viola os direitos de outra pessoa. Em caso de dúvida, consulte as páginas de [Informações de Direito Autoral](#) e as [Perguntas frequentes](#) antes de enviar.





Pensando nas músicas de fundo, vinhetas de abertura e finalizações, criou-se gratuitamente um canal no *Youtube*...

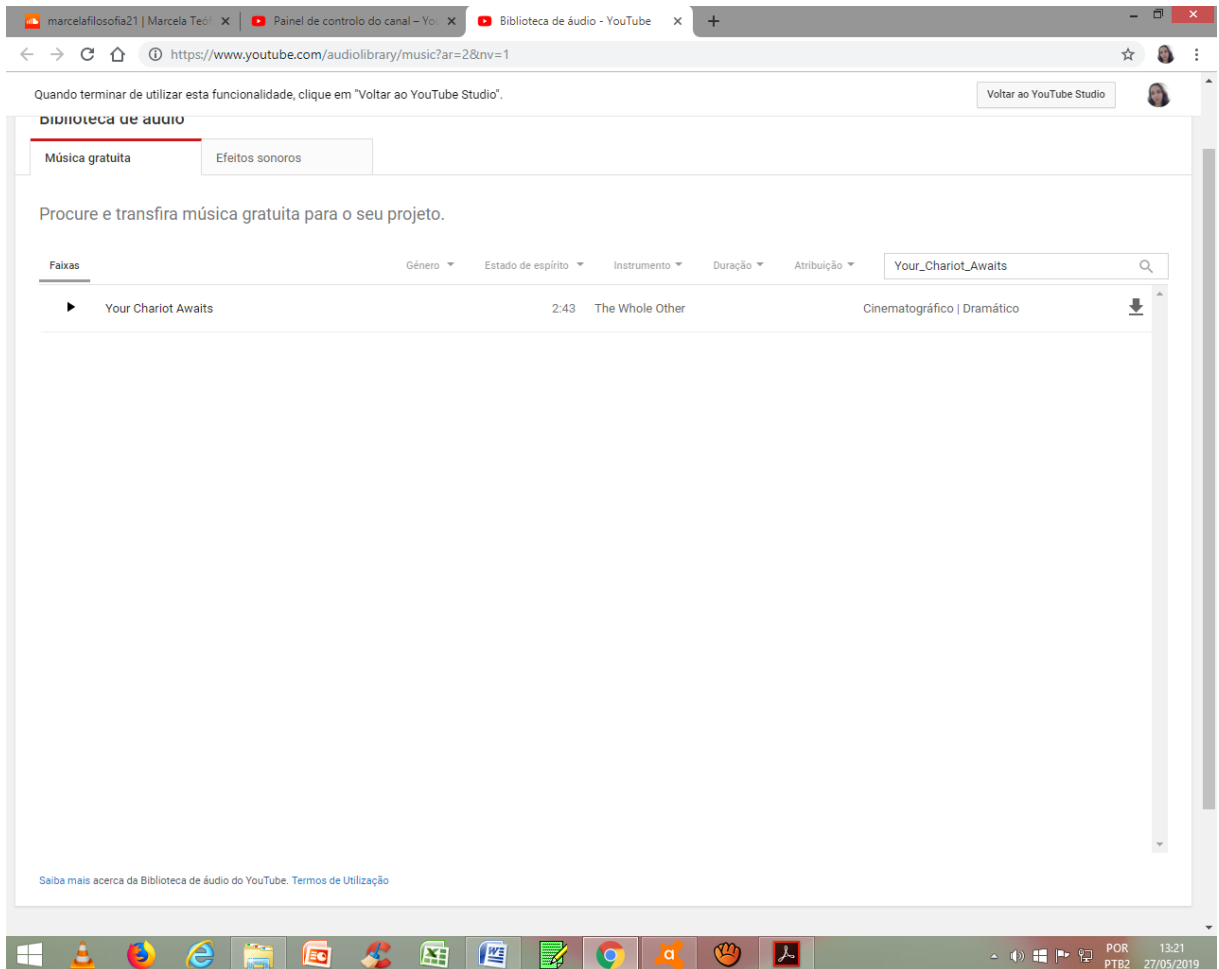
A screenshot of the YouTube Studio channel control panel. The browser address bar shows the URL: https://studio.youtube.com/channel/UC\_QE6uYoPggdGf2xpdINVQ. The page title is "Painel de controlo do canal - Yo...". The main content area displays a large microphone icon and the text "Está preparado para começar o seu canal?". Below this is a blue button labeled "CARREGAR VÍDEO". There are also links for "Obter ajuda com o carregamento" and "Realizar o curso 'Introdução' na Academia de criadores". The left sidebar contains navigation options: "Canal", "Painel de controlo", "Vídeos", "Estatísticas", "Comentários", "Transcrições", "Outras funcionalid...", "Definições", "Novidades", "Enviar comentários", and "Creator Studio clássico". The Windows taskbar at the bottom shows various application icons and the system tray with the date and time: "POR 13:25 27/05/2019".





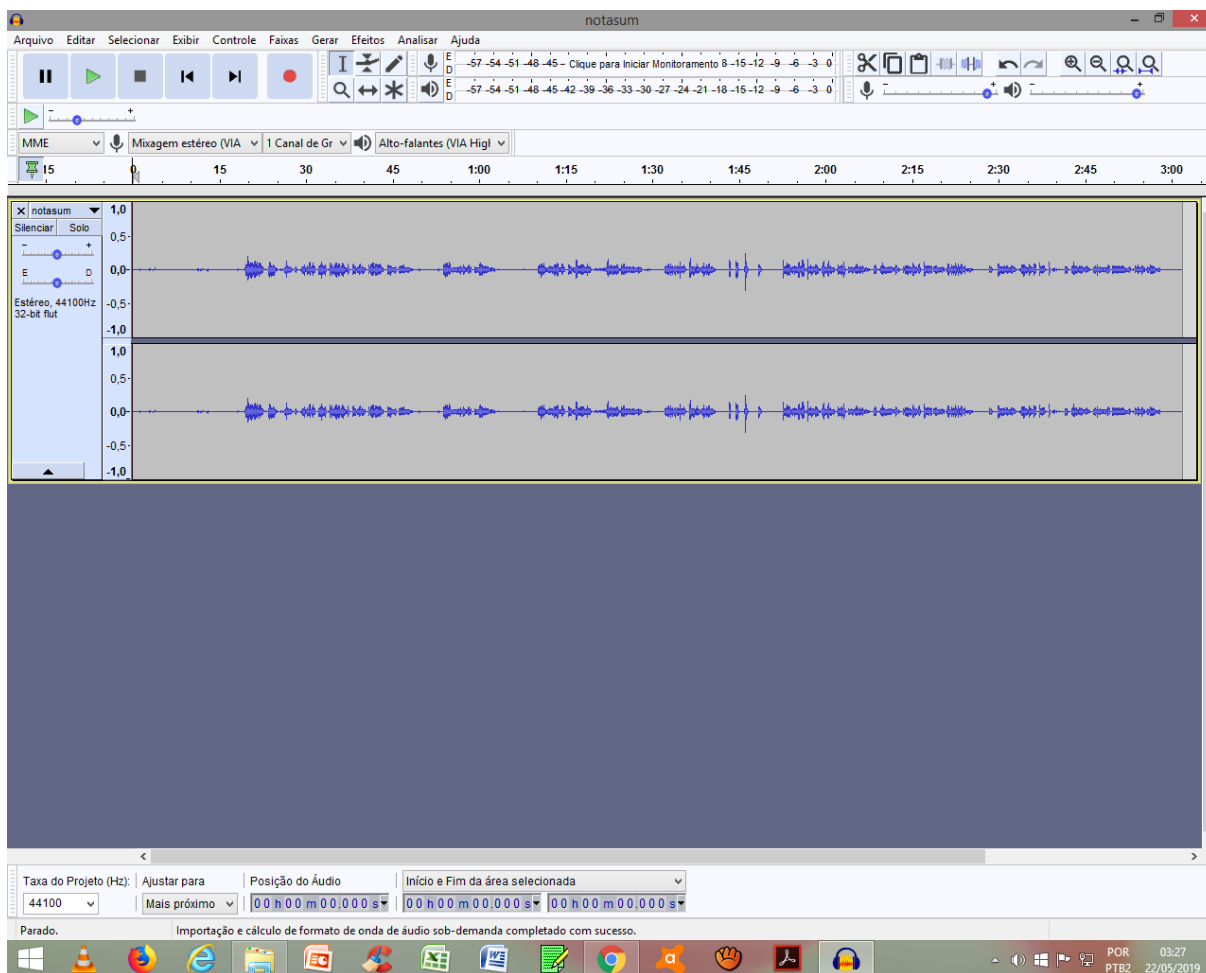


Afinal, o *Youtube* disponibiliza uma biblioteca na qual há áudios gratuitos para baixar, cujas licenças permitem edição e uso livre em projetos autorais de áudio e vídeo.



Conforme o desdobramento do *Podcast DecolAtiva*, há a alternativa de fazer uma pequena edição e disponibilizar cada áudio, com sua respectiva fotografia estática no *Youtube*. Apesar deste não disponibilizar a geração de Feed RSS, pode funcionar como mais um espaço de divulgação e compartilhamento, passível, portanto de captar mais ouvintes para a plataforma onde o *Podcast* está hospedado. Assim, é possível hospedá-lo ainda no *site* oficial do mUc, em *blogs* e expandi-lo para outros agregadores como o *itunes*, para citar apenas um exemplo. O aplicativo do *SoundCloud* é gratuito para baixar em *smartphone*.

Para finalizar, vê-se adiante a tela de edição do *Audacity*, baixado gratuitamente. Tal editor de áudio, assim como o *SoundCloud* e o *Youtube* é um recurso com modalidades de uso livre, cujas aplicações são disponibilizadas em ampla acessibilidade\* para que o manuseio aconteça de maneira intuitiva, fácil de ser assimilada por diversos tipos de usuários(as).



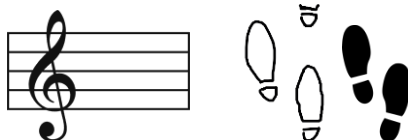
A contagem regressiva das primeiras faixas do *Podcast DecolAtiva* é o início de uma “trilha sonora”. Depois de baixados os áudios, ou mesmo *online*, com celular e fones de ouvido, quem quiser já pode escutar estas primeiras histórias dentro do Museu do Cotidiano (mUc), de frente para os objetos aos quais dizem respeito. Há muitas outras histórias para registrar e variados modos de edição realizáveis. Os conteúdos sonoros decolaram assim: dialogados e espontâneos, pois assim é o cotidiano das visitas ao mUc. Entretanto, a abertura da “curadoria decolAtiva”\* é propícia para as apropriações que se apresentarem. Como proposta de ação educativa, a autoria de captação e edição de conteúdos sonoros envolve aparatos de uso cotidiano, de acesso livre e gratuito. Dá margem a reflexões presentes na dissertação, como direitos autorais, intersubjetividade, políticas de uso, questões éticas, acessibilidade...

“[...] o *Podcast DecolAtiva* é uma ação “aprendente” da vocação do “Objeteiro” e do mUc de encontrar no cotidiano outros meios de sujeitos e objetos contarem eles mesmos as suas próprias histórias. É uma “trilha sonora” que começa meio sem saber ao certo como continua: ação educativa nas visitas, atração da rádio amadora idealizada por Antônio “Objeteiro”, conteúdo mais ativo no site institucional? NSS\* (Não Se Sabe)! Quando os primeiros objetos começaram a ser colecionados, de um jeito parecido, não se sabia que vinha um Museu do Cotidiano pela frente... O importante mesmo é se manter *decolAtivo(a)*!” (Parágrafo final da seção As histórias nas ondas do Podcast DecolAtiva: notas de uma “aprendente” da dissertação *Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos*, orientada pela Profa. Marina Assis Fonseca (PROMESTRE-FaE/UFMG).

**P.S.:** Estas páginas contam um pouco sobre o *Podcast DecolAtiva*: correspondem ao nosso pequenino almanaque, quase sem datas, para uma criação que sonha em poder, de alguma forma, ser eterna...



Fotografia de Marcela Teófilo (2018)



DecolAtivamente,

Marcela de Queiroz Teófilo

Belo Horizonte/Minas Gerais  
2019

\*\*\*



UF **m** G

Fa**E**  
*Faculdade de Educação*

MESTRADO PROFISSIONAL  
EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

